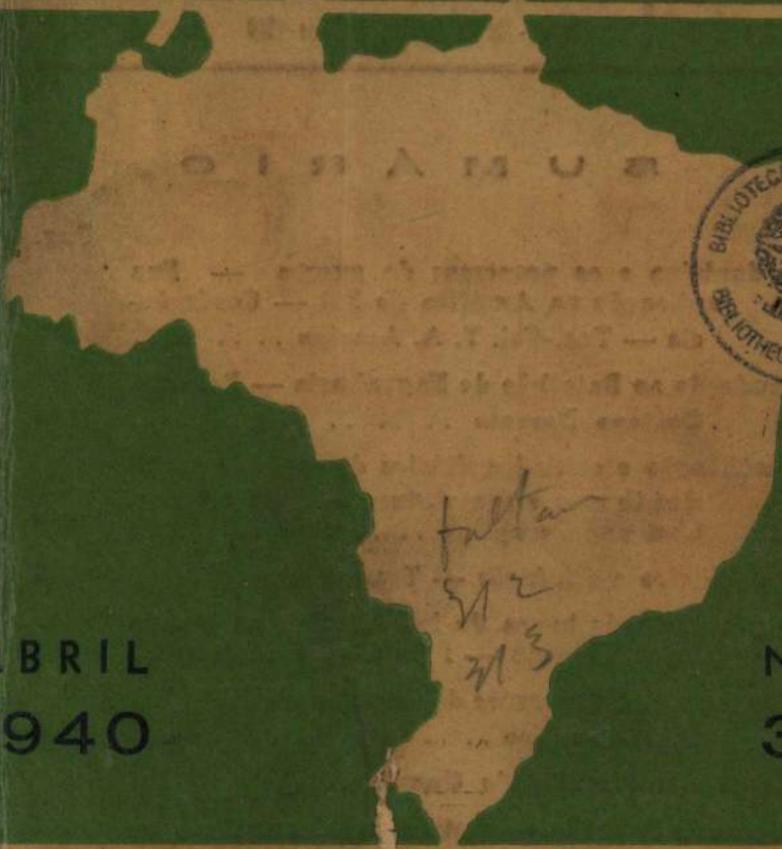


# Defesa Nacional



ABRIL  
1940

NUMERO  
311

Diretores responsáveis:

Gen. Heitor Borges

Maj. Lina Figueiredo

Maj. Batista Gonçalves

DE JANEIRO

■ ■ ■

BRASIL



# A DEFESA NACIONAL

Ano XXVII

Brasil - Rio de Janeiro, Abril de 1940

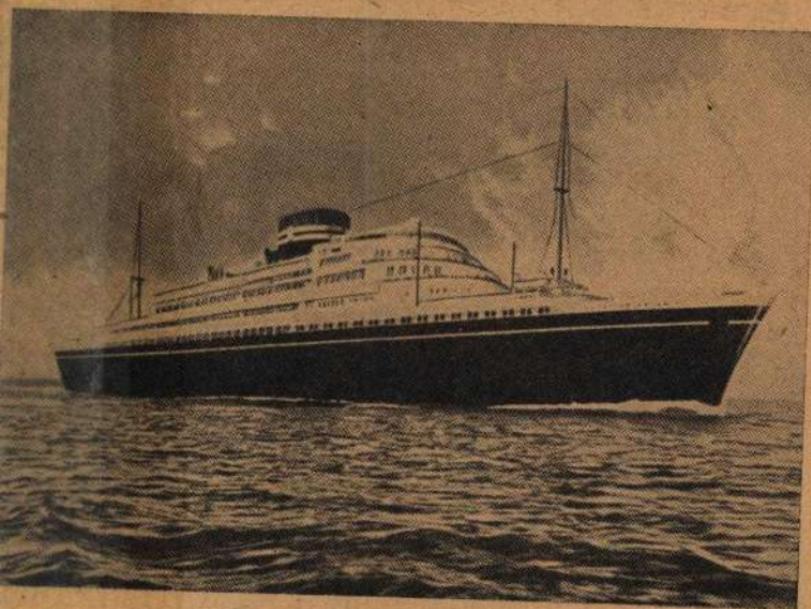
N.º 3II

## S U M Á R I O

	Pag.
A doutrina e os processos de guerra — Sua aplicação na América do Sul — Conferência — Ten.-Cel. <b>T. A. Araripe</b> . . . . .	335
Saudação ao Batalhão de Engenharia — Pelo Dr. <b>Gustavo Barroso</b> . . . . .	353
Verificação e cuidados diários do soldado motorizado com a sua viatura — Pelo 1.º Ten. <b>Umberto Peregrino</b> . . . . .	355
O artilheiro e o infante — Transcrição . . . . .	365
O problema de busca de informações na guerra de movimento — Pelo Cmt. <b>Carpentier</b> . . . . .	367
Dos meus apontamentos de Tenente — Pelo Maj. <b>Nilo Guerreiro</b> . . . . .	381
Novos Armamentos de Guerra . . . . .	400
Livros do Exército — Autores militares . . . . .	401
Um caso concreto de defesa contra-carros — Trad. e adaptação pelo Cap. <b>A. Castro Nascimento</b> . . . . .	401
Do Japão fechado ao convívio internacional á grande potência oriental dos nossos dias — Pelo Ten.-Cel <b>Lima Figueirêdo</b> . . . . .	421

# Viagens á volta do mundo

pelos navios OSAKA SYOSEN KAIRSYA



N/M ARGENTINA MARU'

(Sahindo do Rio de Janeiro no dia 9 de Maio)

Quanto quer ver! Quanto quer gozar! Quanto quer conhecer! eis mares? — O oceano Atlântico do Sul, o mar das Caraibas, o ceano Pacifico, o mar Interior do Japão, o mar da China, o oceano ndico. E quantos paizes, dos mais variados, dos mais diferentes dos mais interessantes costumes: Argentina, o Norte do Brasil, rinidade, o Canal do Panamá, os Estados Unidos (Los Angeles os estudos de Hollywood), o Japão (30 dias de turismo inesque- vel e aprazivel, e todo conforto por regiões lindissimas e encan- adoras), e, de volta, a China, a Malaya, o Ceylão e a Africa do sul. Não precisamos descrever todas aquellas regiões que V. S. pode percorrer em uma viagem ao redor do mundo. Si ainda ão teve o indescriptivel prazer de estudar um mappa do mundo, xperimente agora. Abra o seu mappa, e veja o que lhes poderão proporcionar todos aquelles paizes.

OC. DE NAVEGAÇÃO OSAKA DO BRASIL LTDA.

SANTOS: Rua Cidade de Toledo, 31 — Tel.: 3178.

SAO PAULO: Rua da Quitanda, 82 - 4.<sup>o</sup> andar — Tel.: 2-4485

RIO DE JANEIRO: Agentes Wilson Sons & Co. Ltd.

Av. Rio Branco, 37 — Tels.: 23-5988 e 43-3569

# CASA BROMBERG

Aços - "WIDIA" KRUPP

Estacas de aço KRUPP

Estructuras metallicas

K R U P P

para hangars e pontes



Machinas em geral

Projectos e Instalações

completas para Fábricas



## Bromberg & Cia.

SÃO PAULO      RIO DE JANEIRO

AVENIDA TIRADENTES, 32

RUA GENERAL CAMARA, 64



# INDANTHREN

Tem-se applicado para fingir o BRIM VERDE OLIVA, a tricoline cinzenta, a MESCLA e as LONAS. para o uso do EXERCITO E MARINHA  
Os corantes

# INDANTHREN

— As cores dos tecidos tintos com —

# INDANTHREN

Satisfazem plenamente as condições de solidez e resistencia exigidas pelos Ministerios da Guerra e Marinha

# Machinas Piratininga Ltda.

Engenheiros Mechanicos Fabricantes Especialistas de:

## MACHINAS EM GERAL

Instalações completas para Mandioca,  
Algodão, Oleos, Industrias Chimicas.

Estructuras e Construções Metalicas.

Ventiladores, aspiradores, conductos, valvulas  
apparelhos para condicionamento de ar.

Secadeiros, moinhos, peneiras, elevadores, trans-  
portadores pneumáticos ou mechanicos, arrasta-  
deiras, ampolhadeiras, guindastes, apparelhos  
para carga e descarga em geral.

Prensas para todos os fins, bombas hydraulicas.  
tanques, depositos, autoclaves.

Tornos, machinas, operatrices, transmissões polias, eixos, mancaes.

ESCRITORIOS E FABRICA COM FUNDIÇÃO:

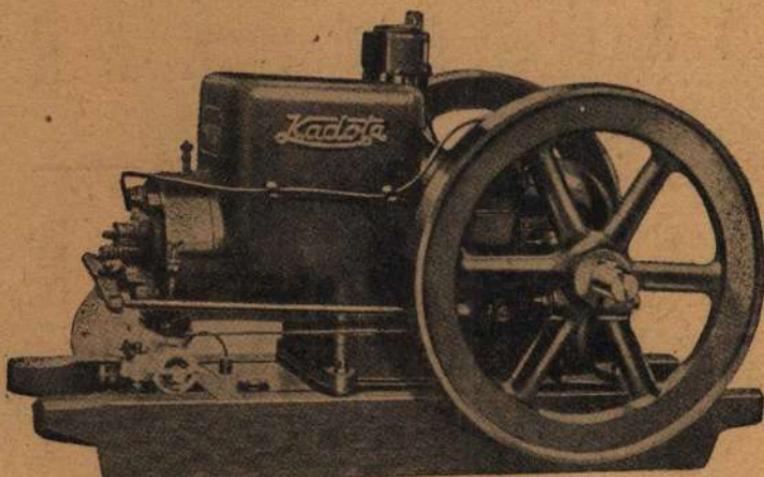
RUA EDUARDO GONÇALVES, 38 e BORGES DE FIGUEIREDO, 973

Telephones: 2-5857 e 2-5858 — Caixa Postal 4060 — Telegarammas "ZAPIR"

SÃO PAULO

## FEDERAÇÃO INDUSTRIAL DO JAPÃO

Caixa Postal, 4058 — São Paulo  
Edif. — BANCO DE SÃO PAULO



Orgão de informações e consultas sobre negócios internacionais

# **ELEKEIROZ S. A.**

ESRIPTORIO CENTRAL

Rua São Bento, 503 - SÃO PAULO

FABRICAS

em São Paulo: R. Boraceia, 2 e em VARZEA.

## **INSECTICIDAS E FUNGICIDAS**

- Aphicida "JUPITER".  
Arsenato de aluminio "JUPITER" (em pó e em pasta).  
Arsenico Branco.  
Arsenato de Calcio "JUPITER" (em pó).  
Arsenato de Chumbo "JUPITER" (em pó e em pasta).  
Bisulfureto de Carbono "JUPITER".  
Extracto de Fumo "JUPITER".  
Enxofre Duplo Ventilado "JUPITER".  
Enxofre Ventilado Cuprico "JUPITER".  
FORMICIDA "JUPITER". (O Carrasco da Saúva)  
INGREDIENTE "JUPITER".  
Verde Paris.  
Pó Bordalês Alpha "JUPITER".  
Sulfato de Cobre "NEVAZUL", etc.

## **PRODUCTOS PARA INDUSTRIA**

- Acido Chlorhydrico  
Acido Nitrico.  
Acido Sulfurico.  
Acido Sulfurico desnitrado (Para acumuladores).  
Alumen de Potassio (em pó e em pedra).  
Ammoniaco.  
Benzina Retificada.  
Ether Sulfurico.  
Perchloreto de Ferro.  
Peroxido de Manganez (Granulado e em pó).  
Sulfato de Aluminio, de Cobre, de Ferro, de Magnesia, de Sodio e de Zinco, etc. etc.

## **PRODUTOS PARA CRIAÇÃO**

- Carrapaticida "JUPITER".  
Extracto de Fumo "JUPITER".  
Qucirozina. (desinfectante).  
Solução "JUPITER" (para envenenar couros).

## **PRODUCTOS PARA AGRICULTURA**

- Adubos completos "JUPITER".  
Adubos completos "POLYSÚ".  
Fertilizantes.  
Adubos concentrados solueis "JUPITER".

## **DESTRUÍDOR DE VEGETAÇÃO**

- Hervicida Plutão (para conservação das linhas ferroviarias, estradas de rodagem, e calçamentos das cidades, campos de esportes, etc.).

Representantes no Rio de Janeiro

**Emilio Polto & Cia. Ltda.**

Rua General Camara, 60 Caixa Postal, 937

# AS GRANDES REALISAÇÕES

— DA —

# ENGENHARIA NACIONAL



TUNEL 10 DA LINHA MAYRINK A SANTOS

(Estrada de Ferro Sorocabana)

**CONSTRUIDO POR**

**NESTOR DE GÓES & CIA.**

# **SANBRA**

---

**Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro S. A.**  
**Industriais e Exportadores**

---

## **USINA DE BENEFICIAMENTO EM**

**AGÚDOS**

**FRANCA PASSOS**

**MARILIA POMPEIA**

**BARRETOS DUARTINA**

**ARAÇATUBA RANCHARIA**

**JABOTICABAL SERTÃOZINHO**

**CORREGO RICO RIBEIRÃO PRETO**

**CERQUEIRA CESAR SANTO ANASTACIO**

**PEDERNEIRAS**

**SÃO JOÃO DA BOA VISTA**

**ESCRITORIO CENTRAL**

**Rua Anchieta**

**Edificio Sulacap**

**SÃO PAULO**

METAES

TALHERES



ENDEREÇO TELEGR. EBERLE  
CÓDIGOS RIBEIRO-BORGES  
ABC SADE GALLESI

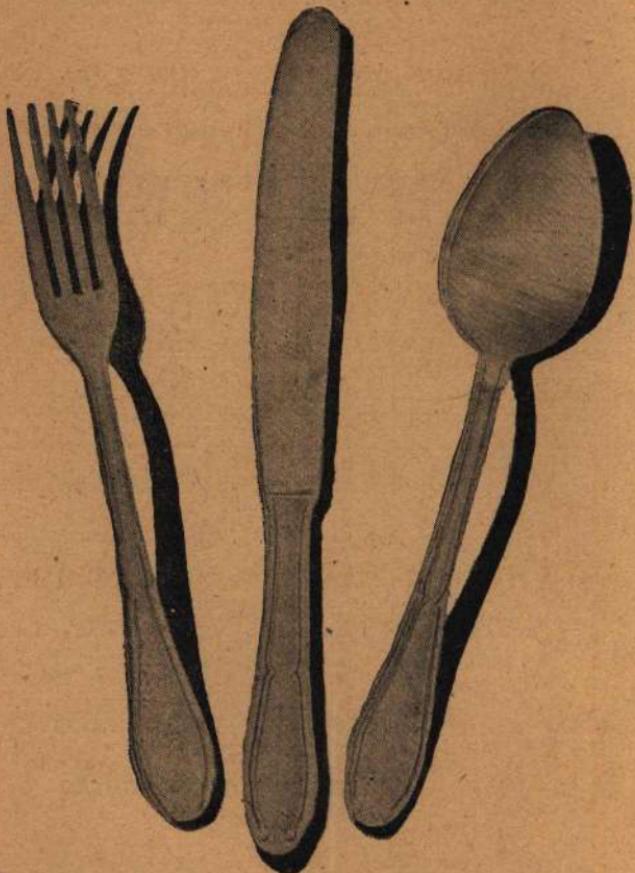
Grande Fábrica Metallúrgica  
*Abramo Eberle & Co.*  
CAXIAS  
RIO GRANDE DO SUL



12 GRANDES PREMIOS  
18 MEDALHAS DE OURO



TALHERES  
EBERLE



A venda nas boas casas do ramo

Especialistas em talheres finos prateados, de alpaca etc. Artigos para culto religioso em ouro, prata e metal. Artigos para montaria em geral, Espada para general, oficial e cadetes do nosso Exército. Guarnições militares. — Fabricantes dos afamados artigos EBELINE para montaria Militar e alta quitações. — Fornecedores do Exército Nacional e das milícias estaduais.

BRASIL

Filial — São Paulo  
Rua Florencio de Abreu, 96-A  
Phone 2-5839

GERENCIA — Rio de Janeiro  
Rua da Quitanda, 66 - Ipanema  
Phone 23-2409

UM NOVO E GRANDE  
PNEU GOODYEAR

## O Novo R-1

Visite um dos revendedores Goodyear e examine este aperfeiçoamento recentíssimo. É um pneu digno do nome Goodyear.

**GOOD YEAR**



## SALITRE DO CHILE

REPRESENTANTES

**Arthur Vianna & Cia. Ltda.**

FIRMA ESTABELECIDA DESDE 1900

FORNECEDORES DO EXERCITO

FILIAL EM SÃO PAULO

Rua Florencio de Abreu, 77

Caixa Postal, 3590 - E. Telegr. "STEARICA"

Telephone 2-7101 (rêde interna)

Matriz em Belo Horizonte

Av. Santos Dumont, 227

Filial no Rio de Janeiro

RUA DA ALFANDEGA, 59

Refinação de Productos de Petroleo

# CAETANO LOURENÇO

Fundada em 1931

Capital ..... 100:000\$000

Contribue para a grandesa do Brasil  
fazendo dos sub-productos de petroleo  
kerozene de 1.a qualidade.

Rua Coronel Emygdio Piedade, 622

TEL. 3-3653 - São Paulo

FUNDIÇÃO GERAL  
OFFICINA MECHANICA

Polias de aço em duas metades  
Electro-bombas para poços profundos

# Alfredo Bolognini & Filhos

Rua Cesario Alvim, 378  
Telephone 3-3818

Teleg.: "INTOG"  
São Paulo - Brasil

NAS  
FABRICAS...



MELHOR  
ILLUMINAÇÃO...



MELHOR DISPOSIÇÃO  
PARA O TRABALHO!...

# BANCO DO BRASIL

O maior Estabelecimento de Crédito do País

Agências em todas as capitais e cidades mais importantes do país e correspondentes nas demais cidades e em todos os países do mundo.

## CONDIÇÕES PARA AS CONTAS DE DEPOSITOS:

<b>Com juros</b> (sem limite) . . . . .	2% a.a. (retiradas livres)
<b>Populares</b> (limite de rs. 10:000\$) . . .	4% a.a. ( " " )
<b>Limitados</b> (limite de rs. 50:000\$) . . .	3% a.a. ( " " )
<b>Prazo fixo</b> — de 6 meses . . . . .	4% a.a.
— de 12 meses . . . . .	5% a.a.

### Prazo fixo com renda mensal:

— de 6 meses . . . . .	3½ % a.a.
— de 12 meses . . . . .	4½ % a.a.

**NOTA** — Nesta conta, o depositante retira a renda, **mensalmente** por meio de cheque.

**De Aviso** — Para retiradas (de quaisquer quantias) mediante **prévio aviso**:

— de 30 dias . . . . .	3½ % a.a.
— de 60 dias . . . . .	4% a.a.
— de 90 dias . . . . .	4½ % a.a.

### Letras a Premio (sujeitas a sêlo proporcional):

— de 6 meses . . . . .	4% a.a.
— de 12 meses . . . . .	5% a.a.

Nesta capital, além da Agência Central, sita na rua 1.<sup>º</sup> de Março n.<sup>º</sup> 66, estão em pleno funcionamento as seguintes Metropolitanas:

**GLÓRIA** — Largo do Machado  
(Edifício Rosa).

**BANDEIRA** — Rua do Mato-  
so n.<sup>º</sup> 12.

**MADUREIRA** — Rua Carva-  
lho de Souza n.<sup>º</sup> 299.

**MEYER** — Av. Amaro Ca-  
valcanti n.<sup>º</sup> 27.

# Companhia Itaquerê

## **Uzina Itaquerê**

*Municipio de Tabatinga*

*Estado de S. Paulo*

---

*Produção em 1939 :— 81.851 saccos.*

*Alcool 477.000 litros.*

*Fuzel Oil 800 litros.*

---

**Rua da Quitanda, 96  
8.º andar**

**SÃO PAULO**

ESTAMPAIRIA  
1924



"CARAVELLAS"  
1939

O. R. MÜLLER & CIA. LTDA. - S. PAULO

RUA CARAVELLAS N. 26 - CAIXA POSTAL, 1155

TEL.: 7.2542



BISNAGAS PARA DENTIFRICIOS DE:  
ALUMINIO  
ESTANHO  
CHUMBO

CHUMBO ESTANHADO  
LAMINAÇÃO DE ALUMINIO "ALCADUR"  
PAPEIS DE ALUMINIO PARA CHOCOLÁTES.  
BONBONS, CIGARROS, ETC.  
CAPSULAS DE ALUMINIO PARA GARRAFAS  
PATENTE ALU-VIN

FORNECEORES DOS MAIORES LABORATORIOS DO PAIZ



BARBELINO  
AFFIRMA:

GILLETTE AZUL  
a melhor lama  
até hoje fabricada

**Gillette**

Gillette

C-10

**BONS LAPIS —**  
**NACIONALIZAÇÃO DO SERVIÇO**

para consegui-la, JOHANN FABER  
fabrica um lapis para cada uso

LOTUS — para cópias  
ZEDER — para "ticar" e sublinhar  
1205 — para uso comum

Os bons lapis levam a marca (Dois Martelos) e JOHANN FABER

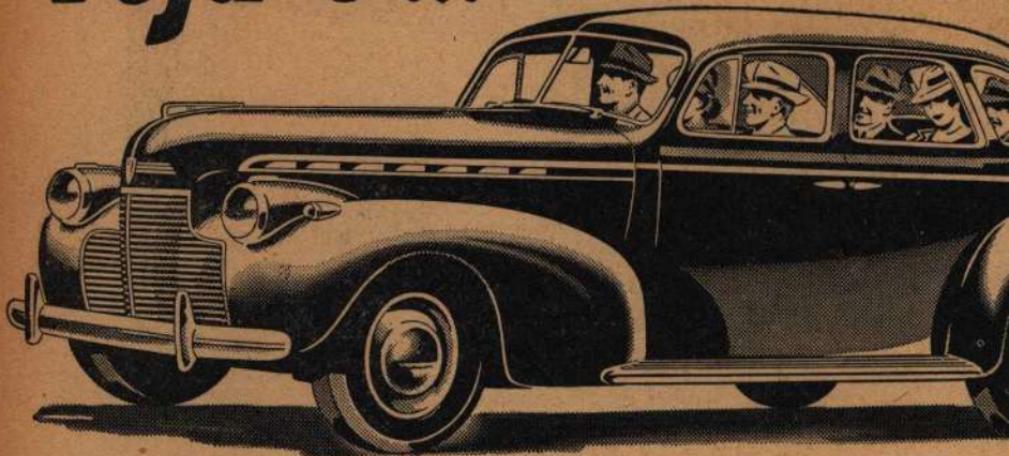
Lapis JOHANN FABER Ltda.

Caixa Postal, 3100 — São Paulo

*m grandes ambientes*

BAIXELAS **Fracança** TALHERES

# ***Veja-o ...***



# ***Experimente-o ...***

**Chevrolet é o carro que se destaca no momento!**

Detenha-se um instante a admirar a soberba estilização "Royal Clipper" do Chevrolet 1940. Veja como são espacosos, elegantes e cheios de conforto os interiores. A carroceria é agora mais longa e mais larga, interna e externamente.

Experimente as qualidades notáveis do Chevrolet 1940: Motor possante e económico, alavanca de cambio a vacuo no volante — em todos os modelos — maior visibilidade geral, nova marcha "Ride Royal", direcção a prova de choque... Examine os muitos outros melhoramentos e característicos do novo Chevrolet. E ficará convencido de que o Chevrolet é, de facto, o carro que se destaca no momento!



**O NOVO**

# ***CHEVROLET***

É UM PRODUCTO DA GENERAL MOTORS

**1940**

**Agentes nas principaes cidades do Brasil**



# A doutrina e os processos de guerra

## Sua aplicação na America do Sul (\*)

Pelo Ten. Cel. T. A. ARARIPE

### SUMARIO

- I — INTROITO
  - II — OJETIVIDADE DA PREPARAÇÃO PARA A GUERRA
    - Que guerra ?*
    - O problema militar específico*
    - Caso da Europa
    - Caso dos países Sul-americanos — guerra de várias modalidades.
    - Diversidade dos teatros de operações — objetivos de guerra — aspecto físico
    - Influência cronológica — progresso da indústria e da técnica.
  - III — CONDIÇÕES PARTICULARES DA GUERRA NA AMERICA DO SUL
    - Como faremos as nossas guerras ?*
    - As opiniões precipitadas
    - Influência moral e política
    - Influência da técnica.
- Regra básica da preparação para a guerra*

(\*) Conferencia pronunciada por ocasião da abertura das aulas do E. E. M.

## IV — A DOUTRINA E OS PROCESSOS DE GUERRA NA AMÉRICA DO SUL

*Quais serão a nossa Doutrina e os nossos processos de guerra?*

Como aproveitar a experiência dos exércitos adiantados?

Do Gen. GAMELIN ao Gen. DE LAVALADE.

## V — CONCLUSÃO

*A regra basica de aproveitamento da Doutrina e dos processos*

Adaptação inteligente — Flexibilidades nas soluções

*O espírito da ação dos Chefes e dos oficiais de Estado Maior.*

## O ESPÍRITO DOS TRABALHOS DA ESCOLA DE ESTADO MAIOR

### I — INTROITO

Iniciamos hoje as nossas atividades.

O termo iniciar não representa aqui o conceito próprio de “novidade”, por isso que na obra comum que hoje encetamos, longe de se vislumbrarem coisas novas, só se reafirmarão a *uni-dade* e a *contintuidade* de uma mesma *preparação* ou, se quisermos ser mais completo na idéia, de uma só *Educação Militar*.

Nesta marcha de aperfeiçoamento contínuo e progressivo, cujos primeiros passos remontam, não poucas vezes, de primeiras aspirações infantís, galgamos cada dia novos degraus e am-

pliamos o horizonte das experiencias, o qual se alarga em melhor compreensão dos fenomenos, se desdobra em maior raio de ação e se anuvia de responsabilidades crescentes. Do mais simples soldado aos chefes dos mais altos postos, como até aos homens de governo, ha ininterrupta corrente de esforços e de idéias, de atos primários e de concepções de largo alcance.

## II — OBJETIVIDADE DA PREPARAÇÃO PARA A GUERRA

### *Que guerra?*

Todos os nossos esforços educativos, como os de organização, norteiam-se, em última analise, para uma só *finalidade*, uma *objetividade*, uma *realidade objetiva*, a *segurança nacional*, ou, no fraseados dos textos militares, “*a preparação para a guerra*”. Não ha como aceitar que êsses esforços não se orientem para um destino definido, uma aplicação concreta, para consequências e resultados eficientes. Mas que guerra? A guerra no sentido geral, indefinido? Uma determinada guerra? Guerras de várias modalidades? A guerra de ontem? A de hoje? A de amanhã? Como será a guerra do futuro? A guerra “à européia”? A guerra dos meios poderosos? A guerra sul-americana? A guerras de fracos recursos com processos tipicamente regionais?

Nessas interrogações enfeixam-se os juizos apressados de alguns profissionais, a insegurança dos que não encaram o conjunto dos fenomenos da guerra e as duvidas que se originam de anomalias mais aparentes do que reais na apreciação dos fatos geográfico-militares.

Não se prepara a guerra de maneira abstrata. Torna-se mesmo necessário combater a tendência pouco realista das belas concepções, sem fundo objetivo, obras do espírito puro, atraentes, perfeitas, harmoniosas, porém inexequíveis e inoperantes.

### *O problema militar específico*

E' trivial que a segurança de cada país constitui um problema de espécie. Cada Nação tem o seu problema politico-mili-

tar nitidamente determinado pelo fator territorial e pela posição geográfica relativa, à estrutura física do país, à situação política externa, à potencialidade econômica e industrial, à mentalidade de sua população e em particular da elite que a dirige.

### *Caso da Europa*

Na maioria das vezes, o problema se define pela predominância da situação política-geográfica e pela imposição do objetivo da guerra.

No caso da França, por exemplo, é aceitável dizer com "Altmeyer": "Preparamos especialmente uma guerra, a guerra do teatro de operações de NE., o Exército francês contra o seu mais provável adversário eventual, — o Exército alemão". A existência de fronteiras naturais com a Itália, Espanha e Suíça e a situação especial desta e da Bélgica dão caráter por demais secundário às medidas preventivas que as mesmas correspondem. O principal — o inimigo de NE. — domina quasi que inteiramente o problema.

Contudo, e na realidade, a França prepara as guerras na Europa e também as colônias. A sua doutrina encara êssas modalidades.

### *Caso dos países Sul-americanos. Guerras de várias modalidades*

Será a mesma coisa no caso de um país de enorme extensão territorial, com grande desenvolvimento de fronteiras cada uma de condições diversas, cercado por vários países de situações diferentes e com variados teatros de operações?

Será possível, nesse caso, preparar uma só guerra?

Temos como prudente responder pela negativa.

Nestas condições que focalizamos, cada região geo-estratégica é um "mundo", distanciada uma da outra não só pelo espaço, como principalmente pelas condições econômicas, demográficas, de relevo, de estrutura do solo, de clima, de habitabilidade, etc.

*Objetivos de guerra e os teatros de operações.*

Em cada uma, os possíveis objetivos da guerra têm caráter diferente. Em todas elas, êstes, por demais afastados, parecem quasi inatingíveis. Em algumas, não vemos como dar golpe profundo e fatal na vida do país adversário, por isso que a simples conquista de territórios pobres, despovoados e quasi abandonados, não significa, salvo a influência moral, dano sensível à economia geral das grandes nações americanas. Noutras, porém, embora o afastamento seja fator de monta quanto aos resultados que se esperam da guerra, há sempre maior possibilidade de atingir os centros vitais do adversário em tempo mais ou menos longo. Desse modo, a exequibilidade dos objetivos eventuais da guerra, classifica as zonas geo-estratégicas segundo ordem de importância que se reflete na solução do problema militar referente a cada uma.

*Influência do aspecto físico*

Por outro lado, o aspecto físico e as condições de vida e das comunicações de cada teatro de operações estão a exigir dispositivos e processos estratégicos essencialmente adaptáveis às respectivas situações particulares.

Se, admitirmos por exemplo, que será possível adotar para uns os dispositivos e processos dos exércitos de massas, equipados inteiramente a europeia, para outros, entretanto, não se passará do emprego de destacamentos ligeirados, verdadeiras colunas que atuarão isoladamente. Essa diferenciação de teatros de operações repercute também na organização, na tática e na logística. O que se prevê para terrenos descobertos, ligeiramente ondulados, de comunicações fáceis não terá aplicação em zonas cobertas, montanhosas, de penetração difícil, etc.

A par disso, a existência de imenso litoral marítimo, repartido em zonas de características diversas, torna ainda mais complexo e variados os problemas estratégicos, de organização, táticos e logísticos, no seu conjunto.

Para cada uma dessas regiões, de aspecto físico e condições

de vida contraditórios, a guerra se apresentará com necessidades diferentes.

Será preciso, portanto, preparar não uma guerra única, mas várias guerras de modalidades diversas. A organização da Nação para a guerra, tanto no sentido do funcionamento de seus órgãos vitais, como no consoante à doutrina da guerra, deve corresponder a todas essas modalidades.

Isso no ponto de vista geográfico.

### *Influência cronológica*

Segundo o aspecto cronológico, sabemos que não preparamos a guerra de ontem, nem a de hoje mas a guerra do futuro. Os progressos da técnica são por demais rápidos. Os meios de luta modificam-se, aperfeiçoam-se, nascem e crescem ininterruptamente; modificam-se as condições económicas e industriais; tomam novos aspectos as manifestações morais e psicológicas das lutas. Os países que vivem sob o acicate da guerra iminente e que dispõem de organização militar completamente em dia com as próprias necessidades e os progressos da técnica preparam integralmente a guerra de hoje mas têm quasi integralmente realizada a preparação da guerra de amanhã. Contudo, não se iludem "Por mais desenvolvido que a êsse respeito seja o esforço da nossa imaginação, empregada de bom senso e escudada nos conhecimentos técnicos, a proxima guerra não será exatamente tal qual a tivemos previsto; o material ainda não experimentado em massa na ação fará surpresas; durante a luta êle desenvolve-se á rapidamente em número e quantidade; as condições morais e psicológicas da luta dependerão da situação política e social do momento" (Gen. Altmeyer — Tactique Générale). Na realidade êsses países acabam por preparar diferentes tipos de guerra: guerra de ação brusca e violenta, em que a manobra e a condensação de todos os meios de luta predominam; guerra de contemporização em que o exito deve vir de ações ainda não determinadas, etc.

Nos países de formação militar incipiente e em que as causas de guerra não parecem iminente, a preparação viza mais a

guerra de amanhã e a do futuro do que propriamente a de hoje. Os recursos disponíveis na hora presente, por demais parcós, não permitem uma solução completa, satisfatória e imediata do problema. Sem que se ponha de lado a possibilidade de aproveitamento compulsório desses recursos no estado em que se acham — porque, “quem não tem cão caça com gato”, — todos os esforços são orientados por espírito de larga previsão e também de antecipação.

O trabalho de preparação para a guerra orienta-se aí no sentido do progresso econômico, industrial e social da Nação e sem perder de vista o desenvolvimento rápido e contínuo da técnica de guerra. Naturalmente êle se decompõe em etapas sucessivas para bem concretizar os objetivos de realização prática, evitando-se o domínio do subjetivismo perigoso ou das fantazias ilusórias.

Considerada isoladamente no término de cada etapa, a guerra preparada se apresenta com aspectos diferentes ou como guerra de várias modalidades.

Assim, senhores, ainda nesse ponto de vista cronológico não se deve preparar uma só guerra, mas guerras de várias modalidades.

### III — CONDIÇÕES PARTICULARES DA GUERRA NA AMÉRICA DO SUL

As considerações que acabamos de fazer para responder as perguntas formuladas nos levam a indagar:

Como faremos as nossas guerras? A guerra a européia? A guerra dos meios poderosos? A guerra sul-americana? A guerra dos fracos recursos com processos tipicamente regionais?

#### *Opiniões precipitadas.*

Ha quem pretenda estabelecer profunda diferenciação entre a guerra européia e a guerra sul-americana, negando a possibilidade de aplicarem-se aqui as concepções, a doutrina, os princípios e os processos estabelecidos para as guerras da Europa. Ha quem chegue ao exagero de pedir concepções, doutrinas, princípios e processos tipicamente regionais.

Aqui mesmo nesta Escola, certos oficiais que tomaram parte em lutas internas começaram por se insurgir contra a doutrina, ensinada sob pretexto de que ela não era cabível nos teatros de operações da America do Sul.

Lembro-me bem de um incidente de Vg. em determinada zona do Rio Grande do Sul, em que, por casualidade, o Comandante arguido era o mesmo oficial que aí se batera anos atrás.

Em um primeiro ímpeto, procurara resolver o incidente reproduzindo a gesto sumário do entrevêro, só admissível ante a carência completa do fogo inimigo. Gesto característico êsse que assinalava um estado de compreensão da doutrina de guerra, e esquecia que aqui só se prepara a guerra entre exércitos organizados e não contra grupos armados.

E' certo que os pequenos exércitos da America do Sul não podem copiar integralmente o que fazem os exércitos europeus, porem devem nestes se inspirar para criar procedimento adequado as respectivas situações particulares.

Pode-se pensar, como já referimos, que ha grande distancia dos campos de batalha européus, da densidade dos exércitos empregados, dos esforços pedidos às populações ao que poderá acontecer nesta parte do continente americano. Entretanto, assim não é.

A mór parte dos fenomenos da guerra, se reproduzirá, talvez em grau de intensidade menor, nas nossas operações. Mas nem por isso, cada um deles deixa de ter acentuada influência na preparação das guerras. A análise salientará as principais características dessa influência.

### *Influência moral e política.*

Nos pontos de vista moral e político é preciso considerar:

- a ausência de mística verdadeiramente guerreira, como a possuem os povos européus, espicaçados pelos ódios raciais e lutas económicas;

- a vigência de grandes períodos de paz;

- o afastamento dos teatros da luta, o qual coloca a maior massa da Nação ao abrigo das repercussões diretas da mesma luta.

Daí a necessidade de preparação moral habil e capaz de contrabalançar a tendência “pacífico-comodista”, cujo primeiro indício é não acreditar na guerra.

Essa preparação talvez secundária na Europa, é obra que desde o início aqui se emparelha com a preparação material e técnica da guerra.

### *Influência da técnica.*

No ponto de vista material ninguém se esquia aos progressos da indústria e da técnica militar. “*A multiplicação e o aperfeiçoamento dos engenhos de destruição( que colocam a maquinaria no primeiro plano entre os fatos de que depende a vitória; a ação esmagadora do fogo, eficaz a distâncias cada vez mais consideráveis; a extensão da luta no domínio aéreo, são fenômenos que imprimem à batalha moderna um caráter que independe dos efetivos, da situação geográfica ou da extensão dos teatros de operações”* (Curso de Estratégia — Gen. Spire).

Uma metralhadora, um morteiro, um carro de combate, uma granada carregada com iperite produzirão os mesmos efeitos aqui ou acolá; o raio de ação de um avião carregado de bombas não difere de um para outro continente.

Na guerra, seja onde fôr, vencerá quem dispuser de mais poderosos recursos, mais numerosos e aperfeiçoadas armas e quem melhor souber aplicar estas.

Tudo reside em possuir recursos e saber empregá-los. Entra, então, em cena a capacidade de realização e a possibilidade de utilização dos meios.

Nessa adoção de novos engenhos, convém ter em conta a observação do Marechal HAIG em suas correspondências: “O aparecimento contínuo de novas idéias reclamou maior atenção no sentido não somente de evitar seja repelida ou não estimulada uma invenção ou uma sugestão de valor, como ainda de moderar os entusiasmos dos especialistas e impedir que cada novo organismo adquira proporções exageradas em relação ao seu valor real”. Ex.: — motorização, aviação. O Cel. CRESPO, do Exército argentino, em “*La Nacion y sus armas*”, chama a aten-

ção para o exagero na adoção dos progressos da técnica: "O perigo das teorias e das atitudes pessoais está bastante enraizada em alguns exércitos jovens, devido ao abandono da realidade, ao desprezo do próprio meio e da prática dos exercícios de guerra em tempo de paz e sobretudo à tendência acentuada que existe nos hábitos das nossas predileções em nos sentirmos obrigados, por submissão mental ou espiritual, a adotar, sem mais aquela, o que se usa ou que costuma fazer nos exércitos distanciados do nosso ambiente e de nossas aptidões para conduzir a guerra mais rudimentar.

"Porém o que mais interessa ao prever-se contra a sobre-carga orgânica, tanto nas grandes como nas pequenas unidades, é o fato de que, sendo cada dia mais perfeita a organização técnica das forças militares, mais exigentes e mais difíceis são o problemas das matérias primas, o das indústrias e o do reabastecimento.

"Devemos convir na necessidade de selecionar os meios e elementos, simples e em número reduzido, evitando-se a multiplicação e a adoção e quantos instrumentos se conheçam, de maneira que se possa realizar a organização de guerra em termos práticos e seguros; isto é, em tais condições orgânicas e de funcionamento que não prejudique a ação individual das tropas e ao movimento destas".

E continua: "É preciso estabelecer, como medida de segurança e acerto o equilíbrio entre a eficiência e o máximo das possibilidades operatórias, táticas e estratégicas. E como já disse acima, devemos medir e coordenar a eficiência das forças militares de acordo com a capacidade de produção do país; isso sobretudo na construção dos elementos mecânicos e meios aperfeiçoados, difíceis de serem produzidos no ambiente americano e cuja regulamentação completa e obrigatória parece superflua".

Conclui ainda: "Os atuais impedimentos dos Exércitos constituem verdadeiros obstáculos à manobra ativa e rápida que o futuro promete. É preciso saber neutralizar essa espécie de contra-sentido da ética da guerra selecionando, com inteligência e sentido objetivo, os meios e recursos para estar em condições de

suportar a luta e vencê-la, pondo de lado um aperfeiçoamento baseado em fórmulas empíricas e abstratas e uma organização idealizada com o que não podemos adquirir, nem manejar por isso que não está ao alcance de nossa capacidade profissional. Devemos agir com critério concreto e dar-nos por satisfeito em poder estabelecer e possuir efetivamente um instrumento que, se não é o melhor dos conhecidos, seja em compensação o melhor que possamos criar e possamos depois... manejar".

Essa prudência do abalizado autor argentino deve ser considerada nos devidos termos. Os exemplos históricos mostram que as conclusões acima não tem significação absoluta. A duração da guerra, por ex. lhes dá uma certa relatividade. A guerra da Secesão, como sabeis, já apresenta típico exemplo do que pode ser o aumento das forças materiais ativas dos beligerantes no próprio decurso da guerra e de como daí poderão resultar profundas modificações das regras e dos processos de guerra.

Na luta de vida e de morte, os contendores souberam criar meios poderosos, alguns ainda não previstos. Apareceram canhões gigantes para a guerra de sitio, canhões de trincheira, armas de repetição, metralhadoras, vagões couraçados, trens blindados, meios de transmissões e de observação novos, experiências de aerostação, novos obstáculos de fortificação passageira, etc., etc. ao mesmo tempo que se formavam exércitos com aparelhamentos tão adiantados quanto os seus congêneres da Europa.

A guerra do Chaco, por sua vez, já apresentou uma miniatura do fenômeno.

Os exemplos dados pelas conquistas imperialistas dos últimos anos afastam quaisquer ilusões e orientam os nossos sentidos não para os nossos vizinhos porem para povos ultra-mar, veseiros em pôrem a mão de ferro dos exércitos modernos, armadas e aeronáuticas poderosas, sobre os países que confiaram na defesa proporcionada pela própria natureza ou apoiados nas garantias da lei.

E no dia em que aqui se apresentarem êsses exércitos, essas marinhas e aeronáuticas, não queremos reproduzir a situação

em que se encontram os nossos ancestrais, opondo os seus taca-  
pes e arcos aos arcabuzes, piques e rodizios dos conquistadores.

*Regra básica da preparação para a guerra.*

Não ha que fugir à *verdade* enunciada. Na guerra, seja onde fôr, vencerá quem dispuser de mais poderosos recursos, mais numerosas e aperfeiçoadas armas e quem melhor aplicar estas.

E só com Exército, Marinha e Aeronautica, inteiramente modernizados poderemos fazer a guerra e vencer.

Porem, senhores, como ha grande passo da atual escassez de recursos às necessidades máximas, será indispensável seguir na solução do problema da guerra a diretriz adotada aliás por qualquer exército pobre ou rico — “*tirar o melhor partido do que existe, — por mais parcós que sejam os meios — porem preparar e realizar as evoluções futuras, mantendo-as principalmente em guarda contra as surpresas que essas evoluções possam ocasionar aos imprevidentes*”.

Semelhante espírito realista, porque atende às condições presentes e realizador porque não esquece as necessidades máximas, está de perfeito acordo com a prudência do Cel. CRESPO.

#### IV — A DOUTRINA E OS PROCESSOS DE GUERRA NA AMÉRICA DO SUL.

Apreciadas, embora sumariamente, as condições gerais que dizem respeito a preparação da guerra, e que, de algum modo delineam o ambiente em que esta se desenrolará, vejamos agora os aspectos prováveis de que se revestirá a sua execução nos teatros de operações que particularizamos.

Em outras palavras, analizaremos como se aplicam a êsses teatros a ciência militar e a doutrina de guerra dos exércitos mais adiantados.

*Quais serão a nossa doutrina e os nossos processos de guerra?*

*Qual o espírito de nossa regulamentação tática e estratégica?*

Desde já devemos reconhecer que, assim como ninguem se pode esquivar aos progressos da indústria e da técnica militar, também não é possivel deixar à margem a experiência militar, consolidada no passado e sancionada nos tempos modernos por exércitos de vários feitos que atuaram em circunstancias diversas.

De qualquer modo, os processos, que devem ser adotados neste ou naquele teatro de operações, nestas ou naquelas circunstancias, fundamenta-se no que se fez e no que se faz algures.

Não podemos fugir à contingencia de aproveitar a experiência dos exércitos mais experimentados.

### *Como aproveitar essa experiência?*

E se são várias as experiências, qual a que deve ser utilizada?

E' sabido, como muito bem acentúa o Gen. GANELIN em uma das primeiras conferencias no Brasil, que, em Estratégia como em Tática, ha uma parte permanente — que podemos chamar de *Doutrina de Guerra* — e que resulta da essencia mesma da guerra, e uma outra que se transforma com os meios de que dispõem os exércitos em presença, como varia com os terrenos e os climas; são os processos de manobra e de combate.

Não se pode conceber o exército de 1918 combatendo como o de Austerlitz; e muito menos que se combata da mesma maneira contra alemães e contra marroquinos, na montanha como na planície na Champagne, como em Argognes ou nos Vosges. Essa variedade de processo torna-se mais evidente quando se apreciam as diversas frentes e vários teatros de operações de guerra de 1914-1918. Os teatros de operações, os recursos, as raças impuseram processos diferentes na França, na Polonia, na Galicia, na Transvania, na Rumania, na Servia, etc. Mesmo na frente ocidental os processos do inicio da guerra transformaram-se no periodo de estabilização, como adquiriram novos aspectos no período de movimento de 1918.

A própria regulamentação dos exércitos europeus dobrou-se a essa variabilidade e apresentou-se sempre com o grão de flexibilidade indispensavel às adaptações dos meios novos e dos

processos às circunstâncias. Mesmo de longe, vemos, agora de um lado um partido realizar numa frente a guerra brusca, da ofensiva violenta e das manobras ousadas e ao mesmo tempo noutra frente soldar-se ao campo entrincheirado, à guerra de uzura, à estabilização; o outro partido, cujas aspirações tendem para a manobra e a guerra de movimento, aproveitar com vantagem as suas fortificações, no sentido de melhor reunião de meios e regressar de algum modo aos processos pouco desejados da estabilização de 1914/18.

Não pára aí o espírito de diferenciação dos processos. A documentação não se esquece de adaptá-los aos casos particulares de emprêgo nos Marrocos, Siria, Extremo Oriente, Indias, etc..

*Qual será o sentido de adaptação dos processos aos teatros sul-americanos?*

O Gen. GAMELIN mostrando a persistência do conceito napoleônico, apesar do considerável progresso dos meios de guerra, chama a atenção para o caso particular do Brasil, quanto à Estratégia, sensivelmente diferente da da Europa contemporânea, pelo menos em relação as frentes principais.

Reconhece, contudo que se todos os meios da Estratégia não atingem aqui o mesmo grau de perfeição, a questão dos efetivos em presença intervém para equilibrar os fatores e manter a possibilidade da manobra.

Para ele “quando se tratar de verificar como os processos de guerra podem transformar-se nos nossos terrenos e para a guerra que teremos de fazer, será preciso considerar que os dados essenciais dos atuais processos de combate não se modificam. Haverá que atender apenas a modalidades”.

Quanto à Tática, acha que é uma questão de armamento e de terreno. Se os terrenos se parecem, os processos serão forçosamente parecidos, em conjecturas analogas, desde que o armamento seja da mesma natureza.

Nunca é demais chamar a atenção para a obra de adaptação iniciada entre nós por GAMELIN. Pode ter apresentado defeitos, como talvez na questão da artilharia, mas aproveitava o

que existia e balizava um degrão da organização desejada. Ainda hoje, quando se compararam as condições da época, se é forçado a reconhecer o senso de equilíbrio da diretriz que o atual Generalissimo imprimiu à sua obra entre nós. Quanto mais se medita, mais acertado nos parece o caminho então traçado.

Outro chefe da M. M. F., o Gen. SPIRE preconiza a mesma ordem de idéias. A Tática que devemos empregar se baseia na experiência da guerra de 1914/18, porém, a Estratégia apresenta restrições. Analizando as questões de efetivos, frentes e os recursos da manobra, êle conclue:

“Assim, pois, quando quizermos imaginar as condições de uma guerra empreendida pelo Brasil e procurar esclarecer o futuro com ensinamentos do passado, devemos escolher os nossos exemplos não nas operações desenvolvidas na frente ocidental no decorrer das duas últimas fases, mas, sim, na primeira fase e também nos ensinamentos de outros teatros de operações diferentes do da França, como ainda nas demais guerras que não a mundial”.

Bate na mesma tecla o Gen. BAUDOUIN, mestre nesta Escola e posteriormente chefe da Missão: “No Brasil, onde os territórios são imensos e as fronteiras se estendem por milhares de quilômetros, onde a densidade das tropas em campanha não poderá comparar-se absolutamente à das tropas europeias empregadas no correr da Grande Guerra, parece, desde logo, que o carácter das operações se aproximará o daquelas que se realizaram na frente oriental da Europa.

O movimento, isto é, a mobilidade e as aptidões manobreiras das tropas terão capital importância; mas não se deve esquecer que sempre haverá batalha em pontos importantes e que as batalhas serão ações de destruição em que o fogo desempenhará papel preponderante”.

Outro mestre insigne, o Cel. CORBE' disse nesta sala, de forma concisa: “No Brasil deveis empregar, não a tática européia dos grandes efetivos em teatros de operações restritos, mas a de pequenos efetivos nos grandes espaços”.

Ainda recentemente, o Gen. NOËL aqui estudou a forma da manobra brasileira, assim estereotipada:

- |   |   |
|---|---|
| <p><b>Fatores:</b> grandes intervalos,<br/>exércitos poucos numerosos</p> <p><b>Procesos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— capacidade de resistência</li> <li>— engajamentos bruscos irregulares</li> <li>— lento deslocamento das reservas (falta de estradas e meios de transportes)</li> <li>— fácil direção das colunas</li> <li>— difícil dosagem</li> <li>— capacidade de durar.</li> </ul> | <p>} caracteristicos das guerras napoleonicas.</p> <p>} Características da guerra napoleonica e tambem da guerra moderna.</p> |
|---|---|

Mais recentemente ainda o Sr. Gen. DE LAVALADE procurou aqui responder à pergunta:

“Convém a tática que ensinamos com propriedade ao caso do Brasil?”.

Em seus argumentos, ele expõe a convicção de que “a doutrina francesa (não diz que convém melhor ao exército brasileiro do que ao francês) se adapta melhor a um teatro de operações brasileiro do que a um francês”. No ponto de vista da manobra, a tendência da regulamentação francesa, — o General insiste sobre a ausência das frentes contínuas, na existência dos intervalos e nas vantagens da manobra.

## V — CONCLUSÃO

*Regra básica do aproveitamento da doutrina e dos processos.*

De propósito arrolei as opiniões dos nossos mestres. Elas seguem uma única diretriz: a necessidade da adaptação dos processos às nossas condições particulares. Adaptação essa que tem como protótipo a traçada inicialmente por GANELIN, de todos êles o que melhor apreciou as nossas condições particulares, dada a sua longa permanência entre nós e aos estudos demorados.

Nessas opiniões encontra-se definida a regra de aplicação da ciência ou arte militar nos nossos teatros de operações:

- respeitar a *Doutrina* — a parte permanente (ou menos variável) da experiência da guerra;
- utilizar os *processos*, tanto na Organização, como na Tática, como na Estratégia, escolhendo e adaptando os mais adequados às circunstâncias particulares ao meio e às modalidades da guerra em cada teatro de operações, encarando quer o caso de se dispor de aparelhamento completo, quer também o de se possuirem recursos deficientes e muito aquém das necessidades. É preciso, repito, encarar a guerra do rico, dos mais poderosos, mas não abandonar a eventualidade da guerra com recursos reduzidos.

Não se trata de copiar servilmente nenhum regulamento, nenhuma organização, mas de adaptar, com inteligência.

Não se trata de aceitar cegamente opiniões alheias, mas de analizá-las, compreendê-las para aplicá-las com critério pessoal.

#### *Adaptação inteligente*

*Flexibilidade de espírito* na aplicação dos processos de guerra. Eis a pedra de toque dos nossos estudos, das nossas concepções e das nossas realizações. Como vimos, a diversidade dos teatros de operações eventuais e a situação ocasional dos meios de guerra impõem soluções várias para cada caso, as quais, por sua vez, terão que se modificar à medida dos progressos do país e do aumento de possibilidades das organizações armadas.

Essa imposição de flexibilidade nas soluções de ordem geral define o *espírito* que deve orientar a ação do oficial de Estado Maior e dos Chefes, em todas as manifestações de sua atividade. Ela constitue uma das grandes preocupações do trabalho desta casa.

- onde se respeita e se consolida a *Doutrina*,
- se exercita o *raciocínio* que conduz às soluções lógicas,
- se pratica a *adaptação* dos meios e dos processos às circunstâncias, e se cultiva o senso das *possibilidades* e da *realidade*.

# Biblioteca da A DEFESA NACIONAL

## Livros à venda

Anuario Militar do Brasil 1935 . . . . .	17\$500
Anuario Militar do Brasil 1936 . . . . .	22\$500
Anuario Militar do Brasil 1937 . . . . .	17\$500
Anuario Militar do Brasil 1938 . . . . .	22\$500
A Campanha da Africa Oriental — Gal. Waldomiro Lima . . . . .	31\$500
A Campanha da Africa Oriental — Gal. Waldomiro Lima (para Oficiais) . . . . .	21\$000
Aspéto Geográficos Sul-Americanos - Ten-Cel. Mario Travassos	6\$000
A. C. P. — Cap. Geraldo Cortes . . . . .	16\$000
A.C.P. (blocos para o) . . . . .	3\$000
Boletim n.º 1 — Ten.-Cel. Araripe e Ten.-Cel. Lima Figueirêdo . . . . .	11\$000
Boletim n.º 2 — Ten.-Cel. Araripe e Ten.-Cel. Lima Figueirêdo . . . . .	11\$000
Cadernetas de ordens e partes . . . . .	9\$000
Cadernetas de ordem e partes (blocos para) . . . . .	3\$000
Caderneta do Comandante . . . . .	1\$500
Cannae e nossas batalhas — Cap. Wiederspahn . . . . .	8\$000
Caxias (Eudoro Berlink) . . . . .	20\$000
Caxias (Biblioteca Militar) . . . . .	21\$000
Coletanea de Leis e Decretos de 1544 a 1938 — Maj Bento Lisboa	13\$000
Combate e Serviço em Campanha — Ten.-Cel. Araripe . . . . .	13\$000
Dispersão do Tiro — Ten.-Cel. A. Morgado da Hora . . . . .	13\$000
Duque de Caxias — Cap. Orlando Rangel Sobrinho . . . . .	2\$500
Ensaio sobre Instrução Militar — Cmt. Brallion — Tradução dos Caps. Garcia e Salm . . . . .	13\$000
Elogio de Caxias . . . . .	2\$500
Escola do Pelotão . . . . .	13\$000
Equitação em Diagonal . . . . .	13\$000
Contribuições para a Historia da Guerra entre Buenos Ayres e Brasil — Trad. do Gal. Klinger . . . . .	13\$000
Bandeira do Brasil — Ten. Janary Gentil Nunes . . . . .	11\$0000
Funcionamento dos Serviços no Ambito do R. I. — Maj. Mattos	5\$000
Fichario para Inst. de Ed. Física — Cap. Jair Jordão Ramos	16\$000
Formulario do Contador — Cap. José Salles . . . . .	5\$000
Guia para Instrução Militar — Cap. Ruy Santiago — 1939 .	13\$000
Historia da Guerra entre a Triplice Aliança e o Paraguai — Gal. Tasso Fragoso . . . . .	60\$000
Historia Militar do Brasil — Gustavo Barroso . . . . .	13\$000
Indicador Paranhos até 1935 . . . . .	13\$000
Indicador Paranhos de 1936 . . . . .	6\$000
Indicador Paranhos de 1937 . . . . .	6\$000
Indicador Paranhos de 1938 . . . . .	6\$000
Invasão e Tomada das Ilhas Bálticas . . . . .	5\$000
Impressão de Estágio no Exército Francês — Cel. J. B. Magalhães	3\$000
Instrução de Transmissões — Ten.-Cel. Lima Figueirêdo . .	11\$000
Instrução na Cavalaria — Cap. Mena Barreto . . . . .	11\$000

**Observação** — Os livros acima poderão ser remetidos pelo Serviço Postal  
de Reembolso.



## Saudação ao Batalhão de Engenharia

*Discurso pronunciado pelo Dr. GUSTAVO BARROSO, no aniversário do 1.º B. E., em 1.º de Abril de 1924, quando o inesquecível Gen. MALAN D'ANGROGNE, então Coronel, comandava aquela unidade de elite.*

Para falar aos militares, é necessário usar duma linguagem especial. Feliz de quem pudesse reunir, pois, numa saudação como esta, à simplicidade concisa de Cesar, o ardor daqueles pequeninos tropos condoreiros das proclamações com que Napoleão costumava eletrizar seus soldados. Tenho pena de não poder dirigir-me, neste dia de festa, ao Batalhão de Engenharia, com talento e com vigor. Mas estou certo de ser perdoado, porque falarei com sinceridade, tanto na qualidade de paisano, em nome do elemento civil e da intelectualidade da Pátria, que não perdem de vista seus defensores, quando mesmo na de soldado, porque, posso dizê-lo com justo orgulho, sempre o fui de coração.

Vós, oficiais e soldados do batalhão de Augusto Machado e de Mascarenas Auroca, sois uma das mais vivas e refulgentes tradições do Exército Brasileiro. Os homens que constituíram a República e muitos dos que lhes sucederam, não sei bem por que, entenderam de matá-las com a sua má vontade e com o seu desprezo. Sucessivas transformações e reformas acabaram entre nossos militares com o espírito de corpo, filho da evolução e da glória, um dos maiores e melhores estímulos da disciplina e da bravura. Na França, os regimentos básicos de qualquer arma datam de Luis XIV. Sob êste, ou aquele numero vivem ainda o Royal Auvergne, ou o Royal Normandie. Ha corpos ingleses da época

de Jorge III e da época de Oliverio Cromwell. As melhores unidades prussianas eram multiseculares.

Si a nossa história guerreira registra os gloriosos apelidos de DOIS DE OURO, do TREME TERRA, do BOI DE BOTAS, já o militar de hoje não conhece mais essas valorosas tropas de antanho. Em que corpo se transformou o antigo 2.<sup>º</sup> de Fusileiros, de tão abnegados serviços ao país? Quem representa agora o batalhão de Tibúrcio, êsse louco 12.<sup>º</sup> de infantaria, a cujo passo de carga a terra estremecia toda? Onde anda aquela formidável Artilharia a Cavalo do Rio Grande, vencedora nunca vencida, de calças abanadas e penachos flamantes, *bois de botas* famigerado nas campanhas do Sul? E a quem legaram a tradição de seus feitos e de seus uniformes a célebre Guarda de Honra da Independencia, os regimentos brancos e vermelhos dos Henrique's, que datavam da guerra holandesa, o 1.<sup>º</sup> e 2.<sup>º</sup> de Infantaria do Rio de Janeiro?

Devemos confessar com amarga tristeza que não é possível, no nosso Exército, restabelecer nos atuais a filiação dos regimentos e batalhões antigos. As constantes reorganizações, muitas delas verdadeiras desorganizações, geraram uma anarquia horrível e deram fim aos arquivos. Entretanto, a tropa podia ter sido organizada de acordo com as exigências modernas, aumentada, acrescidos os efetivos, como na França, na Alemanha, na Austria, na própria Argentina, sem que houvesse necessidade de liquidar os corpos de tradição.

Talvez mais devido ao acaso benfazejo do que ao critério dos administradores, ha duas exceções nessa barafunda, que devemos amar e conservar como sagrado tezouro. A mais velha já passa dum século: é o 1.<sup>º</sup> de cavalaria, guarda de Vice-Reis, guarda do Rei, guarda dos Imperadores, guarda de Presidentes cujo vivo branco nunca se sujou e sempre se cobriu de glória; regimento que devia ser entre nós emulos dos Granadeiros a Cavallo da Argentina, dos Blandengues uruguaios, dos Cadetes ianquis de West Point, dos Life Guards ingleses, dos Guias belgas, dos Life Dragons da Suecia, dos Leib Cuirassieren prussianos e de tantos outros corpos tradicionais; regimento, enfim, dos Dragões da Independencia!

A segunda tradição já conta mais de meio século, sessenta e nove anos, e está nas vossas mãos, que sempre souberam zelar por ela, quer brandindo os instrumentos pacíficos, na faina obscura, mas não menos gloriosa, das estivas, das picadas, das sapas, das minas e dos pontões, quer bramindo as lâminas de aço tapezapeantes e as carabinas a fumegar, nas ocasiões em que o sapador e o pontoneiro precisavam combater à sombra dessa bandeira auri-verde, cujo centro mudou de côr e forma, porém, cujas côres e cujo traçado são os mesmos de Paisandú, de Tuiutí e do Estero Bellaco.

Batalhão de Engenharia, és o guarda augusto duma augusta tradição nacional. Si a data da tua criação, 1855, não consentiu que fôsses companheiro dos invasores da Cisplatina; que ajudasses a formar aqueles másculos quadrados dos caçadores baianos e pernambucanos de João Crisostomo Calado e de Sebastião Barreto, que espantaram os argentinos de Alvear pelo seu heroísmo, no Passo do Rosario; e, si não entraste em Monte Caseros, irmão mais novo das unidades que se cobriram de sangue e de glória nessas campanhas, não mereces menos da Pátria, pois que o destino de reservava no Paraguai dias em que te deverias encher do maior e mais legitimo orgulho!

Na história das guerras, somente os pontoneiros da Retirada da Russia foram grandes como os teus. Nas suas memórias, o sargento Bourgogne, humilde herói da Epopéia napoleônica, diz: "Les pontonniers passèrent toute la nuit à travailler avec de l'eau jusqu'aux épaules". Esse destemidos artífices de d'Eblé "tiveram", escreve o conde Philippe de Ségur, "tudo a vencer, menos o inimigo". Parece-me lêr gloriosos retalhos das tuas citações em ordem do dia: "Trabalhou desde as tres da madrugada até as sete da noite, sem descanso, na ponte sobre um tremedal, para a passagem do Exercito, sem abrigo para a chuva e sem alimentação . . ." "Estivou o pantanal com grande sacrifício, trabalhando dentro d'água na estação invernosa . . ." "Trabalha debaixo de fogo . . ."

Vós sabeis, melhor do que ninguem, que "a disciplina militar prestante" de Camões "não se aprende na fantasia". Vós sabeis, oficiais e soldados, que a adquiristes no trato dos sofrimentos, na constancia das privações e na prática do sacrifício.

O decreto da criação do vosso batalhão trazia nas suas dobras um símbolo. Todos os corpos de qualquer arma do Exército Imperial tinham Primeiro Uniforme. Negaram-vos a grande gala. Essa exceção foi uma honra insigne. Quem era destinado a arduas tarefas não carecia de enfeites. Então, fôstes buscar vossos ornatos e apeiros, impavidamente, nas lides guerreiras: condecorações, citações resplandecentes.

Como ganharam vossos antecessores êsses laureis inesquecíveis? Trabalhando dia e noite na abertura de trincheiras debaixo da metralha paraguaia. Desabrigados, era vosso mister construir abrigos para os outros. Lançando pontes sobre os charcos, expostos à chuva de agua do céu e à chuva de balas dos inimigo. Equecendo a alimentação e memo a própria morte, quando brandieis picaretas, alviões, enxadas, machados e pás.

Como aos pontoneiros de d'Eblé se deve a passagem do Bezezina, porque venceram o rio, enquanto os outros combatiam os russos, a vós se deve a celebre marcha de flanco do Chaco. Só Caxias a planejou e dirigiu, si a infantaria nortista atravessou aquele inferno, fôste vós, estivando a lama, vivendo dentro dela dias e noites, forrando de troncos o chão mole para a travessia das viaturas, dos armões, das peças e dos cavalos, quem venceu o pântano, que era alí o nosso maior inimigo. Infantes, artilheiros, cavalarianos, êsses derrotaram os soldados de Lopez; vós domastes a natureza, vós batestes o próprio Chaco dentro d'ele mesmo !

Sois herdeiros duma gente de bronze, sucessores de magnífica galeria de heróis: Emiliano de Carvalho, Auroca, Augusto Machado, Floriano Peixoto, Antonio Tiburcio, Porto-Carreiro, Conrado Bittencourt, Villagran Cabrita, Juvencio de Menezes, Gomes Carneiro, Bibiano Costallat, Amarante, tantos outros. Este foi ferido no Chaco, aquele morreu em Pirajú, aquele outro tombou em Humaitá. Um foi heroi no forte de Coimbra, outro na Laguna, outro na Redenção, ainda outro na Lapa. Não lhes dei postos, nem especifiquei o que fizeram. As ações ilustres não têm cotejo e os heróis não tem galões.

A vossa herança é pesada, porque é de oiro de lei e o oiro pesa o que vale e vale quanto pesa. Estou, todavia, certo que sa-

bereis guardá-la bem. Não só isso, permiti, que seria pouco para a gente cujos maiores atacaram Humaitá, estivaram o Chaco e trabalhavam sem descanso e sem víveres. Estou, assim, seguro que ansiais por aumentá-la e que nossos descendentes são de lér vossa história com muito mais entusiasmo do que eu a li, pois, será, no seu tempo, maior e mais rebrilhante.

Terminando esta fala, quero contar-vos uma história. E' da França, mas não estrangeira, que a valentia nunca teve pátria.

Era na guerra de 1870. Travava-se a batalha de Sedan. A cavalaria pesada de Napoleão III esgotara-se em cargas sucessivas, sem o menor resultado, contra as linhas alemãs. Nessas cargas, o general Marguerite perdera um a um os maravilhosos regimentos de sua divisão de couraceiros. De repente, um ajudante de campo traz-lhe do quartel-general do comando em chefe ordem de carregar novamente à testa dos couraceiros. E êle, pálido dos ferimentos, respingado de sangue, agita o sabre no ar, aponta os montões de cadáveres, e responde com entono heróico: "Couraceiros!... Couraceiros!... Não ha mais couraceiros!"

Vossa herança de glória, oficiais e soldados, obriga-vos a só desaparecer em condições semelhantes. E, si cessardes de existir dessa invejável maneira, num dia de batalha, não cessareis nunca de viver no coração imenso da vossa Pátria !

---

## A V I S O

Toda a importância destinada a esta "Revista", deverá ser remetida em vale postal ou valor declarado, endereçada ao Diretor Gerente e para ser paga na Diretoria Regional dos Correios e Telegrafos do Distrito Federal.

A GERENCIA.

# Biblioteca da A DEFESA NACIONAL

## Livros à venda

Legiões Aladas — Italo Balbo . . . . .	16\$000
Morteiros — Cap. Guttenberg Ayres Miranda . . . . .	10\$000
Manual de Hipologia . . . . .	10\$000
Manual Colombofilo — Dr. Freitas Lima . . . . .	9\$000
Manobras de Nioac — Gal. Klinger . . . . .	5\$000
Notícias da Guerra Mundial — Gal. Correa do Lago . . . . .	9\$000
Noções de Topologia — Cel. Arthur Paulino . . . . .	6\$000
Noções de Desenho Topográfico — Cel. Arthur Paulino . . . . .	13\$000
O Oficial de Cavalaria — Gal. V. Benicio da Silva . . . . .	11\$000
Oeste Paranaense — Ten.-Cel. Lima Figueirêdo . . . . .	9\$000
O Surto do Japão — Major Nicanor G. Souza . . . . .	2\$000
O Tiro de Artilharia de Costa — Cap. Ary Silveira . . . . .	5\$000
Os Pombos Correios e a a Defesa Nacional — Dr. Freitas Lima . . . . .	\$000
O Livro do Soldado — Ten.-Cel. Araripe . . . . .	7\$000
Problema Tático — Ten.-Cel. Araripe . . . . .	9\$000
Pasta para folhas de alterações . . . . .	5\$000
Regulamento de Educação Física — 1. <sup>a</sup> Parte . . . . .	11\$000
Regulamento de Educação Física — 3. <sup>a</sup> Parte . . . . .	11\$000
Regulamento para Inst. Quadro de Tropa . . . . .	3\$000
Signalização a braço e ótica — Ten.-Cel. Lima Figueirêdo . . . . .	2\$500
Tiro e Emprego do Armamento de Infantaria — Cap. Pavel . . . . .	19\$000
Travessia de cursos dagua — Cap. José Horacio Garcia . . . . .	6\$500
Transposição de cursos dagua — Ten.-Cel. Lima Figueirêdo . . . . .	8\$000
Topografia de Campanha — Gal. Paes de Andrade . . . . .	11\$000
Telemetros de Inversão Zeiss de 1m,50 e 1 m de base — Cap. Jm. Silva . . . . .	9\$000
Tabelas de Vencimentos Diarios dos Militares — Barbosa Lima . . . . .	9\$000
Theoria das Progressões, Logarithmos e suas principais aplicações . . . . .	5\$500
Exemplos de Sessões de Estudos de Elementos, lições de Ed. Física e Jogos — Cap. Jair Jordão Ramos . . . . .	3\$000
Educação Física Feminina — Cap. Jair . . . . .	3\$000
Educação Física de Conservação — Cap. Jair . . . . .	3\$000
Organização de Competições entre equipes — Cap. Jair . . . . .	3\$000
Educação Física Militar — Cap. Guttenbergh Ayres . . . . .	10\$000
Indios do Brasil — Ten.-Cel. Lima Figueirêdo . . . . .	13\$000
Limites do Brasil — Ten.-Cel. Lima Figueirêdo . . . . .	11\$000
Mais Uma Carga, Camaradas! — Gal. Benicio da Silva . . . . .	21\$000
Manual do Sapador Mineiro — Ten.-Cel. Benjamin Galhardo . . . . .	16\$000
Notas sobre o emprego do Batalhão no terreno — Cmt. Audet . . . . .	3\$500
Notas de Aula — Cap. Cyro Sodré . . . . .	9\$000
Lei do ensino militar . . . . .	17\$500
Lições de Topometria e Agrimensura — Cel. Arthur Paulino . . . . .	17\$000
Guerra Chimica Total . . . . .	26\$000
Legislação sobre Sub-Tenentes — Cap. Ayrton Nonato de Faria . . . . .	2\$000

**Observação** — Os livros acima poderão ser remetidos pelo Serviço Postal de Reembolso.

# Verificação e cuidados diários do soldado motorizado com a sua viatura

Pelo 1.<sup>º</sup> Ten. UMBERTO PEREGRINO

O segredo do rendimento e duração de todo o material motorizado reside, essencialmente, nos cuidados a lhe serem dispensados, quer quanto à conservação, quer no tocante à utilização. Duas coisas são necessárias, antes de mais nada, para que se consiga a permanente e rigorosa observância desses cuidados: amor do homem pela sua viatura e aprimorado conhecimento técnico do material. O amor do material incute-se no homem como é incutido no cavalariano o amor pelo cavalo, isto é, distribuindo-lhe uma viatura, competindo-o do seu valor e da sua utilidade, estabelecendo prémios de conservação entre as equipagens, enfim, este sutil trabalho de todos os dias, em que as menores coisas são exploradas para o fim que se tem em vista. A instrução técnica consolida esta obra, dando ao homem compreensão e consciência de tudo que aprende a fazer.

Mas é preciso chegar a êsse resultado rapidamente, e deve-se contar com os homens menos accessíveis. Então faz-se mistér acelerar a criação de reflexos, alertar os homens, fustigá-los, o que se conseguirá afixando nas garages, nos alojamentos, onde se mostrem indicados, quadros instrutivos e inscrições. Na própria viatura deve haver como lembrete, em lugar bastante evidente, um esquema de certos cuidados mais importantes. Na antiga Companhia de Carros de Combate fazia-se assim. Aí estão os Renault, hoje constituindo uma secção do Grupamento Moto-Mecanizado, do C. I. M. M., que trazem numa chapa metálica, diante dos olhos do motorista, a indicação dos cuidados a serem observados constantemente.

E', aliás, o que fazem os americanos com os tratores agrícolas, destinados à utilização por homens menos familiarizados com motores. Nós ampliariamos o sistema, aproveitando também o poderoso recurso das figuras, que se impõem, sem esforço, à memória visual do homem. No nosso Esquadrão de Auto-Metralhadoras já existe alguma coisa neste sentido. Há quadros suficientemente difundidos, sobre o comando por sinais, do material blindado, instrução técnica do atirador e instrução geral (história, geografia, higiene, uniformes, etc.).

\* \* \*

Tomando por base os nossos A. M. Ansaldo vejamos em que consistem os cuidados e verificações de todos os dias.

### **VERIFICAÇÕES**

#### **Motor apagado — Verificar:**

Externamente:

- tensão da lagarta e estado das malhas e pastilhas (lagarta menos tensa para o trabalho em estrada, mais tensa para o trabalho em terreno variado) ;

- posição da contra-porca do tensor;

- estado da chapa da longarina;

- estado das rodas de apoio (borrachas e lubrificação) estado dos balancinhos e das molas; água do radiador (o nível não deve ultrapassar de um centímetro o fundo do filtro, a água deve ser pura — a água distilada seria a ideal) e fixação do bujão;

- fixação das rodas sobressalentes, ferramenta e cabo;

Internamente.

#### **Câmara do motor:**

- tampão do tubo de admissão de óleo;

- fixação dos cabos de velas;

- correia do dinamo;

- fundo da câmara (se apresenta sinais de óleo ou de água);

**Câmara de combate:**

- nível da gasolina;
- nível do óleo;
- estado das janelas e tampas, funcionamento dos seus fechos;
- instalação do armamento (setor vertical e horizontal).

**Motor trabalhando (Já quente) — Verificar:****A viatura parada:**

- pressão do óleo — Manômetro (verificação a repetir constantemente — mínima 20, máxima 50);
- equipamento elétrico (luz).

**A viatura em movimento:**

- os comandos — embreagem, freios das polias de direção (regulagem e funcionamento), acelerador.

**CUIDADOS****Ao colocar o motor em funcionamento:**

- ter sempre a alavanca de mudança em ponto morto;
- afogar o carburador;
- abrir os rubinetes (às vezes, o motor está excessivamente pesado de virar);
- empunhar a manícola corretamente (o manejo e empunhadura da manícola são importantes, não só para facilitar a partida do motor como para proteger o operador num caso de reversão, e, no caso particular do Ansaldo, ainda há o perigo de vir o homem a adquirir o hábito de apoiar a mão no silencioso);
- não acelerar forte logo que o motor pega, porque a circulação do óleo é, inicialmente, imperfeita o que podeoccasionar gripagem de êmbolos ou excessiva pressão nas tubulações);
- deixar o motor trabalhar de 5 a 10 minutos em ralenti, antes de iniciar a marcha.

**Com a viatura em marcha:**

— verificação constante da circulação do óleo pelas indicações do manômetro (limites a serem observados no Ansaldo: — 20 + 50) ;

— por mais curto que seja o alto aproveitá-lo para cortar

— evitar o funcionamento do regular de máxima do motor, para o que se observarão os limites estabelecidos no velocímetro para as diferentes velocidades;

— estar atento para qualquer ruído estranho que se manifeste na viatura (exemplos: borracha da roda de apoio que saia, ventilador que se immobilize, chapa de longarina que desprenda, lagarta que descarrile) ;

— nas viaturas servidas pelo sistema Delco observar o amperômetro que não deve acusar descarga no trabalho normal do motor.

#### **Nos altos e em fim de serviço:**

— por mais curto que seja o alto aproveitá-lo para cortar o motor (antes de cortar a corrente acelerar forte, o que facilitará a reposição do motor em movimento) ;

— inspecionar a viatura toda, especialmente o trem de rolamento, suspensão (rodas de apoio — borrachas, lagartas — málhas e pastilhas, longarina — chapa de ferro, roda motora — fixação do bujão, roda tesoura — si não há corpos estranhos embaraçados nela).

— verificar o nível da água do radiador (si o motor ferveu todo o cuidado ao retirar o bujão; com o motor quente só se colocará mais água pondo-o antes a funcionar) ;

— abrir as tampas superiores do motor (conforme o tempo disponível) ;

— em fim de serviço: limpêsa geral da viatura, enxugamento si houve vadeações, inspeção rigorosa, sobretudo dos órgãos sobre cujo funcionamento tenha havido dúvidas durante a marcha; devendo a viatura pernoitar a céu aberto, fechar todas as tampas e janelas e cobrí-las com o toldo impermeável.

### **PRECAUÇÕES CONTRA INCÊNDIO**

#### **Quanto a viaturas:**

— não fumar perto de qualquer viatura que contenha gasolina;

- qualquer manipulação com essência deve ser feita de dia e longe de toda chama;
- nenhuma substância inflamável deve ficar perto da tomada de ar do carburador para evitar inflamação no caso de retorno de chama;
- o mesmo deve observar-se quanto às tubulações de descarga (não esquecer, por exemplo, estopa nas vizinhanças de peças sujeitas a forte aquecimento);
- não alterar a instalação elétrica, que já é feita de modo a qualquer curto circuito não provocar incêndio;
- manter corretos e fixados todos os fios e órgãos capazes de produzir centelha;
- corrigir imediatamente qualquer fuga de gasolina.

**Precauções nas garages:**

- evitar que qualquer porção de gasolina se encaminhe para os esgotos;
- evitar abastecer ou esgotar reservatórios à noite;
- nenhuma luz de fogo nú deve ser utilizada a menos de 10 metros dos reservatórios;
- as estopas húmidas de óleo e de gasolina não devem ser abandonadas nas garages ou no interior das viaturas;
- os fossos de reparações se arriscam sempre a ter vapores de gasolina — evitar penetrar nêles com luz a fogo nú;
- dispôr as viaturas nas garages de modo a poder evacuá-las rapidamente;
- não fumar nas garages;
- em caso de incêndio, ao abrir as garages, evitar a formação de correntes de ar.

**O Extintor:**

- a gasolina sendo mais leve que a água, esta não deve ser empregada para combater incêndio, porque, em vez disso, serviria de veículo à chama;
- toda viatura deve conduzir o seu extintor, e os homens saberão com absoluta segurança onde está localizado, como é retirado, como é utilizado;
- o extintor deve ser submetido a verificações trimestrais.

A DEFESA NACIONAL  
é do Exército

Trabalhar para ela é trabalhar  
para o Exército

=====

MANDEM SUAS  
COLABORAÇÕES

=====

# O artilheiro e o infante

NOTA — Do livro “Cooperación de las Armas”, do Major Juan C. Cuaranta, do Exército Argentino, trascrevemos a incisiva introdução, digna de ser repetida em qualquer Exército:

**Disse o artilheiro:**



*Vim ao mundo para apoiar o meu irmão: o infante.*

*Conheço a minha missão fundamental: — permitir que a potência do choque chegue ao assalto com o máximo de energia e de homens. A baioneta nas mãos do infante é, em definitivo, quem resolve a sorte do combate.*

*Sei que o infante lá na frente, no meio da tormenta dos gases e dos projéctis, com os nervos em tensão e dando prova de energia, de tenacidade, de inquebrantável vontade, bravura e abnegação, trata de transpôr zonas de morte para chegar ao assalto em busca da vitória. E' nesses momentos, que precisa de mim e por isso toda a eficácia e precisão dos canhões e tudo quanto tenho e sou capaz de dar devo reservar para ele e só para ele.*

*Se a artilharia inimiga me alveja com seus projéctis para que abandone a minha missão — o apôio da infantaria — eis a resposta: nunca o farei.*

*E' uma honra atraír todo o fogo da artilharia inimiga ! A potência do choque avançará de modo mais pronto e a decisão será obtida mais rapidamente. Ha nas minhas proximidades outra artilharia que neutralizará os canhões inimigos que me hostilizam.*

O meu Norte está bem definido e para êle marcho: tudo para a infantaria. A ela dedico minha fé, meu entusiasmo, minas energias, a potência dos meus canhões e até a propria vida.

*Sei que, como as armas automáticas, os nossos canhões se destinam a produzir fogo e o fogo é um meio para preparar o movimento, e êste por sua vez, é outro meio para chegar ao choque, que é o que decide.*

*No dispositivo inicial nos amarramos ao da infantaria para ficar durante o maior tempo possivel sem mudar de posição.*

*Não rodaremos as peças — mudança de posição — na iminência do assalto; nesse momento todos os canhões estarão concentrando os seus fogos sobre a zona que se pretende alcançar.*

*Si, durante a marcha, ha apenas alguns canhões prontos para responder ao fogo que possa molestar o infante, agora, quando se chega ao momento decisivo, toda a artilharia, como se fôra um só canhão, pensa no infante e só no infante.*

*Sei tambem que o movimento da artilharia, durante o combate, representa um momento de crise para o infante, devido à diminuição dos fogos, porem êle será efetuado por escalões para que não lhe falte o apôio.*

*Por outro lado, estejam tranquilos, lembrem-se do privilégio da artilharia: — poder deslocar no ar, sem mover as massas das baterias, feixes compactos de trajetórias para poder martelar fortemente em benefício do infante.*

*Os nossos chefes chamam isso: manobrar com fogos.*

*Nos momentos críticos do combate falaremos com os infantes; interessa-nos a sua sorte, necessitamos conhecê-los e ser conhecidos deles. Queremos saber como combate, manobra, luta, vive e morre a infantaria.*



*Responde o infante:*

**A VITÓRIA SERÁ NOSSA !**



## O problema da busca de informações na guerra de movimento

Pelo Cmt. "Breveté" Carpentier da M. M. F.

*O Cmt. CARPENTIER foi um dos nossos eficientes colaboradores, durante todo o tempo que viveu aqui no Brasil, servindo na Missão Militar Francesa.*

*Apesar do tempo passado, seus trabalhos ainda são úteis e palpitantes e, trazendo à nossa lembrança as lições do amigo e mestre distante, transcrevemos um dos seus belos artigos já editados em A DEFESA NACIONAL.*

A guerra de movimento é caracterizada pela possibilidade de modificações rápidas e profundas na situação respectiva de dois exercitos em presença; modificações na composição, resultando da entrada em linha de unidades novas ou da retirada de certas unidades; modificações na situação sobre o terreno, resultando dos movimentos realizados em execução das ordens dadas pelos comandos.

Essas características, conhecidas de todos os tempos, acen-tuaram-se a partir de um século com o aparecimento dos caminhos de ferro, de vinte cinco anos a esta data, com o desenvolvimento dos transportes automóveis, que aumentaram em proporções consideráveis a mobilidade estratégica e tática das unidades, grandes e pequenas, portanto, as possibilidades de manobra.

Amanhã, o desenvolvimento da aviação pode modificar, em proporções que não é possível prever, as possibilidades de deslocamento dos Exércitos.

Entre os órgãos de busca, de que a Instrução Provisória brasileira de 27 de julho de 1926 nos dá a enumeração, nós vemos logo que na guerra de movimento seremos levados a ligar uma importância especial áqueles cuja atuação é fácil e que, de posse de informações do inimigo, podem transmiti-las rapidamente á autoridade suscetível de aproveitá-las.

Quero desde já chamar a atenção para esta questão *capital* sobretudo na guerra de movimento, da transmissão das informações, á qual constantemente terei de voltar.

Uma informação que não chega a tempo ao Chefe é uma informação sem valor.

A situação do inimigo, que ela indica, corre o risco de não mais ser exata, "o instante fugitivo" em que essa situação permitiria a manobra só pode ter passado.

Si em 1914 o Marechal Joffre não fôsse informado a tempo do movimento do Exército Von Kluck na direção S. E., o ataque do Exército Maunoury sobre o flanco do Exército alemão arriscaria não se produzir no momento desejado. A sorte da batalha do Marne poderia ter mudado e, com ela, o futuro da França.

Esse "instante fugitivo", ao qual acabo de aludir, é evidentemente função do escalão em que nos colocamos. Para o Comandante do pelotão ou da companhia que deve lançar um contra-ataque, é uma questão de minutos. Para o General de Divisão é uma questão de horas; para o escalão Comandante em Chefe o "dia" será a unidade de medida.

Deixando, pois, de lado os órgãos de busca, cujo emprêgo só pode ser encarado quando a frente adquire uma certa estabilidade, é o caso do S. I. A., estudaremos as possibilidades dos órgãos de busca que trabalham normalmente na guerra de movimento:

- 1.º, no quadro da D. I. -
- 2.º, no quadro do Exército.

#### ÓRGÃOS DE BUSCA EM TRABALHO NO QUADRO DA D. I.

São as tropas em contacto e as unidades aéreas.

*As tropas* recolherão as informações que lhes são fornecidas, quer pelo contacto, sob todas as suas fórmas: patrulhas, golpes de mão, até a batalha, quer pela observação terrestre.

Entre essas informações, muitas há que escapando à investigação dos outros órgãos não podem ser observadas, entendidas, recolhidas com segurança sinão pela linha em contacto.

São as informações relativas á primeira linha inimiga, esse inimigo em contacto para o qual todas as vistas estão voltadas e do qual o Comando fica por vezes sem notícias durante horas.

As tropas em contacto determinam com segurança a presença ou a ausência do inimigo em uma zona determinada e o contorno aparente de sua primeira linha, a posição de suas armas automáticas, que poderão ser assim contra-batidas antes do desencadeamento do ataque.

São as tropas em contacto que recolhem os documentos de

toda sorte esparsos sobre o terreno da luta e esta "pièce de choix" que se chama o prisioneiro.

Mas esta busca de informações não será improvisada. Será dirigida.

Em todo escalão deverá existir um órgão de direção das buscas, de centralização das informações. Este órgão existe no escalaõ regimento. E' o oficial de informações. Não entrarei no papel d'este oficial, que é capital, e constituirá o objeto de artigo especial.

Quero apenas deixar bem claro que o oficial de informações é orientado acerca das informações a colher e da ordem de urgência, pelo Plano de buscas estabelecido na D. I. e do qual ele recebe os extratos que lhe interessam. Qualquer que seja, porém, a precisão do Plano de buscas, qualquer que seja o valor pessoal do oficial de informações, as tropas em contacto nada fornecerão si todos os oficiais até o Comandante de pelotão não estiverem convencidos da importância capital da busca de informações.

E' uma educação a fazer, uma mentalidade a adquirir.

Vós, Comandante de pelotão, vossa propria situação interessa certamente o Comandante do Batalhão, mas o número do Regimento observado na gola de um cadáver ou de um ferido interessa muito mais o Comando.

Quando enviardes ao vosso Capitão uma parte rabiscada ás pressas na folha arrancada a um "carnet" de bolso, juntai o número que observastes em uma viatura-munição, em um carro de viveres abandonado; isso nada vos custa, mas pôde ter consequencias capitais, noticiando ao Comando a presença de uma grande unidade que até então era considerada como em repouso.

Quando constatardes uma destruição em uma estrada, assinalai-a imediatamente; indicai a posição exata do funil, seu diâmetro, precisai si a estrada é em corte ou atérro. Podeis, assim, fazer ganhar algumas horas na sua reparação e disso sereis recompensado, pois que a vossa artilharia mais depressa estará em situação de poder aproiar-vos.

Quando chegardes á margem de um curso d'água, preocupai-vos desde logo com o estado das pontes, dos meios de passagem de ocasião.

O Comando terá prazer em saber que atingistes a aldeia X., mas terá para ele um valor muito maior o saber que a ponte de X. está ou não destruída.

Quando, em perseguição do inimigo, chegardes a uma aldeia interrogai os habitantes. Fazei-lhe perguntas precisas, que tereis preparado previamente.

## A OBSERVAÇÃO TERRESTRE

Ha um órgão de busca á disposição das tropas em contacto e que merece menção especial: é a observação.

A observação terrestre representará um papel de primeira ordem si, dêsde o tempo de paz, se formarem tecnicamente observadores, si em todos os escalões o emprêgo dos órgãos de observação se tornou familiar.

Em periodo de estabilização, pela força das cousas consegue-se-á, mesmo com uma formação rudimentar do tempo de paz, organizar uma rede de observadores. Mas não se improvisará um sistema de observação na guerra de movimento. E' necessário que, dêsde o tempo de paz, em cada manobra e em todos os escalões, o problema do emprêgo, do deslocamento dos órgãos de observação seja evocado, estudado, rebuscado em seus menores detalhes.

Nos exércitos europeos, a busca das informações pela observação terrestre tem sido objeto de numerosos estudos.

Na França citarei o livro do Cmt. Laffargue "A batalha dos olhos", que todo oficial de informações deve ter lido e meditado.

Na Alemanha, o regulamento de Infantaria contém a passagem seguinte: "Os meios empregados pela Infantaria para o reconhecimento são a patrulha e o binocolo. O reconhecimento com o binocolo pôde evitar as patrulhas ou os reconhecimentos pessoais. Deve ser organizado no Estado Maior ou Grupo de Comando do chefe até o comandante de pelotão, e ser mantido durante toda a batalha".

Todas essas informações, uma vez recolhidas, é preciso transmiti-las; é preciso que cheguem o mais depressa possível ao escalão suscetível de aproveitá-las.

Não se trata sómente de uma questão de meios de transmissão, mas também, e direi mesmo, sobretudo, de uma questão de mentalidade.

Questão de mentalidade! A guerra mostrou-nos, eu vos darei exemplos, que muitos chefes não tinham nenhuma idéia da importância capital da transmissão das informações. Esta mentalidade; é preciso creá-la e é preciso creá-la em tempo de paz, não sómente formando oficiais de informações de corpos de tropas e oficiais de 2.<sup>a</sup> Secção, mas, sobretudo, agindo junto aos oficiais de tropa, principalmente junto dos Cmto. de Corpo, por meio de estágios de instrução, organizados em condições de que tratarrei em artigo ulterior.

## TRANSMISSÃO DAS INFORMAÇÕES DE CONTATO

Resta a questão da transmissão das informações. As informações devem ser transmitidas pelos meios mais rápidos, dissemos. No campo de batalha, sé-lo-á quasi sempre por corredores ou estafetas, até o escalão Coronel, algumas vezes por ótica; raramente pelo telefone, na guerra de movimento. O oficial de informações faz uma rapida discriminação das informações recebidas. Um as são aproveitaveis ao regimento: é a posição de uma metralhadora inimiga que vae ser tomada á parte pelas metralhadoras ou pelos morteiros do batalhão, ou pelos canhões de acompanhamento do regimento; as outras serão transmitidas para o Centro de informações avançado, organizado pela D.I., á altura ou ligeiramente á retaguarda dos P. C. de regimento; daí essas informações serão transmitidas á D. I. por telefone, T.S.F., pombos, estafetas.

E' o caso das identificações, do balizamento da linha inimiga, dos indicios sôbre a atitude do inimigo...

Ha duas fontes de informações de contacto que merecem uma atenção especial: são os documentos e os prisioneiros.

Constituem os documentos os mil remanescentes de um campo de batalha, e, particularmente, as cartas encontradas na mochila de um morto, ou entre os objetos de um prisioneiro.

Cartas vindas do país, que dão informações sôbre o moral do país, sôbre a situação econômica, falta de viveres, arraçoamento dos habitantes, falta de certas matérias primas e tambem informações sôbre amigos do destinatario ,com indicação dos pontos da frente onde se acham, endereço, número de sua unidade.

Cartas vindas de amigos, que adiantam sempre, apezar das ordens dadas e todos os contrôles informações de primeira ordem sôbre a colocação das unidades, sua situação, suas perdas, chegada de reforços.

Papeis encontrados com os graduados, em particular com os oficiais; ordens de movimento, de ataque, de substituição de tropas.

Todos esses papeis constituem documentos de grande importância e é indispensável que êles cheguem ao Comando. Trata-se ainda de uma questão de mentalidade. E' preciso que todos se inteirem do conteúdo desses documentos. E' preciso que êles sejam recolhidos cuidadosamente enviados com urgencia ao oficial de informações do regimento, que os transmitirá imediatamente, via Centro de Informações Avançado, á D. I., depois ao Exército, unico suscetivel de estudar com proveito esses documentos.

Quanto ao prisioneiro, "pièce de choix", dissemos nós, é

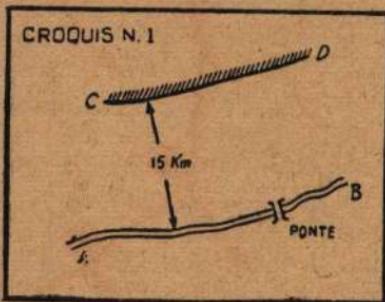
preciso que chegue tambem em bom estado e o mais depressa possível á D. I.

E' neste escalão, com efeito, que o interrogatorio pôde dar os melhores resultados, por isso que aí se dispõe dos meios de controle que permitem, mediante o confronto das suas declarações com as informações transmitidas pelos outros orgãos de busca, fazer uma idéia precisa sobre a sinceridade do prisioneiro.

No escalão regimento, o oficial de informações deverá, pois, limitar-se a inquirir o prisioneiro sobre as informações que interessam diretamente ao regimento e que são suscetíveis de ser aproveitadas sem demora neste escalão.

Existe, enfim, no quadro da D. I. um elemento importante na busca das informações, o qual, no que concerne á transmissão das informações, deve chamar nossa atenção: é a Cavalaria Divisionária e, em particular, a descoberta.

Esquematicamente, a descoberta agirá geralmente como órgão de busca nas condições seguintes (*Croquis n.º 1*):



Uma D. I. vermelha do Sul atingiu no dia D., em fim de jornada, com sua vanguarda o arroio AB sobre o qual estabelece seus postos avançados. Ela deve continuar seu movimento no dia D + 1, a vanguarda transpondo o arroio AB ás 8 horas.

O General da D. I. quer saber no dia D + 1, ás 8 horas, si inimigo ocupa um linha de altura CD, situada a uma quinzena de quilometros ao Norte do arroio, de maneira a ter certeza de que a artilharia inimiga não poderá colher sob seu fogo a infantaria quando transpõe o arroio AB.

Será trabalho da Cavalaria Divisionária e, em particular, da descoberta.

O que se pede á descoberta não é, pois, sómente recolher a informação, mas que essa informação esteja nas mãos do Comando ás 8 horas.

Suponhamos que a descoberta só dispõe dos seus cavaleiros como meio de transmissão; nós vemos que se terá de contar com um total de  $15 + 15 = 30$  km. a percorrer, entre o momento em

O II EXERCITO ALEMÃO E  
O V EXERCITO FRANCES EM  
28 de Agosto à tarde, e 29 de  
Agosto pelo manhã

ETREUX

Boisain

Xº C.E.  
GUISE

19º D. 20º D. 1º D.G.

S<sup>1</sup> QUENTIN  
Hancourt

Xº C.R.

19º D.F.

2º D.G.

1º D.G.

2º D.G.

8º C.E.

18º C.E.

10º C.E.

7º C.E.

V EX.

FRANCES

SEM' BUCHAUMONT

VERVINS

G.D.R.

Crocy

Mare

Serre

1º C.E.

Montcornet

La Fere

1º C.W.

2º C.W.

Frente real atingida pelo Ex. Alemão

Frente atingida depois do C.R. em

28 de Agosto à tarde.

Croquis n<sup>o</sup>2

quebrada. Ela vague então interpretar a ausência de informações.

releita atingiram o seu objetivo, nada sabia dos seus corpos da es-  
seguinte. ora, si elle sabe, nesse momento, que os corpos da di-  
E' nessa ocasião que Bulow deve dar suas ordens para o dia  
mais avançados a um ou dois quilômetros ao Sul do rio.

Ao cair da noite, as tropas dos dois C. E. bivacaram nos pon-  
tos atingidos, montados mas baxadas do Oise, os elementos  
passagem do rio.

Nenhuma contacto serio com os franceses. O 10.º C. A. e  
Guarda conseguiram apoderar-se das passagens do Oise, que  
estavam trancamente mantidas. Mas, de 15 horas ate a noite, o  
Guarda conseguiram apoderar-se das passagens do Oise, que  
10.º Corpso ativo realizou vãos esforços para desembocar nos  
planaltos ao Sul de Guise. A Guarda perdeu muito tempo na  
10.º e 11.º C. R., na jornada de 28 processaram seu movimento para  
Bulow) datada de 28 de agosto, às 9 horas, os corpos da direita,  
Exercito alemão (General  
Seruacourt-Urvilliers, e Langavam vanguardas para Ham e St.  
Simon.

Em execução da ordem do segundão Exercito alemão (croquis  
n. 2).  
A batalha de Guise vague dar-nos um exemplo disso (croquis  
do que de meios.

Antes de passar ao estudo da contribuição das unidades ae-  
reas na busca de informações em guerrilha de mentaldade, ainda mais  
mágicas recolhidas era uma questão de mentaldade, ainda mais  
guerra de 1914-1918. Eu vos disse que a transmissão das infor-  
mer da se referir as tropas em contacto, por exemplo tirado da  
dro da D. I., eu desejaria completa a exposição que acabo de fa-  
zendo. Só o ponto de vista técnico a causa é possível. Existem pos-  
sibilidades de 20 quilômetros em média, susceptíveis de serem conduzi-  
dos em carregadores, de acompanhador, portador, a descoberta em sua  
marcha para a frente.

Só o ponto de vista técnico a causa é possível. Existem pos-  
sibilidades de 4 h. 30, o que economizaria as forças dos homens e dos cavalos, e a  
informação transmitida por T. S. F. chegará segura e instantâ-  
neamente, não mais ao arroio AB, mas ao P. C. do General.

Para ter a certeza de receber a informação a tempo, era pre-  
cisamente que a informação não chegue. Mas, pode  
acontecer que a informação não chegue. Um elemento ligado de ca-  
valaria imigra, pode preferitamente deixar passar a descoberta  
e depois, na passagem, o estafeira portador da informação a esperada  
pelos comandos. Si a descoberta dispõe de um posto de T. S. F.,  
nada disto se passará. Ela poderá partir às 5 h. 30, em logo de  
4 h. 30, o que economizaria as forças dos homens e dos cavalos, e a  
informação transmitida por T. S. F. chegará segura e instantâ-  
neamente, não mais ao arroio AB, mas ao P. C. do General.

Para ter a certeza de receber a informação a tempo, era pre-  
cisamente que a informação não chegue. Mas, pode  
acontecer que a informação não chegue. Um elemento ligado de ca-  
valaria imigra, pode preferitamente deixar passar a descoberta  
e depois, na passagem, o estafeira portador da informação a esperada  
pelos comandos. Si a descoberta dispõe de um posto de T. S. F.,  
nada disto se passará. Ela poderá partir às 5 h. 30, em logo de  
4 h. 30, o que economizaria as forças dos homens e dos cavalos, e a  
informação transmitida por T. S. F. chegará segura e instantâ-  
neamente, não mais ao arroio AB, mas ao P. C. do General.

que a descoberta transpuzer o arroio AB e aquele em que o estafeta, trazendo a informação, chegar ao arroio AB.

Para ter a certeza de receber a informação a tempo, era preciso fazer partir a descoberta ás 4 h. 30 da manhã. Mas, pôde acontecer que a informação não chegue. A descoberta age sobre um eixo e não varrendo o terreno. Um elemento ligeiro de cavalaria inimiga, pôde perfeitamente deixar passar a descoberta e deter, na passagem, o estafeta portador da informação esperada pelo comando. Si a descoberta dispõe de um posto de T. S. F., nada disto se passará. Ela poderá partir ás 5 h. 30, em lugar de 4 h. 30, o que economizará as fôrças dos homens e dos cavalos, e a informação transmitida por T. S. F. chegará segura e instantaneamente, não mais ao arroio AB, mas ao P. C. do General.

Sob o ponto de vista técnico a cousa é possível. Existem postos, pesando 20 quilos em média, suscetíveis de serem conduzidos em cargueiros, de acompanhar, portanto, a descoberta em sua marcha para a frente.

Antes de passar ao estudo da contribuição das unidades aéreas na busca de informações em guerra de movimento e no quadro da D. I., eu desejaria completar a exposição que acabo de fazer, no que se refere ás tropas em contacto, por exemplo tirado da guerra de 1914-1918. Eu vos disse que a transmissão das informações recolhidas era uma questão de mentalidade, ainda mais do que de meios.

A batalha de Guise vae dar-nos um exemplo disso (*croquis n. 2*).

Em execução da ordem do segundo Exército alemão (General Bülow) datada de 28 de agosto, ás 9 horas, os corpos da direita, 7.<sup>o</sup> e 10.<sup>o</sup> C. R., na jornada de 28 prosseguem seu movimento para além de St. Quentin, até os objetivos fixados: Fluquières-Grand Seraucourt-Urvilliers, e lançavam vanguardas para Ham e St. Simon.

Nenhum contacto sério com os franceses. O 10.<sup>o</sup> C. A. e a Guarda conseguiram apoderar-se das passagens do Oise, que estavam fracamente mantidas. Mas, de 15 horas até a noite, o 10.<sup>o</sup> Corpo ativo realizou vãos esforços para desembocar nos planaltos ao Sul de Guise. A Guarda perdeu muito tempo na passagem do rio.

Ao cair da noite, as tropas dos dois C. E. bivacam nos pontos atingidos, amontoados nas baixadas do Oise, os elementos mais avançados a um ou dois quilometros ao Sul do rio.

E' nessa ocasião que Bülow deve dar suas ordens para o dia seguinte. Ora, si êle sabe<sup>a</sup> nesse momento, que os corpos da direita atingiram o seu objetivo, nada sabe dos seus corpos da esquerda. Ele vae então interpretar a ausencia de informações.

Si os corpos da esquerda não enviaram informações é que tudo vai bem e os objetivos fixados foram atingidos.

E participa á direção suprema que o segundo Exército atingiria a frente Dallon-Itancourt-Plaine Selve-Sains Richaumont.

E' um êrro, mas êle é a sua primeira vítima.

Demais, si todos os objetivos foram atingidos, sem que tenha havido resistencia séria do inimigo, é que êste, precipitando sua retirada, como já é sabido, desapareceu.

Não mais, pois, se trata dêle, e a ordem para o dia 29 diz essencialmente:

"O segundo Exército Alemão deslocar-se-á amanhã para a linha geral Ham-Crecy-sur-Serre, onde tomará suas disposições, tendo em vista o sítio de Lafére."

As divisões deverão atingir a 29, entre 11 e 11 horas e 30 a frente: Essigny-le-Grand, Villers-le-Sec, Parpeville, Faucouzy, Marfontaine".

Portanto, falta capital da parte dos 10.<sup>º</sup> Corpo Ativo e da Guarda: a informação não fôra transmitida e, em todo caso, não chegou. O Comando ficará cego.

E durante esse tempo o General Lanrezac, Comandante do quinto Exército Francês, dava sua ordem de ataque para o dia seguinte, 29.

A 29, pela manhã, a situação do segundo Exército Alemão desde logo se mostra má.

E' no escalão regimento que se vêm chocar, de modo muito curioso, na manhã de 29, as duas apreciações contrárias das possibilidades do inimigo: a do Comando e a dos executantes.

Segundo o estudo do Comandante Koeltz, na "Revue d'Infanterie":

"A 29, um pouco antes de 8 horas, os oficiais de ligação dos 1.<sup>º</sup> e 3.<sup>º</sup> Regimentos da Guarda voltam ao seu regimento portadores da ordem do Comandante da Brigada. Esta ordem reflete exatamente a opinião do General Comandante do Exército: 'Dante de nós só se acham fracas fôrças que se trata de desbaratar'. Devemos contar, disse o General Kleist aos dois oficiais, com um combate de curta duração e uma loga perseguição.

Os dois Comandantes de regimento, advertidos pelos acontecimentos da vespéra, têm uma opinião diferente. Eles reenviam seus oficiais de ligação ao General, para fazer valer suas objeções. O General cinge-se ás informações da ordem da D. I. e mantém suas instruções.

Como o nevoeiro impede qualquer preparação de Artilharia e a 2.<sup>ª</sup> Brigada se acha ainda na retaguarda, o Príncipe Eitel, Comandante do 1.<sup>º</sup> de Granadeiros, envia uma segunda vez o seu oficial adjunto ao General Kleist para que o ataque seja retar-

dado. O oficial adjunto é reenviado. O 1.<sup>º</sup> de Granadeiros pôde atacar francamente ,diz-se-lhe, mesmo sem preparação de Artilharia, *um inimigo que se retráí*".

O resultado é-nos dado pela enumeração das perdas sofridas na jornada pelos regimentos do Corpo da Guarda: 20 oficiais — 1.770 homens no 1.<sup>º</sup> Regimento; 14 oficiais — 550 homens no 2.<sup>º</sup> Regimento; 23 oficiais — 720 homens no 3.<sup>º</sup> Regimento da Guarda.

São essas as consequencias ás quais fica exposta a tropa si os quadros, em todos os escalões, não estiverem compenetrados da importancia capital da informação e de sua transmissão rapida.

Chegamos agora á segunda fonte de informações, que na guerra de movimento tem uma importancia capital; são as unidades aereas e, em particular, a aviação.

A aviação da Divisão e a aviação do Exército, cada uma na zona de ação que lhe fôr fixada na ordem de operações, dar-nos-ão informações importantes sôbre os grupamentos de fôrças inimigas, sua importancia (calculada pelo comprimento das colunas que elas puderam surpreender), sôbre os trabalhos em andamento.

Elas poderão conhecer, até certo ponto, si uma região está ou não ocupada. Mas sua vigilancia é incompleta e intermitente. Aliás, nos terrenos cobertos, uma tropa bem instruida pôde escapar ás investigações da aviação inimiga.

Como quer que seja, por uma conjugação judiciosa do reconhecimento fotografico e do reconhecimento á vista, é fóra de dúvida que a aviação deve fornecer ao comando informações que, confrontadas com as que provêm de outras fontes, constituirão muitas vezes a base de sua decisão.

A aviação, enfim, oferece a vantagem preciosa de assegurar a transmissão das informações que ela recolhe, quer instantaneamente, pelo T. S. F., quer muito rapidamente, por mensagens las-tradas atiradas ao P. C., não sómente da Grande Unidade (Divisão), mas tambem do Comandante da Vanguarda, no caso de uma marcha para a frente.

Ha uma categoria de oficiais sôbre os quais eu desejo dizer algumas palavras: são os observadores em avião e, em particular, os que são encarregados de uma missão de vigilancia geral e, melhor, de um reconhecimento á vista.

Sob o ponto de vista tatico, esses oficiais devem possuir uma bagagem importante, conhecer os processos de manobra da infantaria, as possibilidades da artilharia, ter noções muito precisas sôbre a organização das unidades inimigas e a sua tatica.

E' o olho do Chefe. Na guerra de movimento, o Comando será levado a tomar decisões capitais, á vista das partes relativas

á missão de observadores aereos. Tivemos um exemplo com Von Bülow, na batalha de Guise.

Durante a guerra, nós tínhamos um corpo admirável de observadores, infantes, artilheiros, cavaleiros, todos tendo feito dois ou tres anos de frente, na sua arma de origem, inteiramente aptos a surpreender e compreender os movimentos do inimigo, sabendo por experienca e por intuição em que zonas *ele devia* ter suas posições de bateria, em que região *podia* ter suas reservas.

Agora que na França, como no Brasil, os jovens que se destinam á aviação são recrutados na Escola Militar, é indispensável que durante o seu tempo de Escola de Aviação primeiramente, nas suas unidades em seguida, os oficiais aviadores completem sua instrução propria de aviador com o estudo da tatica das outras armas, particularmente da infantaria e artilharia.

Si eu quero aprofundar esta questão, faço-o colocando-me no meu papel de oficial da 2.<sup>a</sup> Secção, e em atenção á importancia capital da noção do "crédito" a atribuir aos orgãos de busca, no caso do observador aereo.

Antes de fechar este capitulo sôbre a aviação como orgão de busca, quero mostrar, por um exemplo vivido, como e com que segurança a aviação francesa do Exército e de Divisão, trabalhando em ligação íntima, poude, no periodo preparatorio da ofensiva alemã na Champagne, em 1918, pela localização do estacionamento das reservas alemãs e da sua zona de marcha, determinar com segurança a zona do ataque alemão e sua data proximada.

Este exemplo é tirado do relatorio do Comandante da Aeronautica do 4.<sup>º</sup> Exército, o Comandante Boucher, datado de 8 de agosto de 1918 (*Croquis n.<sup>o</sup> 3*).

A situação geral foi exposta no meu primeiro artigo ("Defesa Nacional", numero de julho de 1926). Eu indiquei como, desde 25 de junho, os orgãos de busca, orientados pelo Comando, procuraram recolher os indicios do ataque do inimigo:

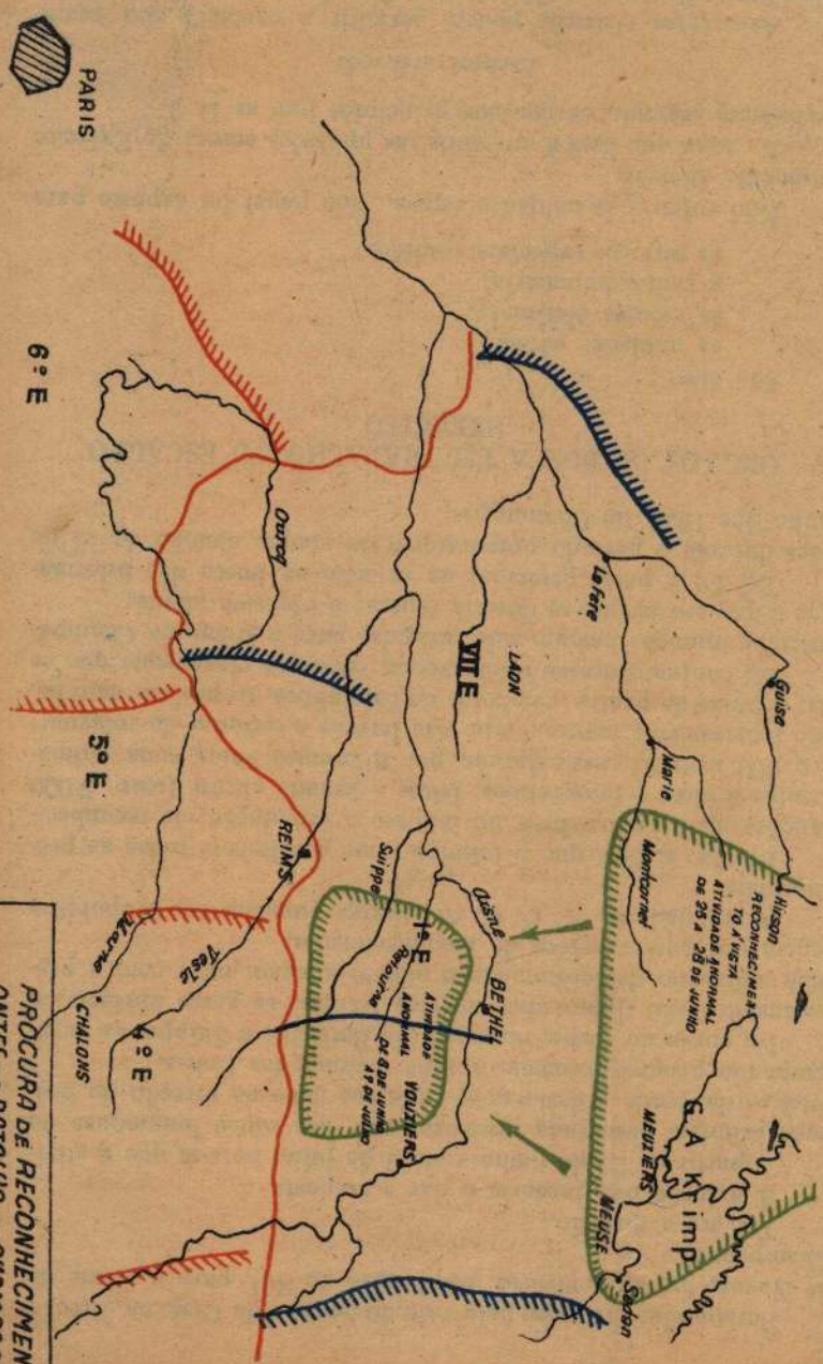
No que se refere á Aviação, ressalta do relatorio do Comandante da Aeronautica do 4.<sup>º</sup> Exército que, no dia 25 de junho, reconhecimentos á noite revelam uma atividade anormal por traz da frente inimiga, nos acantonamentos, gares e vias ferreas das regiões de Mezières, Sedan, Hirson, Montcornet. Esta atividade se mantém até 28 de junho.

Ao contrário, de 25 a 28 de junho nenhuma atividade na curva do Aisne e na zona imediatamente atraz da frente inimiga.

A zona delimitada pelos reconhecimentos aereos Sedan-Mezières-Hirson-Montcornet constituia evidentemente uma zona de desembarque e de concentração das reservas inimigas.

Mas, dessa informação segura não se podia tirar nenhuma conclusão quanto á zona de emprêgo dessas reservas.

Croquis n°3



Seriam elas dirigidas pelo vale do Serre e do Oise, na direção de Noyon, ou, ao contrário, na direção do Sul, para a frente de Champagne?

Tal era a questão.

A aviação não tardaria a dár a resposta.

A partir de 28 de junho e até 7 de julho nota-se que a atividade inimiga, observada primeiramente nas zonas longinhas da retaguarda, tende a deslocar-se cada vez mais na direção do Sul, ganhando progressivamente a zona vizinha das linhas.

Na curva do Aisne, nos vales da Retourne e Suisse, os acanthonamentos são iluminados, as vias ferreas, as gares apresentam uma animação desacostumada e não se apagam mais com a passagem dos nossos aviões de reconhecimento.

A atividade da 1.<sup>a</sup> D. C. A. inimiga aumenta em proporções anormais.

De dia, si bem que o inimigo tome geralmente todas as precauções uteis para reduzir ao minimo a circulação, os reconhecimentos á vista e fotograficos, feitos a grande altura (entre 5.000 e 6.000 metros), assinalaram, por diferentes vezes, uma animação intensamente anormal nas vias ferreas e estradas da retaguarda, colunas de poeira, comboios de caminhões, tropas em marcha.

Do conjunto dessas informações, resultava claramente que as reservas inimigas haviam sido dirigidas para a frente da Champagne e que era lá que se deveria esperar a ofensiva alemã.

Tal foi a parte principal da aviação na busca das informações durante o periodo preparatorio do ataque alemão de 15 de julho dpe 1928, na Champagne.

## ORGÃOS DE BUSCA EM TRABALHO NO ESCALÃO EXÉRCITO

São êles:

- as unidades aéreas;
- as escutas eletricas;
- a radiogoniometria;
- os serviços especiais (espiões).

Não voltarei ás unidades aereas. Seu papel foi exposto para o escalão Divisão.

Na zona que lhes é atribuida, as unidades aereas do Exército trabalham segundo os mesmos principios que as D. I.

### *Escutas elétricas*

As escutas eletricas podem permitir a captação das comunicações radioeletricas do inimigo, ficando assim o Comando de posse de informações de primeira mão.

O exemplo classico é o de agosto de 1914, na Prussia Oriental, onde o Comando Alemão teve conhecimento do dispositivo do Exército russo de Samsonoff por um radio em linguagem clara enviado por Samsonoff a seus comandantes de Corpos de Exército. O resultado foi a batalha de Tannenberg.

Mas, para ser objetivo, é preciso reconhecer que raramente uma falta tão grosseira será cometida. Todas as ordens transmitidas pelo radio o serão em cifrado e, a menos que se possua a chave, será impossível obter por esse meio informações suscetíveis de serem aproveitadas em condições de tempo admissíveis.

Como quer que seja, convém acentuar que esta missão de escuta, dada aos postos das grandes unidades, só deve ser eventual e, por consequência, não pôde ser atendida sinão fora das horas de emissão e recepção.

### *Radiogoniometria*

A radiogoniometria permite o recenseamento dos pontos inimigos, a determinação das suas posições, sua classificação por categorias, segundo os seus comprimentos de emissão.

Ela fornece assim um quadro das posições dos P. C., o número das grandes unidades; permite acompanhar os deslocamentos das grandes unidades e, pelas mudanças de indicativos, ter indícios preciosíssimos sobre as substituições levadas a efeito na linha de combate.

*Quanto aos serviços especiais* (agentes secretos), que constituem um orgão de busca importante no escalão Exército, que informações poderão fornecer ao Comando?

Os agentes podem contar o número de trens militares que circulam em uma linha; notar a numeração das unidades que atravessam uma aldeia; os números inscritos nas viaturas de vierves, nos caminhões. Eles colhem as conversações trocadas no *cabaret* por soldados sobre os últimos combates, as perdas, os boatos que correm na tropa. Mas essas informações, uma vez re-colhidas, é preciso transmiti-las. E' esta a grande questão.

Como proceder? O agente pôde atravessar as linhas, é possível, mas evidentemente muito perigoso.

Pôde enviar suas informações pelos pombos. E' um excelente meio de transmissão, mas torna-se preciso dispôr de pombos e assegurar o reabastecimento dêles aos agentes, pois convém não esquecer que um pombo, não sendo solto dentro de oito dias, não volta ao seu pombal.

Esse reabastecimento pôde ser assegurado por meio de pombos fechados em cestos, presos a paraquedas e lançados de avião.

Isto não pôde ser feito sinão à noite: é evidentemente muito aleatório.

Resta o radio. Do ponto de vista técnico é possível. Um posto de emissão clandestino, mudando de posição todos os dois dias, por exemplo, será muito dificilmente localizado pela radiogoniometria inimiga.

Mas é preciso poder operar esse deslocamento. É preciso que o posto emissor se ache em uma cidade de certa importância. Convém não esquecer que o inimigo fará numerosas pesquisas nas habitações.

Este meio de transmissão não poderá, pois, ser verdadeiramente eficaz sinão quando o inimigo ocupar uma parte do território nacional e o agente fôr auxiliado por numerosos cúmplices.

Isto me leva a distinguir nitidamente duas espécies de agentes.

Os agentes que trabalham por dinheiro. Esses oferecem seus serviços a quem mais der. Suas informações não devem pois ser aceitas sinão quando beneficiadas por um contrôle rigoroso.

Os outros, que servem ao seu paiz por patriotismo. É o caso desses admiraveis franceses que ficaram em território ocupado e que, durante quatro anos, sem receio da prisão e da morte, faziam chegar ao Comando francês informações da mais alta importancia.

Quanto a estes ultimos agentes, pôde-se ter uma confiança absoluta em suas intenções. Nem sempre, porém, êles são capazes de apreciar o valor de uma informação. É por isso que, a todos os agentes, quaisquer que sejam, convém dirigir perguntas precisas. Exemplo: quais as tropas que se acham no acantilamento em tal gare de triagem? De quantos homens se compõe o efetivo das companhias? Quantos oficiais por companhia? Foram recebidos reforços? De que especie?

Ao contrário, é de toda conveniencia evitar perguntas ás quais o agente pôde responder em termos que só apresentam um valor relativo (por exemplo: perdas fortes, moral baixo) os quais dependem essencialmente do estado de espirito do homem interro-gado e do agente.

Devemos dizer que na guerra de movimento os agentes secretos não prestam nenhum serviço? Evidentemente não. Mas, si as informações que fornecem ao Comando são geralmente interessantes, uma vez que apresentam um quadro da situação do inimigo (efetivo das grandes unidades, classes convocadas, situação do reabastecimento...), raramente são suscetíveis de aproveitamento imediato.

### CONCLUSÃO

Termino aqui a exposição dos caracteristicos da busca das informações na guerra de movimento.

O que é preciso reter são, particularmente, os pontos seguintes:

Na guerra de movimento não se poderá empregar todos os órgãos de busca de que o regulamento de 27 de julho de 1926 nos fornece a enumeração.

Limitar-nos-emos, pois, aos órgãos de busca cujo emprêgo é fácil e que permitem uma transmissão rápida pelas informações recolhidas.

Si o Comando quer ter informações, é essencial orientar os órgãos de busca, fazendo-lhes perguntas precisas (ordens diárias dadas aos órgãos de busca).

O rendimento das tropas em contato, no que se refere à busca das informações, será função não sómente da formação dos técnicos encarregados de fazê-los trabalhar, mas ainda, e sobretudo, da mentalidade dos oficiais de tropa, do Coronel ao Comandante de Pelotão.

Esta mentalidade, êste automatismo, é no tempo de paz que devem ser criados.

Si se quer que as informações recolhidas sejam aproveitáveis, é necessário transmiti-las o mais depressa e por todos os meios de transmissão possíveis ao escalão de comando suscetível de utilizá-las.

Tais são as idéias essenciais que se devem depreender dêste estudo e sobre as quais eu julguei mais uma vez dever chamar a atenção.





# Dos meus apontamentos de tenente

Pelo Major NILO GUERREIRO

## Missões individuais do soldado no combate

Pelo Cmt. GUIGNES

(Traduzido da Revista de Inf. Franceza)

### GENERALIDADES

O soldado do grupo, no combate, pode ser empregado como:

- vigia;
- esclarecedor;
- agente de transmissão;
- homem de ligação.

Assim se exprime o Regulamento de Infantaria (francês, 3.<sup>a</sup> parte, n.<sup>o</sup> 374) que fixa as missões individuais do soldado.

A instrução preparatória tendo iniciado a instrução do soldado, resta-nos ensinar, a cada homem, como ele terá que agir para realizar em boas condições as missões individuais que lhe são confiadas em campanha.

O método adotado, para os exercícios de instrução preparatória do soldado no combate é ainda aplicável, em suas linhas gerais, à aprendizagem tendo em vista as missões individuais. Como para a instrução preparatória, a progressão deverá ser feita do simples para o complexo.

Desde o princípio se deverá ter o máximo cuidado em mostrar o fim da instrução e se procurará, constantemente, fazer trabalhar a inteligência dos instruidos.

Sempre que fôr possível se trabalhará de maneira a impressionar o seu espirito por uma demonstração preparada com o maior cuidado, entremeiada de incidentes, se preciso, com o fim de mostrar a necessidade do ensinamento dado e os exercícios necessários para realizá-lo.

E' assim, por exemplo, que para o vigia, deve-se evidenciar a consequencia que pode ter uma surpresa do inimigo.

Passemos, agora, a examinar sucessivamente a instrução a dar pelos instrutores para ensinar ao soldado, nas melhores condições, seus deveres n execução das diferentes missões individuais.

Comecemos pelo caso mas simples, a missão em que êle se conserva parado, isto é, a aprendizagem do vigia.

### O VIGIA

A denominação secular de sentinel a não figura mais no novo Regulamento de Infantaria (francês): ela foi substituída pela de vigia.

Sem querer discutir a oportunidade desta mudança convém notar que os vigias não atuam mais, afastados do posto que os fornece como atuavam, em geral, antigamente, as sentinelas. Eles são colocados no proprio posto ou em suas proximidades imediatas. Esta situação modifica, simplificando-a em favor do vigia, a missão que incumbia ao sentinela. Por outro lado, ela permite uma instrução mais facil, pois o menor acontecimento pode ser assinalado diretamente ao chefe do posto, que intervém para tomar as providencias necessarias.

Quando as circunstancias ou o terreno obrigam a afastar os vigias do posto, êles devem apesar disto ficar suficientemente proximos deste, de forma a que se possam corresponder com o chefe de posto sem elevar muito a voz.

Esta medida, que reduz incontestavelmente a missão e a responsabilidade dos vigias, não nos deve conduzir, entretanto, à negligencia de sua aprendizagem, porque não devemos perder de vista que "os vigias constituem o elemento fixo da vigilancia" e que a eficacia desta vigilancia dependerá essencialmente do valor da instrução que êles tiverem recebido.

Não nos esqueçamos, igualmente, que os postos têm o direito de repousar sob a vigilancia esclarecida de seus vigias, cujo papel principal é garantir sua segurança imediata e, da mesma forma, a segurança da tropa a cobrir.

**Qualidades morais** — Os vigias são vista e ouvido do posto ao mesmo tempo; frequentemente terão que apelar para toda sua energia, toda sua vontade e toda sua inteligencia para cumprir sua delicada missão. Deveremos ter em conta efetivamente, que a fadiga, e o sono, as emoções de combate e a falta de alimentos algumas vezes, e tambem as intempéries, exgotarão rudemente as energias dos homens. Para resistir vitoriosamente a esses inimigos, ser-lhes-á necessaria, além de uma aprendisagem

Vistos estes princípios, larga e intensamente postos em evidência, passados agora à instrução técnica e tática do vigrá.

Si essa preparação não foi feita, ou si foi insuficiente, a terceira de nossos soldados para que recebam provisoriamente esta cultura. Empregar toda a sua convicção e toda a sua vontade para conseguir o cião deverá tomar em mão, pessoalmente, esta parte da instrução os oficiais; mas não se deve renunciar a ela por isto. Ao contrário os oficiais devem sempre militares ser mais difícil e menos suscetível de obter bons resultados; educador militar será mais difícil e menos suscetível de obter bons resultados.

Mas, com o pequeno tempo de serviço, não parece possível obter resultados certos e duradouros si a escola não houver preparado o espírito das massas, com o resultado de servir, não para que recebam provisoriamente esta cultura, desejarem fazer.

Em falta de atores do grande drama da guerra, os livros narrando casos concretos, as lembranças dos combatentes, permitem, por sua abun- dância, escolher a vontade. Os instrutores não terão a menor dificul- dade para encotrar os exemplos mais favoráveis às demonstrações que desejarem fazer.

Os D'Assas, os Chovert, os Latour-D'Auvergne etc.; e, também os vigrás, os escarreiros, os homens de ligação da grande guerra, que subiram ao elevar tanto no domínio, do sacrificio obscuro, não nos ofe- recem os melhores exemplos?.

A escolha desses episódios será fácil; não se terá mais que buscar nos anais de nossa história nacional.

Falta-se nele, pensa-se nele, mas é de nálo ésta presente; e, mesmo se apresentado ou figurado, sabe-se que não há prigo em mostar-se temeraria ou hesitança. E' mais uma razão para que a palavra seja simples, e que consiga fazer-las viver pelo pensamento, algumas episódios de guerra que cheia de convicção escarreida que eleva a alma de nossos soldados a que ilustram a instrução.

Não temos senão a palavra para persuadir nossos soldados; pois o factor essencial, aquela que, na guerra, produz as emoções, que faz "tremer nossas carcaças" e que, algumas vezes, transforma em heróis os mais timidos e os mais modestos, enquanto que outras vezes desmoralaiza os mais valentes: — o inimigo, — não existe.

E' necessário pois conduzir lado a lado a aprendizagem moral e a instrução prática: elas são inseparáveis.

Este alto cumulo moral e o caráter geral da instrução tendo em vista o combate; pois sem ele a técnica, por melhor que seja ensinada, será impotente ou, pelo menos, incompleta.

Preços que elas saibam que esse deve poder pode ser exigir o sacrifício, hi- velemente acerto, da existência, em proveito da colletividade. E' e a sua vontade e a dar-lhe um elevado sentimento de dever a cumprir. E' mecanica, uma aprendizagem moral a estimada a temperar o seu coração

**Idéia geral sobre os P. A.** — Uma primeira lição consistirá em dar aos instruendos uma ideia geral sobre o que é uma rede completa de P.A. sobre o terreno, afim de faze-los compreender mais facilmente o fim da instrução mostrando-lhes as dependências sucessivas dos diversos escalões.

Essa demonstração poderá, com grande vantagem, ser feita em cada batalhão num terreno que tenha vistas extensas e a possibilidade, para os instruendos, de ver os escalões em suas posições reais.

Em seguida se passará à aprendizagem; a princípio em exercícios especiais, depois no decorrer de todos os outros exercícios que comportem a utilização de vigias (exercícios de P. A., exercícios de combate, etc.).

**Escolha de local** — Em todos os casos e em todas as situações é preciso insistir sobre a necessidade, para o vigia, de ver, ouvir, conhecer sempre a direção a vigiar, e, si possível, não ser visto pelo inimigo.

Depois se ensinará que ele deve conhecer:

- sua missão;
- seus roteiros;
- e as posições dos vigias vizinhos.

Os roteiros gerais, aqueles que constituem uma espécie de guia para todos os casos, ser-lhe-ão ensinados ao mesmo tempo, depois de te-los feito objéto dum curta e simples instrução teórica.

Far-se-á o homem compreender que um vigia não combate, que o seu fôlego cuja ineficácia se lhe poderá demonstrar facilmente, não se justifica senão quando ele não pode prevenir de outra forma a presença do inimigo ou quando ele deve provêr a sua propria defesa.

Desta enumeração podemos tirar uma primeira conclusão: é que a instrução preparatoria tendo em vista o conhecimento e a utilização do terreno encontra áí uma aplicação imediata para o vigia.

Dissimular-se às vistas terrestre e aereas, disfarçando a posição escolhida e organizando-a sumariamente, constitue um dever elementar que deve passar a reflexo no soldado.

Para essa preparação, um posto figurado será localizado no terreno pelo instrutor e ele exercitará os homens em procurar escolher, êles mesmos, sua posição para vigiar numa direção dada.

Com este feito o instrutor designará cinco ou seis homens e os deixará escolher como entenderem, enquanto os outros instruendos ficarão grupados em torno dêle. Passará, em seguida, sucessivamente por junto de cada um dos homens postados e fará a critica simples das posições escolhidas. Procurará, nessa critica, salientar as vantagens e desvantagens das escolhas feitas pelos homens.

Trabalhará da mesma maneira em outras direções, com outros homens, até que todos tenham sido chamados a escolher um posto. Deverá, é claro, repetir estes exercícios em terrenos diferentes.

Convém notar que, na realidade, o comandante do posto ou do pelotão intervirá para retificar a escolha feita pelo vigia. Isto, porém, não torna melhor a necessidade de que elas saibam escolher um local conveniente de maneira que possam começar a observar, nas melhores condições, enquanto esperam a intervenção de seu chefe.

**Setor a vigiar** — Quando o exercício acima estiver bem compreendido, dar-se-á a noção de setor a vigiar, noção da qual depende diretamente a continuidade e o valor da vigilância.

Ninguem duvida que seja necessário assegurar de maneira absoluta essa continuidade e esse valôr, se não se quer deixar ao inimigo a possibilidade de realizar infiltrações perigosas para os elementos da rede de segurança e mesmo para o conjunto dos P. A.

O setor a vigiar pode ser definido como a parte do terreno limitada:

- em frente, pelo horizonte visível;
- dos lados, por duas linhas imaginárias que, partindo do olho do vigia, passem por pontos importantes do terreno e se prolonguem até a linha do horizonte.

Ha interesse em escolher, na linha do horizonte, pontos fáceis de reconhecer indicando o extremo dos limites laterais do setor a vigiar.

E' importante que os limites laterais cortem os limites dos setores vizinhos; isto tem por fim a obtenção do cruzamento e, portanto, a continuidade da vigilância.

Um marco, próximo dos vigias, colocado, se necessário, por eles mesmos, deve permitir-lhes verificar, tanto de dia como de noite, se estão com efeito de frente para a direção a vigiar.

A fiel observância desta prescrição, tão simples, exige uma grande atenção e deve sofrer frequentes verificações pois é bem difícil ao vigia, sobretudo se tem uma certa mobilidade, o permanecer orientado na direção que lhe foi dada. Durante a instrução será muito bom fazer com que os homens constatem.

E' necessário que o vigia veja e ouça tudo que se produza de anormal em seu setor; e que esteja habituado a assinalar instantaneamente. Deverá, também, assinalar tudo quanto possa ver ou ouvir nos setores vizinhos, mesmo fóra dos limites que lhe tenham sido fixados. Isto é uma questão de solidariedade sobre a qual insistimos e cuja ideia deve

ser desenvolvida em todos os escalões, de maneira a transformar automaticamente numa lei familiar a todos os combatentes.

Devemos, então, fazer um segundo exercício para habituar o homem postado a vigiar um setor dado. Isto feito ensinaremos o estudo detalhado do terreno, ou por outra, o reconhecimento a vista das particularidades importantes que ele apresenta sob o ponto de vista das vias de comunicação, localidades, grandes bosques, etc., seja como cobertas ou caminhamentos favoráveis ao inimigo, seja como zonas que permitem aos seus vigias a observação de nossas linhas.

Este estudo rápido do terreno *em sua frente* deverá se tornar familiar a todos; ele é indispensável, si se deseja que os vigias se interessem por sua missão cuja importância compreendam totalmente.

E' para as vias de acesso e os caminhamentos favoráveis ao inimigo que sua atenção deverá ser, então, dirigida; são estes, com efeito, os pontos mais perigosos que é essencial vigiar particularmente.

Em seguida a atenção deverá ser dirigida para todos os pontos do terreno favoráveis à observação por parte do inimigo. Estes pontos deverão ser estudados detidamente e vigiados com muita atenção.

Enfim se poderá passar aos pontos notáveis do terreno (colinas, bosques, casas isoladas, pontes, aldeias, estações de estrada de ferro etc.).

As cores que possam denunciar uma "camouflage" serão igualmente estudadas e vigiadas como sendo susceptíveis de mascarar movimentos ou organizações inimigas.

Ao contrário do que erroneamente se supunha antes da guerra, não nos parece indispensável que o vigia conheça os nomes dos pontos importantes de seu setor de vigilância, tais como estão na carta; pois julgamos que esta nomenclatura será rapidamente esquecida ou deturpada.

E' entretanto, indispensável que os vigias conheçam a orientação geral das vias de comunicação, as possibilidades de transito para estas vias, assim como os pontos importantes que elas atravessam ou formam (encrusilhadas, represas, etc.).

Frequentemente ha de acontecer que o vigia dê, de motu proprio, um nome aos pontos mais importantes, principalmente aqueles cuja forma se assemelhe a uma figura geométrica ou tenha uma cor viva; por exemplo: o mato quadrado, a casa vermelha, o campanário pontudo, etc.

Quantos nomes dados assim foram ilustrados pela guerra! O essencial é que se entenda a que pontos se referem essas denominações; e as mais simples ou mais pitorescas serão sempre as que os homens guardarão com menos esforço.

Entre esses pontos importantes, o vigia terá que escolher os que lhe permitam a vigilância fácil de suas vizinhanças; avaliará a distância aproximada com o fito de informar, no caso de insucesso, seu chefe do posto sobre a situação e a distância dos grupos inimigos, que tenham penetrado no setor de vigilância e se achem nas proximidades desses pontos.

A direção a vigiar, que será dada ao vigia e sobre a qual ele deverá principalmente manter sua atenção, poderá diferir daquela em que foi assinalado o grosso do inimigo; mas para o vigia, a vigilância deverá permanecer a mesma, pois o inimigo pode sempre infiltrar elementos ligeiros em direções diversas da em que se acha o grosso de suas forças.

Em tais casos é mister conservar-se alerta especialmente em vista dos raids e golpes de mão que possam ser tentados por elementos transportados em autos ou motocicletas.

Tudo que acabamos de enumerar e que constitue a tarefa mais importante do vigia, faz parte da sua vigilância **em frente**.

Ele terá ainda que se ocupar menos, porém não descurando totalmente, da **sua direita** e da **sua esquerda** (ligações com os vizinhos, comunicações possíveis, postos etc.). Enfim deverá reconhecer, a **sua retaguarda**, a posição exata de seu posto e os caminhos que, de dia ou de noite lhe permitem circular com mais segurança.

Este conhecimento de que podemos chamar "o giro de si mesmo" é indispensável para obtermos uma segurança eficaz. E' graças a ela que a rede de segurança adquire a continuidade, como consequência da interpenetração da observação de todos os vigias que a balisam.

**Solidariedade na missão** — Essa interpretação criada, exige uma solidariedade absoluta entre os vigias, pois a negligência ou falta dum deles pode trazer consequências as mais graves para o conjunto.

Deve-se, portanto, insistir sobre essa noção de solidariedade na missão, aliás como em todas as situações da vida em campanha.

**Ligação entre os vigias** — As ligações entre os vigias, pela vista ou por contato direto, não devem, em princípio, ser abandonadas à iniciativa dos interessados. Pelo contrário, devem ser minuciosamente reguladas em seus detalhes pelo comandante da unidade que fornece os postos. Os sinais de reconhecimento que, a nosso ver, devem ser simples, fáceis de guardar e mudados frequentemente, devem ser regulados nas mesmas condições.

Embora estas questões façam parte da instrução a dar aos quadros,

é bom que os homens conheçam os inconvenientes que podem resultar dos abusos no emprego ou na repetição dos sinais.

**Rendição** — A rendição dos vigias será regulada de forma que cada grupo de vigias (de noite) e cada vigia isolado (de dia) seja exatamente substituído no fim do prazo fixado como duração do serviço.

De dia não haverá dificuldade em consequencia da proximidade do posto. De noite poderá não ser assim se o chefe não cuidar bem. E' por isto que aconselhamos a organização seguinte: rendição por metades, isto é, um vigia em cada dois.

**Duração do serviço** — A duração do serviço deve ser regulada de acordo com as circunstâncias e a situação do momento e tambem com o estado fisico e moral da tropa.

Si o inimigo não está longe é conveniente reduzir ao minimo a duração dos quartos de maneira que as rendições das metades tenham lugar todas as meias horas. Exemplo: dobrar o vigia de dia às 18 horas, rendição deste vigia às 18,30, rendição às 19 horas do vigia que entrou de serviço às 18 horas etc.

Esta maneira terá o inconveniente de multiplicar os movimentos e as rendições e, portanto, de reduzir o total do repouso à noite; mas, por outro lado terá a vantagem de não dar tempo ao vigia para que adormeça completamente ou por muito tempo.

Pessoalmente aplicámos muitas vezes este sistema durante a guerra e principalmente em 1914 e 1915, sem nunca termos falhas a registrar.

**Atividade e vigilância dos quadros** — Fica entendido que a aplicação da medida preconizada acima não deve em absoluto redusir a atividades dos graduados que procurarão controlar particularmente a exata transmissão dos roteiros.

Sua ação pessoal deve se exercer com tanto maior perseverança e atenção quanto fôr mais consideravel a fadiga da tropa e mais iminente o perigo.

Em certos casos, particularmente graves, principalmente quando um contâto aproximado foi estabelecido com o inimigo, numa noite de combate, por exemplo, sobretudo quando se opera em terreno coberto e cortado, num bosque etc., a atividade dos vigias deve ser controlada pelos comandantes de pelotão, comandantes de companhia e mesmo comandantes de batalhão. Este controle permitirá, a miúdo, prevenir surpresas e o panico, que elas possam produsir.

Só a ação pessoal do chefe junto aos vigias pode reconduzir á calma à manutenção da moral quando as tropas estão enervadas fortemente, após um ataque ou um bombardeio ou por qualquer outro motivo.

**Programa dos exercícios a realizar para  
a instrução do VIGIA**

<b>Natureza dos exercícios</b>		<b>Locais</b>	<b>Observações</b>
1	Teoria dando uma idéia de conjunto sobre os P. A. e seus diferentes escalões.	Em sala	
2	Demonstração destinada a mostrar aos recrutas, no terreno os diversos escalões dum conjunto de P. A. e a dependência desses escalões.	Em terreno descoberto	Escolher um terreno permittindo a localização dum dispositivo que possa ser visto dum ponto de observação.
3	Exercícios destinados a ensinar aos vigias a escolher seus postos e criticar as escolhas feitas.	Terreno variado	Mudar os terrenos e as situações. Figurar a localização dum posto.
4	Escolha e organização dum posto (disfarce, facilidade de observação, etc.,) critica.	Idem	Idem.
5	Noção do setor à vigiar:		
a)	Teórica	Em sala	Escolher terrenos descobertos e depois, progressivamente, acidentados.
b)	Prática	Em terreno	
6	Estudo detalhado do setor à vigiar: — em frente — à direita e à esquerda — à retaguarda	variado.	
	Batismo dos pontos notáveis.	Em sala	
	Avaliação de algumas distâncias.	Em terreno variado.	
7	Exercício destinado a demarcar a direção à vigiar e colocar um marco testemunha.	No terreno	Variar os terrenos, começando pelo descoberto e terminando pelo coberto, não insistir muito: repetir-se-á no decorrer do exercício de aplicação.
8	Exercício para ensinar como se vigia um setor.	No terreno	Variar os terrenos. Representar o inimigo. Criar os incidentes necessários.
	Solidariedade na vigilância com os outros vigias.		
9	Exercício de ligação entre os vigias.	Idem	
10	Conhecimento e emprego dos sinais.		
11	Exercício de rendição e passagem dos roteiros.		NOTA — Todos os exercícios previstos no presente programa, deverão ser executados de dia e depois à noite, variando o terreno e as situações.
12	Casos particulares (postos em contacto, moral abatida etc.)		
13	Teoria sobre os roteiros gerais e aplicação progressiva de tais roteiros.		O aperfeiçoamento se fará nos exercícios de aplicação, durante os quais será necessário misturar recrutas e veteranos.
14	Criação de incidentes simples tendo em vista a reação dos vigias (inimigos, ruidos suspeitos etc.).		A educação moral deverá ser dada em todas as ocasiões favoráveis.

## II — ESCLARECEDOR

**Considerações gerais:** — “O esclarecedor, diz o Reglement de l'infanterie (2.<sup>a</sup> parte, n. 376), tem por missão avançar na direção prescrita e descobrir o inimigo. Ele se desloca por lances de um ponto de observação a outro. Cumpre-lhe procurar estes pontos, assim como o itinerario a seguir para neles se colocar segundo as indicações que recebe de seu comandante de patrulha, sempre em inteira ligação pela vista com eles”.

Desta definição podemos tirar uma consequencia essencial: é que o esclarecedor é um vigia que se desloca segundo as ordens dum chefe — o comandante da patrulha — escolhendo ele proprio o itinerario a seguir para atingir os pontos de observação sucessivos que ele igualmente escolhe e que devem lhe permitir cumprir da melhor maneira possível a sua missão.

Se de um lado a imobilidade favorece a vigilancia do vigia, o esclarecedor, por outro, deve ter aprendido:

a) se deslocar segundo os caminhamentos mais comodos ou mais favoraveis;

b) A escolher por si mesmo, seus pontos de observação;

c) A ficar em ligação com seu Cmt., que não intervirá senão para lhe dar indicações gerais sobre seus deslocamentos.

Daí um adextramento mais complicado que o do vigia, adextramento no qual os exercícios executados no decorrer da instrução preparatoria (conhecimento e utilisação do terreno, orientação, indicios, etc.) desempenharão um papel mais importante que no do vigia.

Devemos, entretanto, verificar que a instrução do vigia, que deve ser ministrada antes da do esclarecedor, contribuirá para preparar esta ultima.

O serviço que se exige do esclarecedor de Infantaria em campanha será sempre delicado, penoso e perigosos.

Requererá, homens apropriados para a missão, qualidade de saber, audacia, sangue frio e vontade que fazem com que este serviço não possa geralmente ser confiado — senão a individuos bem escolhidos.

Não quer isto dizer que não se prepare todos os homens nesta função porque, quando os melhores desaparecerem, é mister poder utilizar não importa quem nas melhores condições.

Se, para uma missão delicada, a seleção momentanea se impuser, escolher-se-á os mais aptos, os mais desembaraçados.

Agir-se-á do mesmo modo para uma missão de contato ou para um golpe de mão audacioso. O chefe escolherá então e dará a cada homem assim designado a missão que ele aparenta poder melhor desempenhar.

Se o esclarecedor deve por si proprio tomar certas iniciativas, notemos que as deve tomar dentro do ambito do grupo do qual ele depende

e segundo as ordens que recebeu do seu Cmt.. E' necessário que esta obrigação seja claramente posta em evidencia, afim de fazer compreender aos instruendos que uma iniciativa mal tomada, poderá comprometer o exito da missão. Fatos dessa natureza foram muitas vezes verificados no decorrer da guerra onde se viu fracassar, por causa de um só homem que não seguira exatamente as ordens recebidas, pequenas operações cuidadosamente preparadas.

Esta constatação merece ser posta claramente em evidencia, para que cada um comprehenda sua importância.

#### **Missões do esclarecedor**

Em seguida vamos resumir as principais situações em que as patrulhas de infantaria, e por conseguinte, os esclarecedores terão que operar em campanha.

Encontramos, no Reglement de l'infanterie (3.<sup>a</sup> parte, n. 136), a enumeração das situações em estacionamento, à qual convém acrescentar as situações em marcha:

- patrulhas de ponta de vanguarda;
- patrulhas de flanco;
- patrulhas de retaguarda.

Qualquer que seja a situação os esclarecedores terão sempre que se deslocar numa direção fixada, cobrir seu Cmt. e ficar em ligação com ele, escolher pontos que lhe permitam ver ou ouvir, o que faz com que, para eles, o adextramento consista em aprender a agir ora a direita, ora a esquerda, ora a retaguarda de um comandante de patrulha.

#### **Demonstração a fazer**

Da mesma forma que se mostra um posto ao vigia, mostra-se as diferentes patrulhas aos esclarecedores instruendos, afim de melhor impressionar-lhes a imaginação.

Feitas estas demonstrações, começar-se-á o adextramento passando sucessivamente às diferentes missões que o esclarecedor terá que cumprir segundo o lugar que ocupar na patrulha.

#### **Necessidade do adextramento devido**

Parece-nos necessário insistir na necessidade de conservar neste adextramento um carácter exclusivamente individual até o momento em que, cada um tendo perfeitamente compreendido, possa sem inconvenientes, passar à instrução da patrulha.

### Necessidade de ver

E' preciso que o esclarecedor saiba bem que deve antes que tudo ver e que, se puder ver sem ser visto, estará colocado nas melhores condições para bem cumprir sua missão.

Como consequencia deverá escolher:

- a) pontos de paradas permitindo a vista e si possivel, o abrigo;
- b) itinerarios ocultos às vistas do inimigo para se deslocar de um ponto a outro de observação.

Os pontos de observação que não lhe permitam continuar a progressão não devem ser utilizados.

### Necessidade da vigilancia e da desconfiança

Para o esclarecedor, ainda mais que para o vigia, a vigilancia e a desconfiança devem ser rigorosas porque para o esclarecedor, o inimigo deve estar em toda a parte e, consequentemente, nada deve escapar às investigações sobre o itinerario que ele segue e na vigilancia dele.

### Qualidades morais

Todas as qualidades morais exigidas para o vigia são, a fortiori, necessarias ao esclarecedor, porque o conhecimento de seus deveres não pode substituir a insuficiencia de seu adextramento moral.

A noção de solidariedade deve ser largamente desenvolvida no esclarecedor, porquanto ela é o fator essencial do exito do grupo que representa, a patrulha da qual ele faz parte.

Este grupo age inteiramente sob a direção dum chefe para cumprir uma missão; é necessario pois, que a ação de cada um de seus membros esteja de acordo com as ordens dadas por este chefe em vista da missão. Toda iniciativa contraria ou toda inercia retardadora da ação comum, devem pois ser cuidadosamente evitadas.

### Ligaçao e apoio mutuo

Agir em ligação com seu Cmt. e com seus camaradas deve ser a constante preocupação do esclarecedor.

Não se pode fixar aos esclarecedores duma mesma patrulha intervalos e distancias que são essencialmente variaveis com o terreno, o tempo, o dia, a noite etc.; mas estes intervalos e estas distancias não devem nunca ser tais que não permitam ao esclarecedor prestar ao seu chefe e a seus camaradas um apoio eficaz com sua arma.

### Cuidados que devem ser exigidos no adextramento

Para ficar desembaraçado nas diferentes missões, pelas dificuldades oriundas do terreno a percorrer e das reações possíveis do inimigo, é preciso que o instruendo seja submetido a um longo e minucioso adextramento. As mudanças frequentes de terreno e de situação permitirão, por si só, dar aos homens a virtuosidade necessária para bem cumprir as delicadas missões que lhes serão impostas.

Convém notar que os exercícios de aproveitamento do terreno, as marchas de aproximação e os exercícios de combate serão um importante apoio para este adextramento.

### Metodo de instrução

O metodo a empregar será sensivelmente o mesmo que no adextramento dos vigias.

Haverá aqui a constante preocupação de representar o inimigo e dar cartuchos de festim ao **plastrons** e aos instruendos com o fito de lhes permitir agir como agiriam em campanha.

Graças a estes tiros, o diretor do exercicio, ou instrutor, conforme o caso, poderá acentuar mais facilmente as faltas cometidas.

O programa dos exercícios a executar será o previsto para a instrução da patrulha nas diferentes situações. Ter-se-á cuidado de crear, em cada caso, uma situação simples e uma missão para o comandante de patrulha, designando o esclarecedor a instruir (da direita, da esquerda, da retaguarda, etc.).

O Cmt. de patrulha dará ordens e o instrutor seguirá o trabalho do esclarecedor designado, com os outros instruendos. Intervirá quando julgar necessário, com o fim de fazer com que todos aproveitem o ensinamento. Terá cuidado, todavia, de ficar no limite da situação inicialmente dada, a menos que julgue útil modificar a missão, neste caso, deverá indicá-la ao comandante da patrulha.

\* \* \*

## III — O AGENTE DE TRANSMISSÃO

### Considerações gerais

Demos no decorrer dos exercícios preparatórios em vista do adextramento necessário para a transmissão duma ordem ou duma informação os princípios que devem guiar o instrutor para instruir o agente de transmissão.

Estes princípios devem entretanto passar para o domínio da apli-

cação pratica, afim de nos permitirem ter, nas nossas unidades, o maior numero possivel de homens aptos a cumprir as missões confiadas aos agentes de transmissão.

Não será necessario fazer exercícios especiais quando a instrução preparatoria tiver sido exatamente ministrada; bastará combinar esta instrução com os exercícios de combate. E' necessaria, todavia, que cada homem seja chamado para cumprir as missões de transmissão nas diferentes situações.

Ainda mais, precisa-se saber que os homens não tem todos a mesma aptidão para cumprir missões desta natureza e que uma seleção se imporá na pratica. Deve-se entretanto como nos outros adextramentos, dar a instrução a todos com o mesmo interesse de obter os melhores resultados.

#### **Qualidades morais**

Como o esclarecedor, o agente de transmissão deverá possuir bastante energia e sangue frio, assim como qualidades particulares de habilidades para se livrar de situações dificeis. Sua missão será algumas vezes embaraçada ou complicada pelo inimigo ou pelo terreno; ele não deverá por isto deixar de proseguir em sua realização com o firme propósito de leva-la a bom termo.

#### **Instrução necessaria**

Ele deverá saber escolher seu itinerario, orientar-se, e tornar a encontrar o caminho de volta, máo grado os obstaculos achados. Não terá ninguem para guia-lo e é nele mesmo, no seu preparo que deverá encontrar os conhecimentos necessarios. E' pois com a ajuda da instrução do esclarecedor que se completará o ensino preparatorio, e depois que esta instrução estiver compreendida é que se iniciará o adextramento do agente de transmissão.

#### **Adextramento particular**

Ulteriormente, aperfeiçoar-se-á este adextramento ensinando aos mais aptos a leitura da carta e o uso da bussola.

Para tal, da-se a estes homens as noções teoricas indispensaveis, depois não se terá mais nada do que manda-los permanentemente, para os exercícios no exterior, de cartas e bussolas, de maneira a lhes tornar familiar o uso destes meios.

Confiar-se-á a um graduado especialisado a direção e, observação deste adextramento particular.

### Giro de horizonte

Um exercicio que facilitará consideravelmente este adextramento consiste em habituar os homens a fazer o **giro do horizonte** em cada parada de qualquer duração. Esta pratica, a qual deverão estar acostumados todos os graduados, permite adquirir rapidamente os conhecimentos necessarios para se orientar, designar um ponto importante do terreno, achar pontos de referencia, etc.

E' indispensavel que este adextramento seja feito sobre terrenos os mais diversos e que a travessia dos bosques espessos e profundos, assim como a de terrenos contendo obstaculos lhes venha a ser familiar.

### Adextramento durante a noite

Os exercicios durante a noite permitem habitua-los a orientar-se com a ajuda do cruseiro do sul, da lua, ou da bussola de quadrante luminoso.

Notemos, que as dificuldades creadas pela noite serão amenisadas, porquanto a utilisação do terreno não se imporá geralmente e a marcha nos caminhos permitirá se dirigir mais a vontade. Bastará ter, previamente, determinado a direção destes caminhos e escolher os mais favoraveis.

### Pontos de direção

A volta ao ponto de partida ou o ponto fixado, mesmo de dia, será sempre delicada, sobretudo quando se operar dentro de bosques ou em um terreno coberto ou acidentado.

Será necessário habituar os homens a escolher pontos aparentes ou crea-los mesmo. Sem se ir até o ponto de semear pedras brancas a semelhança do "Petit Poucet" pode-se recomendar o metodo usado pelos escoteiros, que consiste em crear pontos artificiais tendo uma significação particular segundo sua forma, sua direção, sua natureza, etc. E' assim que se pode quebrar ramos, semear papel pelo solo (quando não houver vento muito forte) plantar estacas munidas de etiquetas, etc.... A habilidade dos homens pode-se dar uma livre escolha sobre estes meios: o essencial é que eles tornem a ser encontrados.

### Identificação dos postos de comando

Para facilitar a procura dos P. C. torna-se necessário que as autoridades tendo organizações desta natureza (comandante de Cia., Btl., etc.) tenham o cuidado de assinalar a direção que se deve seguir para encontrar-los. Para isto, será vantajoso generalizar um uso aplicado cor-

rentemente em certas unidades, que consiste em colocar, na bifurcação mais visinha, um cartaz indicador.

Esta simples medida facilitará consideravelmente as buscas e evitará erros.

#### **Figurar ou representar o inimigo**

Para interessar o exercício, será bom fazer intervir o inimigo seja por patrulhas reais, seja por bombardeios supostos ou representados por meio de artifícios ou de sinais impedindo pontos de passagem obrigatória. Estas intervenções obrigarão os homens a escolher um outro itinerário.

#### **Cadeias de mensageiros**

No caso dos terrenos muito cobertos e de dificuldades criadas pelo inimigo, e sempre que for necessário, a todo preço, manter as possibilidades de transmissão entre dois pontos, utiliza-se vantajosamente a cadeia de mensageiros. Afim de se evitar as deformações que um tal processo não deixará de trazer às transmissões, será necessário fazer transmitir por escrito.

A progressão a seguir será a dada no decorrer do ensino preparatório (ver *Reglement d'Infanterie*).

Ela deverá ser conduzida de maneira a permitir passar a aplicação ao mesmo tempo que os exercícios de combate e serviço em campanha.

#### **Adextramento físico**

Os exercícios físicos tais como ralies, cross-country, corridas no campanário, e de uma maneira geral todos os exercícios tendo por fim treinar o homem em percorrer o campo e transpor obstáculos constituem um excelente meio de adextramento.

\*

\* \*

### **IV — O HOMEM DE LIGAÇÃO**

#### **Considerações gerais**

Após haver definido a missão do homem de ligação, o regulamento nos avverte que se emprego não se faz em princípio, senão em terreno coberto, à noite e num tempo de nevoeiro.

Si bem que restrito, e isto em razão das situações que o limitam, este emprego exigirá homens bem adextrados e possuidores das qualida-

des gerais requisitadas para o homem utilizado como agente de transmissão, tanto no ponto de vista moral como no ponto de vista da instrução.

E' necessário, com efeito, que como o agente de transmissão, ele saiba se orientar, utilizar o terreno, escolher um itinerario, manter-se em ligação com um chefe ou com os vizinhos, etc.

Segue-se que o adextramento dado aos agentes de transmissão facilitará o dos homens de ligação.

#### **Metodo de instrução**

Será necessário organizar alguns exercícios especiais, destinados a dar a todos os homens à instruir os principios particulares à execução das missões de ligação.

Estes principios conhecidos, bastará continuar o adextramento no decorrer dos exercícios de estudo do combate ou nos próprios exercícios de combate.

Bastará primeiro operar durante o dia e em tempo claro, em terreno coberto mas não acidentado, depois procurar-se-á terrenos acidentados. Operar-se-á da mesma maneira em terreno coberto.

As dificuldades aumentarão consideravelmente quando o terreno for dividido por sebes, valados, muros, etc.

Passar-se-á em seguida aos exercícios de noite, começando por fazer deslocar os instruendos sobre eixos bem visíveis: estradas, caminhos, orla de bosques ou de campo etc. Os exercícios através de campo virão em seguida. Depois, quando as circunstâncias o permitirem, operar-se-á com cerração, nas mesmas condições de acima.

Este ultimo treino será particularmente laborioso e exigirá a repetição dos exercícios todas as vezes que se apresentar ocasiões.

Não se deve esquecer de observar aos homens que a cerração atenua e mesmo deforma os sons.

Quanto aos seres e as coisas, ela modifica seu contorno aparente e seu aspecto.

A direção deverá ser frequentemente controlada na bussola, e a verificação do lugar exato das unidades retomadas, tão frequentemente quanto possível.

#### **As Missões**

O homem de ligação será chamado para cumprir sua missão seja entre duas frações marchando em linha à mesma altura, através de campos e com intervalos variáveis seja entre duas frações sucessivas, em coluna, marchando através de campos ou num caminho. No primeiro caso, o homem de ligação terá que escolher o seu itinerário; no segundo, o itinerário imposto será o caminho seguido pela coluna. Neste

ultimo caso, ele não terá outra coisa a fazer sinão seguir a fração que o precede. Por outro lado, ele deverá ter a preocupação constante de manter na boa direção a fração que o segue. Quantos erros de direção foram cometidos pela falta ou negligencia dum homem de ligação.

No decurso do adextramento o instrutor deverá dirigir sua atenção para os seguintes pontos:

a) — Exigir que o homem de transmissão pare nas bifurcações para indicar exatamente o caminho que deverá seguir a fração que marcha atrás dele; habitua-lo a comunicar ao chefe da fração que o segue, os alongamentos ou os retardamentos do passo da fração que o precede.

b) — Assegurar-se, após uma bifurcação, que a fração que o segue tomou uma bôa direção;

c) — Comunicar a tempo, à fração que o segue, ou áquela que marcha a mesma altura, as dificuldades encontradas por uma das frações e o retardamento possivel desta.

#### Noite de cerração

A noite e em tempo de cerração a missão será mais dificil de ser cumprida.

Será necessário fazer controlar na medida do possivel, os homens de ligação por um graduado.

O risco a evitar será o erro do itinerario da fração que o segue. E' necessário portanto que o chefe da unidade que marcha na testa, ou seu representante, pare frequentemente sua tropa com o fim de se assegurar que todas as frações seguem exatamente o itinerario fixado.

E' preciso notar que, muitas vezes os erros não são dos homens de ligação, mas sim de alguns homens da tropa que não tendo seguido os que os precedem seja por causa do alongamento causado pelo passo, seja por falta de atenção em alguma bifurcação, seja, ainda, apôs uma parada voluntaria, no fim da qual não tornaram a encontrar o caminho à seguir.

#### Consequencias dos erros e processos utilisados e para os reduzir

No desenrolar da Grande Guerra pôde-se notar numerosas ações retardadas ou mesmo comprometidas por causa de erros desta natureza.

Em consequencia mesmo da dificuldade de exercer uma vigilancia eficaz e de determinar as responsabilidades, os remedios para este estado de cousas são dificeis de aplicar.

Será da competencia dos chefes de unidades prescrever frequentes paradas de controle. O passo será retardado; no fim, o tempo perdido será menos consideravel que o que poderia si se extraviasse o grosso da unidade.

Um meio, precário, é verdade, mas sucativo de dar resultados nas passagens particularmente dificeis e na obscuridade, consistirá em fazer agarrar o pano da barraca ou o cinturão do homem que precede pelo homem que vem atrás.

No decurso da instrução, não se deverá deixar passar nenhuma occasião para adextrar os homens de ligação a vencer as dificuldades mais habitualmente encontradas em campanha. Os instrutores esforçar-se-ão para crear estas dificuldades no decorrer do exercicio.

Não será necessário estabelecer, para este adextramento, um programa especial,, bastará inclui-lo no programa dos outros exercicios de combate.

---



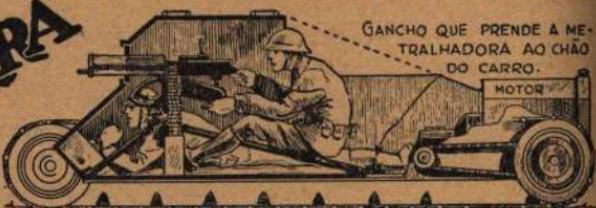
CIA. SOUZA CRUZ

Novos Armamentos

NA TERRA

CARRO DE COMBATE  
GUARNECIDO PDR 2 HOMENS

# DE GUERRA NO AR



BOMBAS FORMIDAVEIS  
QUE PODEM SER DIRIGIDAS PRECISAMENTE  
SOBRE UM OBJETIVO  
COM O AUXILIO DE UM  
PILOTO, QUE DEPOIS DE EXECUTAR  
A SUA MISSAO, ABANDONA O ENGENHO,  
LANCANDO-SE PARA QUEDAS



TORPEDOS AEREOSS

DOIS SOLDADOS GUARNECEM ESSE NOVO TIPO DE CARRO DE COMBATE DE PROPORÇÕES BASTANTE REDUZIDAS: UM DIRIGE O CARRO E OBSERVA E O OUTRO TRABALHA COM A METRALHADORA

de destruição e, como se verifica pelas ilustrações, diminuem consideravelmente o efetivo das guarnições.

Os dois fatores importantíssimos que naturalmente ainda não permitiram seu uso na guerra atual, embora não tenha havido ainda batalhas de grande envergadura, são o seu elevado valor de custo e o grande espírito de sacrifício de que devem estar dotadas suas guarnições.



Os mais recentes inventos tributados à arte a guerra pelos técnicos norte americanos são dotados da enorme poder

SUBMARINO DE UM SÓ TRIPULANTE

NO MAR



# LIVROS DO EXÉRCITO

## Autores Militares

A DEFESA NACIONAL criou esta interessante secção, na qual serão feitas ligeiras apreciações dos livros publicados pela Biblioteca Militar e de outros, de autores militares, que aparecerem a público.

Para dirigi-la convidamos o 1.<sup>º</sup> Ten. UMBERTO PERGRINO que escreve com correção e encanto e que, apesar de sua idade, já tem bem apurado espírito de crítica construtiva e cultura notável.

Ele dará aos nossos leitores, mensalmente, o registro de uma ou mais obras, começando, hoje, pelo "Panorama do Segundo Império", do Cap. NELSON WERNECK SODRÉ — uma inteligência fulgurante que, bem orientada, muito poderá fazer pelo Exército.

O último livro do nosso camarada Nelson Werneck Sodré honra tamente a cultura e a inteligência do Exército. "Panorama do Segundo Império (Ed. Brasiliana - 1939) só tem de panorama o nome. A verdade trata-se de um estudo agudo e muito lúcido sobre aqueles vinte e cinco anos decisivos da formação brasileira. Nelson Werneck Sodré desmonta o venerando organismo imperial, separa cada peça, sopra poeira e vai pondo de um lado. Desce às profundezas, revolve enredos, vai buscar onde estejam os elementos com que explicará o que é preciso explicar. E a gente o acompanha com facilidade através de tudo isso. O material é copioso mas não fatiga, e as conclusões se

apresentam naturalmente. Não há aspecto do Segundo Império que Nelson Werneck Sodré não tenha esmiuçado, reconstituído, interpretado.

Sobre Pedro II tece uns conceitos que tanto têm de isentos como de precisos: "Era de natureza um tímido, cuja vontade se levantava quando contrariada". — "Era um bom, com certeza, porque protegeu outros indivíduos menos afortunados. Era um justo — mas um justo doméstico. Exemplar chefe de família, educador correto dos filhos simples no trato com os demais — virtudes de homem particular". Como homem público o que se vê é que pesou pouco nos acontecimentos, tendo, entretanto, sofrido fundamentalmente a influência deles: "Era humano e, quanto pretendesse viver à margem da torrente, ela o dominou e conduziu, assoberbou-o por vezes". E continuando: "No panorama imperial Pedro II, em vez de representar uma das forças em jogo, em vez de agir e agitar-se, amesquinhou-se, fugiu ao seu papel absteve-se de intervir. No esforço de pôr em evidência os seus dotes de homem particular, realçou o apagado e o vulgar da sua função pública do seu papel político. Note-se que o único problema brasileiro que interessa um pouco, o único assunto de natureza política e social que o atrai, sobre o qual existe opinião sua — é a abolição. Mas porque era a causa superficial, a bandeira da eloquência e o motivo de discussões dentro e fora do Brasil. Era preocupação dos literatos e homens de ciência da Europa".

Em Caxias sim, reconhece Nelson Werneck Sodré, o homem que influiu como ninguém "na marcha política do segundo império" e lhe consagra um dos capítulos mais penetrantes do livro.

Estudando a escravidão, assinala como uma das suas consequências morais mais nefastas e mais fundas "o horror que transmitiu ao homem branco de que o trabalho físico e o trabalho da terra eram aviltantes". Fixa muito bem o desastroso fenômeno subsequente à abolição: "Na existindo industrialização que suporte a transição do trabalho servil para o trabalho salariado o que se nota é uma busca subversão, um hiato tremendo, uma traumatismo profundo, ocasionado por uma massa enorme de indivíduos que necessitam, de certo momento em diante, de se segurar a própria subsistência e da prole, medicando-se e vestindo-se". A lenta assimilação pela coletividade dessa massa de desproveitados e de desherdados é um dos fenômenos mais curiosos da nossa formação social e tem consequências profundas que ficaram na consciência gente brasileira. Surge, então, o mito da vadião do negro, da indolência, do seu primitivismo, da sua desabiação, que o tornaria um peso morto na sociedade brasileira, um elemento de inércia. Ninguna nota, entretanto, o premente traumatismo do desamparo a uma massa enorme, que se vê entregue à própria sorte num país onde as condições econômicas não podiam atenuar ou resolver a transição do trabalho escravo para o trabalho salariado".

A ação do clero no nosso processo evolutivo também é demora-

mente estudada e por fim fixada: "Política, na formação e no impulso aos surtos provinciais. Social, no auxílio e amparo à formação da classe média, ascensão dos negros e circulação das elites".

Quando entra em cena a guerra do Paraguai é posta em evidência certa resultante em geral mal apreciada — a caudalosa evasão de riqueza para o rio Prata, uma vez que a Argentina foi a abastecedora dos exércitos. E é por isso que o autor pode dizer: "Os êrros da política externa do império culminariam com a guerra. Dela adveio o desenvolvimento argentino. "A guerra, contudo, "trouxera uma realização admirável: coroara a obra de unificação".

Nada do que viveu o Brasil sob o Segundo Império escapa a uma análise vertical de Nelson Werneck Sodré. Assim, mostra-nos clans agrários que são pouco a pouco dissolvidos e amputados nas suas prerrogativas, pela política hábil que lhes corta os recursos mas lhes oferece os títulos, os cargos ineficazes e a representação", a política de aniquilamento" a nos oferecer o quadro duma lavoura cada vez materialmente mais forte e cada vez influindo menos na arregimentação política e nas diretivas administrativas do país, numa anomalia extraordinária". A lavoura da cana de assucar é estudada com extensão e profundidade, indicando-se desde logo que só ela "teve, no Brasil, o condão de formar uma sociedade, com todos os degraus da sua hierarquia". O capítulo do café mostra-nos o seu singular papel no destino brasileiro, como veio a ser, em certa altura, um elemento decisivo da nossa unidade: "O fato de o café ter encontrado o seu campo propício nas terras do centro-sul, próximas ao altiplano onde se desenvolvera a mineração já em última fase de decadência quando o Príncipe Regente foge de Portugal, estabelece a continuação do processo de desenvolvimento da colônia e impede que haja uma busca mutação nesse processo, mutação cujas consequências poderiam ser insanáveis para a unidade nacional e para o progressivo estabelecimento, no Brasil, dumha consciência política apta a aceitar e arcar com as responsabilidades do governo autônomo".

Nem faltam, de passagem, observações de uma saborosa e sutil malícia, como aquela em que é assinalada a aparição dos grandes gramáticos nacionais e outra em que se define o abolicionismo como "o grande momento da eloquência brasileira..."

O novo livro de Nelson Werneck Sodré é, pois, obra muito séria, em que a erudição do autor só não se mostra maior do que o seu poder interpretativo. E já não se poderá formular nenhuma indagação acerca do Segundo Império, sem compulsá-lo.



# SOCIEDADE COLONIZADORA DO BRASIL LTDA.

## VENDEM-SE LOTE

Linhas Sorocabana, Noroeste e Norte-Paraná

### Instalações Industriais:

Fábricas: Beneficiamentos de algodão, café, arroz e farinha. Serrarias e Oficinas.

Usinas: Geradoras de electricidade, essências e álcool.

Instalações de Utilidade Pública no Patrimônio: Delegacia de Polícia, Juiz e Cartório de Paz, Agência do Correio, Igrejas Católicas, Hospitais e Serviço telefônico.

## CASA BANCARIA BRATAC

de CARLOS Y. KATO

**JUROS AO ANNO:** Depósito de conta corrente movimento 4%  
Depósito de Prazo Fixo 6%.

**Filiais:** Casa Matriz: Rua Annita Garibaldi, 217 — São Paulo — Caixa Postal, 2975 — Telephones 2-3121 e 2-3122

Av. 10 de Novembro, 68-C — Caixa Postal, 248 — Telephone, 389 — MARILIA

Rua Joaquim Nabuco, 34 — Caixa Postal, 267 — Telephone, 167 — ARAÇATUBA

Par. BASTOS — Est. Rancharia — L. Sorocabana

Par. TIETE — Est. Lussanvira — L. Noroeste

## CASA BRATAC

Importação e Exportação dos Productos Estrangeiros e Nacionais

Casa Matriz — Rua Annita Garibaldi, 219 — São Paulo — Caixa Postal, 21 — Telephone 2-1145

Sucursais: Rio de Janeiro — Santos — Marília — Araçatuba — Ourinhos — Porto Alegre — Lavras (E. Rio G. do Sul)  
Tibagi (Est. do Paraná) — Corumbá (E. Mato Grosso) — Carangola (E. Minas Gerais) — Ribeirão Preto

— RUA ANNITA GARIBALDI N.º 217 — SÃO PAULO —



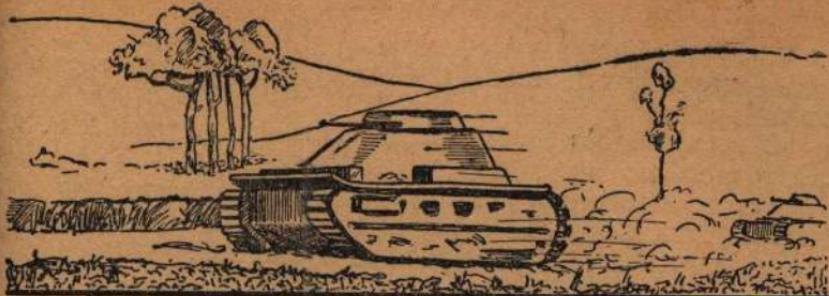
## CASA TOZAN, LTDA.

IMPORTADORA  
EXPORTADORA  
COMMISSARIA  
BANCARIA

Rua Florencio de Abreu, 74/76  
Tel. 3-1141 e 3-1143 - Caixa Postal, 528  
End. Telegraphico: «TOZAN»

SÃO PAULO

Fios de Seda Natural, Fios em Geral, Papel Transparente,  
Artigos para Lavouras, Ferragens, Productos Chimicos.



## Um caso concreto de defesa contra-carros

(Tradução e adaptação da Revue d'Infanterie de Janeiro de 1939)

Por A. CASTRO NASCIMENTO - Capitão de Infantaria

A Instrução sobre o Emprego Tático das Grandes Unidade prescreve em seu Titulo VIII, capítulo III, que a defesa contra os engenhos blindados seja "organizada no quadro da Divisão".

Dispondo de seus meios divisionarios (Companhia anti-carros, de minas e, por certos trabalhos de organização do terreno, da Engenharia divisionaria) assim como dos meios organicos dos Corpos de tropa (estes repartidos pelos regimentos, batalhões, grupo de Art...), o Cmt. da D. I. é a autoridade especialmente indicada para organizar a defesa contra os carros, em todo o sector que lhe fôr aféto.

Esta prescrição estabelece um problema novo para o Gen. Cmt. da D. I. e o seu E. M.

A decisão tomada neste escalão deve ser expressa sob a forma de ordens:

— bastante **precisas**, para que a defesa se torne rapidamente coerente;

— muito **flexivel**, para que as iniciativas dos subordinados possam, no quadro fixado, ser exercidas de acordo com as circunstancias.

Além disso, o dispositivo anti-carros realizado deve:

— estar de acordo com as regras gerais estabelecidas pelo I. G. U. (paragrafo 420);

— integrar-se no dispositivo de conjunto (centros de resistencia, pontos de apoio) da defesa;

— respeitar na medida do possível os laços orgânicos das unidades.

O regulamento de Infantaria francês, em seu Art. 3.<sup>º</sup>, n. I, prescreve:

“Uma utilização judiciosa do terreno, auxiliada pela busca de informações longinquas e sua exploração rápida, é a base da luta contra os engenhos blindados.

## TERRENO

“O terreno influí sobre as possibilidades de ação dos engenhos blindados: por sua natureza, sua inclinação, e pelos cortes e cobertas que apresenta;

“Por sua natureza, o terreno pode ser unido e firme, rochoso ou pantanoso.

Os terrenos unidos e firmes são favoráveis as evoluções dos engenhos blindados.

Os terrenos rochosos obrigam os aparelhos a reduzir velocidade, fatigam os trens de rolamento e causam rutas nas lagartas; quando apresentam escarpamentos, são intransponíveis.

Os terrenos pantanosos ou muito humidos diminuem a aderência das lagartas e podem impedir ou dificultar o movimento dos aparelhos.

“O declive do terreno age por sua inclinação e por sua extensão.

Deve atingir pelo menos 45 graus para constituir um obstáculo, mas os declives menores já prejudicam bastante.

Reduz a velocidade dos aparelhos, obriga-os a marchar seguindo a linha de maior declive, sob pena de virar. Quando é longo, provoca o aquecimento do motor.

“Os terrenos cortados opõem aos engenhos blindados dificuldades de circulação bastante considerável.

Os pantanos, lagôas, os cursos d'água constituem obstáculos sérios aos ataques dos engenhos blindados. A largura e a profundidade dos cursos d'água, a natureza do fundo de seu leito, a disposição de suas margens, são outros fatores que influem sobre o valor de sua eficácia.

Um rio de 3 metros de largura e de 1 metro de profundidade, mesmo com o fundo firme, constitue já um corte que se não deve desprezar.

Os taludes pouco elevados, as vias ferreas e as estradas em aterro ou em corte são obstáculos sérios.

“Os terrenos medianamente cobertos, se bem que favoráveis no conjunto à ação dos engenhos blindados, criam-lhe

no entanto, dificuldades crescentes com a extensão e a impermeabilidade das cobertas. O terreno ligeiramente em aclive na direção do inimigo, com ondulações suaves, desprovido de círculos e medianamente coberto, apresenta as condições mais favoráveis para uma ação combinada de Infantaria e de carros de combate apoiada pela Artilharia.

As cobertas impedem as guarnições de observar e, em consequência dificultam a busca de informações sobre o inimigo. Obrigam-nas a se deterem ou retardar para melhor observar.

A progressão dos engenhos blindados opõem-se obstáculos tão mais consideráveis quanto melhor se prestam, por sua natureza, à organização rápida.

E' assim que:

— as zonas de florestas e as grandes aglomerações são muitas vezes impraticáveis ás unidades importantes de engenhos blindados;

— as aldeias, as florestas de árvores grossas e muito aproximadas (menos de 5 metros), as matas densas podem se tornar impermeáveis aos engenhos blindados, desde que sejam obstruídas as vias de penetração.

### 1) MEIOS DE DEFESA

— "Os obstáculos naturais não são suficientes, na maioria dos casos, para deter os engenhos blindados se não forem completados por diversos meios de defesa.

Estes podem ser **ativos** ou **passivos**.

São considerados ativos quando tem por fim destruir os aparelhos ou de lhes causar avarias impossibilitando-os de agir.

São considerados passivos quando só visam impedir, retardar, ou mesmo deter a marcha dos aparelhos por meios de obstáculos.

**Os meios ativos** que a Infantaria pode dispôr, comprendem:

— **armas automáticas** cujos tiros a curta distância contra os órgãos de visibilidade podem reduzir consideravelmente a ação das equipagens; a bala perfurante atirada pela metralhadora ou o fuzil metralhador fura certas blindagens;

— **o canhão de 37 m/m**, eficaz contra os trens de rolagem e as blindagens ligeiras;

— **o canhão de 25 m/m**;

— **o canhão de 47 m/m**;

— **o canhão de 75 m/m**. quando, eventualmente, as peças são postas á disposição da Infantaria;

- as minas anti-carros;
- os carros de combate;

**Os meios passivos compreendem:**

— as trincheiras de qualquer natureza e particularmente aquelas de perfil especial (1); 3 a 4 ms. de largura; (perfil triangular);

— as barricadas formadas de tronco de arvores, reforçadas ou não por fóssos;

— as rôdes de arame sôbre estacas, sob certas condições;

— Os abatizes, de duas ordens de arvores, no mínimo (1);

— “Obstaculos importantes, geralmente construidos pela Engenharia:

— rôdes sobre estacas de concreto;

— rôdes sobre estacas metalicas;

— péga carros (armadilhas — fóssos disfarçados);

— barragens de ferro em ponta ou de trilhos;

— obstaculos diversos de alvenaria (blocos de cimento armado ligados por correntes).

## II) EMPREGO DOS MEIOS DE DEFESA — PRINCIPIOS

— “De acôrdo com o estudo detalhado do terreno, o chefe determina quais são as zonas praticaveis e as impraticaveis aos engenhos blindados (236 a 240, R. I. F.);

— “A escolha dos meios ativos ou passivos a utiliar em cada zona resulta da importancia tática desta, do tempo disponivel e do terreno.

A combinação dos meios **ativos** e dos **passivos** constitue o caso mais geral.

— “A defeza contra os engenhos blindados deve fazer seu esforço pela protecção da primeira linha de combate (linha principal de resistencia, etc.).

Contudo, quando não dispõe de tempo nem de meios necessarios, na ofensiva como na defensiva, para tornar a primeira linha de combate intransponivel aos engenhos blindados, impõe-se a protecção de todo o dispositivo.

E’ impossivel conseguir que as armas que participam da defesa da primeira linha de combate estejam em condições de atacar simultaneamente a totalidade dos engenhos adversos, que desemboquem em massa.

Por isso, a defesa deve ser organizada em profundidade.

— “Os meios de que se dispõem não são suficientes para

---

(1) R.O.T. — 2.<sup>a</sup> parte. Esses obstaculos são organizados pela Infantaria, particularmente pelos sapadores das unidades.

se obter em toda a profundidade do dispositivo a proteção desejável. É indispensável que o comando disponha de uma reserva de meios de defesa potente móvel, que lhe permita, graças a exploração das informações, manobrar o adversário nas zonas onde conseguir progredir.

Esta defesa pode ser constituída por canhões anti-carros transportados, unidades de carros reservadas e por meio de barragens de minas rapidamente instaladas.

### III) ORGANIZAÇÃO DA DEFESA

#### — “A defesa contra os engenhos blindados é organizada no quadro da Divisão (1).

Na ofensiva e na defensiva, emprega:

— a artilharia da Divisão;

— As unidades anti-carros divisionárias ou atribuídas como reforço à D. I.;

— as armas anti-carros de que as unidades dispõem organicamente;

— eventualmente os carros de que a D. I. pode ser dotada.

O Gen. Cmt. da Divisão coordena o emprego dos diferentes meios com o fim de organizar um sistema de fogos anti-carros coerente e profundo. As medidas tomadas constituem o **plano de defesa contra os engenhos blindados**.

As armas anti-carros das unidades de Infantaria ficam, em princípio à sua disposição.

As armas anti-carros divisionárias podem ser empregadas em reforço dos meios dos corpos de tropa. Elas podem também receber uma missão independente da já dada áquelas. Uma parte enfim, as vezes pode constituir uma reserva móvel da defesa.

O emprego de todas as armas anti-carros da Divisão, que pertencem à Infantaria, à Cavalaria ou à Artilharia, é regulada, com todo o detalhe, pelo plano de conjunto estabelecido pelo escalão Divisão, quando a situação se estabiliza.

#### — “O dispositivo da defesa contra os engenhos blindados é caracterizado pela sua profundidade (2)

Na defensiva, o dispositivo da defesa contra os engenhos blindados se desenvolve em toda a profundidade da posição e comporta sucessivamente, todas as vezes que for possível:

(1) I.G.U.

(2) I.G.U. — n. 385 — Pg. 182 e 183.

— Um escalão estabelecido pelas unidades dos postos avançados;

— Uma barragem anti-carros principal, que se terá sempre interesse em faze-la coincidir na medida do possível, com a barragem geral;

— barragens interiores estabelecidas pelas armas anti-carros escalonadas nos corredores mais favoraveis á penetração dos carros adversos;

— uma barragem estabelecida na altura da linha de deter e destinada á cobrir a artilharia, os postos de comando e as retaguardas;

— uma barragem posterior constituída principalmente pela Artilharia organica e pelas suas armas anti-carros (3).

Uma barragem anti-carros não implica essencialmente na existencia sobre toda a frente de uma linha de fogos continua de armas anti-carros.

Resulta, ao contrario, da combinação judiciosa dos obstaculos passivos, naturais ou artificiais e demeios ativos: **armas anti-carros e campos de minas**. As zonas de terreno onde a progressão adversa é mais facil são aquelas que devem ser dotadas de maior numero de armas anti-carros;

E' indispensavel que o acesso das zonas onde tenham sido organizados os obstaculos passivos e campos de minas possam ser interditadas pelos fógos das armas automaticas, de morteiros ou de lança-granadas.

Quando o alcance eficaz das armas anti-carros atribuidas pela Infantaria à organização de uma barragem é inferior a distancia que separa esta barragem daquela que a precede, ha necessidade de se estabelecer entre elas diagonais ou mesmo verdadeiros pontos de apoio anti-carros.

Estes são destinado a tornar impossivel toda a manobra dos engenhos blindados adversos no interior da faixa do terreno compreendida entre as duas barragens sucessivas.

**A proteção dos flancos é assegurada por meio de barragens particulares estabelecidas sobre as diagonais fixadas pelo Comando superior.**

As unidades de carros eventualmente atribuidas á Divisão e mantidas em reserva podem ser empregadas para travar a ação dos carros inimigos. A intervenção dessas unidades se desenvolverá geralmente sob a forma de contra-ataques, a que a artilharia, a infantaria e as armas anti-carros em condições de agir assegurarão o apoio, a proteção e a cobertura dos flancos, no quadro das previsões preparadas

---

(3) I.G.U. — n. 420 — Pg. 182 e 183.

de acordo com as circunstancias mais provaveis dos ataques dos carros adversos (4)

A organização completa de uma posição defensiva contra os engenhos blindados exige muito tempo e meios materiais importantes; por isso deve ser começada imediatamente e prosseguida continuamente (4).

Cada unidade anti-carro (secção ou pelotão) recebe, em qualquer situação uma missão que comporta uma superficie do terreno a interdizer, e no interior da qual as armas são escalonadas em profundidades. As armas situadas á retaguarda dessa zona devem estar em condições de cobrir com o seu fogo os flancos das armas mais avançadas.

Os locais dos campos de minas devem ser perfeitamente conhecidos das unidades de Infantaria interessadas.

#### IV) EMPREGO DOS MEIOS

##### **Características:**

- Seu numero é limitado;
- Sua eficacia é variavel com as possibilidades de travessia dos carros;
- Os obstaculos artificiais são de demorada construção e em geral frageis;
- Todo obstaculo deve ser batido pelos orgãos de fogo da defesa;
- Os obstaculos podem ser particularmente destruidos por uma preparação de Artilharia.

##### **1 — Na Defensiva:**

- a) **Importancia capital da escolha da posição;**  
deve-se aproveitar no seu traçado o maximo de obstaculos naturais, mesmo com sacrificio parcial da profundidade dos campos de tiro;
- b) **Combinação do fogo com o obstaculo,** que aumenta o rendimento das armas, fazendo-as atuar contra engenhos de marcha lenta ou imobilizados.
- c) **Escalonamento da defesa em profundidade;**  
— ação longinqua por meio de elementos retardados, pela Artilharia, pela Aviação;  
— organização eventual de um escalão de defesa nos Postos Avançados;  
— creação na frente da L. P. de uma barragem anti-

(4) I.G.U. — n. 420.

carros principal, coincidindo, na medida do possível, com a barragem geral (5);

— organização de barragens interiores nos corredores de infiltração;

— estabelecimento de uma barragem na altura da L. D.;

— enfim, organização de uma **barragem aérea** para proteger a Artilharia e os Postos de comando;

d) Prosseguimento dos trabalhos já iniciados;

e) Constituição de uma **defesa ativa móvel** (armas de tração hípo, engenhos auto-motores ou melhor carros) para completar e substituir, si fôr o caso, a defesa **ativa e passiva**.

## V) ATRIBUIÇÕES DO COMANDO

O General Cmt. da D. I. encarrega-se de coordenar o emprego dos meios de defesa. Para isto, estabelece um **Plano de defesa** contra engenhos blindados versando principalmente sobre:

- repartição dos meios;
- plano de fôgos a estabelecer;
- plano de trabalho a executar.

As unidades subordinadas agem no quadro fixado pelo Cmt. da D. I. e indicam **normalmente a ordem de urgencia** dos trabalhos.

## VI) DISCRIÇÃO E EMPREGO SUMARIO DOS MEIOS ATIVOS

### **As minas e as armas anti-carros.**

As minas são um engenho temível porque atacam diretamente as lagartas que constituem a parte mais delicada do engenho blindado; fracas cargas de explosivos bastam para pôr estes fora de serviço assim como o seu trem de rolamento.

Dois modos de emprego das minas:

1.<sup>º</sup> — As minas são enterradas no sólo, a profundidade podendo ir até 50 ou 60 centímetros, dependendo do volume do engenho e da carga de explosivos que contém.

(5) Se esta barragem não puder ser continua, por causa do pequeno numero de armas anti-carros, procura-se **canalizar** os ataques de carros e concentrar todos os seus meios sobre as vias de acesso; e isso se consegue com a utilização de obstáculos materiais, com a colocação de meios passivos ou de obstáculos artificiais. A densidade de 6 armas anti-carros por quilometro permite deter um ataque de carros com efeitos já importante, 40 e 50 carros por quilometro.

2.<sup>o</sup> — Consiste em colocar as minas á superficie dispostas no próprio sólo em sulcos do terreno.

Segundo seu peso e a profundidade a que se deve enterrar as minas tornam-se de manejo e uso mais ou menos facilitados. Sua colocação é mais ou menos rapida em face das escavações a efetuar. Seu disfarce torna-se facil.

Deve-se, em média, considerar que estas minas podem ter um peso de 10 a 15 quilogramas, contendo cerca de 3 a 4 quilogramas de explosivos e que para um quilometro de frente seriam necessarias de 2.000 a 2.500 minas, perfazendo um peso total de 20 a 30 toneladas por quilometros. Essa densidade permite formar uma barragem. (6)

**As armas anti-carros.** Atualmente estão em serviço nos diferentes Exércitos, numerosos materiais de calibres que variam entre 20 m|m a 45 m|m.

## VII) EMPREGO DA ARTILHARIA CONTRA CARROS

O tratamento que a Artilharia deve dar aos carros, em marcha ou parados, requer muito rigor tanto quanto à densidade, ao mecanismo e especie de munição.

A densidade por hectare — 10 minutos, é da ordem de:

300 tiros para o 75 —

150 tiros para o 105 —

75 tiros para o 155 —

Não parece razoável contra tais objetivos prever um tiro de maior duração; mesmo uma duração de 3 min. satisfaz quando feliz e, em função dos resultados observados, será repetido prontamente para maior eficacia ou ainda para corrigir qualquer deslocamento efetuado pelos carros.

Semelhante densidade reduz a um hectare somente a possibilidade de cada Bia., que assim é obrigada á cadencia:

— 8 tiros peça — minuto de 75.

— 4 tiros peça — minuto de 105.

— 2 tiros peça — minuto pelo 155.

## VIII) COLABORAÇÃO DA ENGENHARIA

Não se pedirá aos trabalhos de Engenharia retardar a progressão dos carros em toda a frente da D.I., o que seria impossível por falta de tempo e de meios. E mesmo nessa hi-

(6) Só a preparação de Artilharia do atacante, pode enfraquecer tal defesa.

potece a obrigação de guarnecer com armas anti-carros toda a frente da Divisão subsistiria.

Solicitar-se-á, ao contrário, aproveitando e completando os obstáculos naturais, tornar difícil senão impossível um ataque de carros a certos pontos. Poder-se-á então concentrar as armas anti-carros onde os ataques continuam possíveis.

Em uma palavra, canalizar-se-ão os ataques através das zonas de passagem obrigada, para defesa anti-carros concentradas? Não. Absolutamente.

Como é preciso deter os carros antes da Linha Principal de Resistência, essas passagens obrigadas deverão ser estabelecidas não no interior da posição, porem na zona compreendida entre os P. A. e a L. P. R.. As possibilidades desta zona em obstáculos decidem da escolha da posição.

Admitindo mesmo que não exista articulação da defesa anti-carros, em profundidade, a totalidade das Armas da D.I. só pode proteger eficientemente 2 a 3 quilometros de frente.

Não se pode normalmente esperar cobrir com obstáculos naturais ou artificiais os 8 ou 7 outros quilometros.

## IX) COLABORAÇÃO DA AVIAÇÃO NA DEFESA CONTRA OS CARROS

A aviação com as esquadrilhas de reconhecimento dos C. Ex., participam dessa defesa pelos reconhecimentos e pelos ataques às tropas terrestres.

Os reconhecimentos de aviões deverão descobrir os primeiros aparecimentos dos engenhos blindados.

O avião é o melhor meio de descoberta. Todavia os serviços que pôde prestar são desenvolvidos tendo em vista:

- 1.º) As informações negativas do aviador são sem valor: quando ele assinala: "engenhos blindados não observados", em nada diminue a preocupação de vê-los surgir;
- 2.º) Se assinala seu aparecimento em um ponto ou é imediatamente antes do engajamento e a informação é muito tardia ou então é muito antes do seu engajamento.

Só os ataques aéreos em formações atacando em massa e a bombas são eficazes contra os carros.

Em certos casos particulares o avião pôde igualmente produzir terríveis estragos, atacando a bombas incendiárias

formações de carros localizados em bosques ou localidades, mas isso excepcionalmente.

A aviação, porém, muito coopera na defesa contra carros:

- pelos reconhecimentos à vista e fotográficos, de dia, e pelos reconhecimentos noturnos;
- pelos ataques às tropas terrestres.

Sob o ponto de vista da concepção e da execução, o emprego da defesa anti-carros interessa a todos os escalões do Comando, desde o Gen. Cmt. da Divisão até o Cmt. do Pelotão ou da Secção.

Propomo-nos a:

- recordar sumariamente os meios anti-carros de que dispõe a Divisão;
- definir a situação estudada;
- reproduzir a sucessão das ordens dadas em cada esca-lão;
- indicar, finalmente, sob a forma de informação, o dispositivo anti-carros realizado em vista das ordens dadas.

A organização métodica é feita pela elaboração dum plano de fogos iniciada pela instalação das metralhadoras: ossatura dos tiros de infantaria.

O mesmo acontece na defesa contra os engenhos blindados; é necessário de inicio fixar a **ossatura geral das armas anti-carro**.

E' esta que vamos estudar.

A defesa contra os carros e a contra a infantaria inimiga estão intimamente ligadas e não podem ser dissociadas na prática. Toda a defesa passiva deve estar sob o fogo das armas automáticas; e a defesa ativa contra os carros deve ser protegida pela infantaria.

Os canhões devem ser colocados no interior dos **pontos de apôio** com os seus serventes, ficando sob as ordens do Cmt. do ponto de apôio. Quando a disposição dos pontos de apôio não se presta à boa instalação das armas anti-carros (caso de peças situadas na frente ou no interior da Posição), **pontos de apôio especiais** são instalados fornecendo a infantaria às armas anti-carros o seu indispensável apôio.

E' preciso que as armas sejam empregadas sempre por unidades constituidas (secções, pelotões).

Vamos ver como poderiam ser dadas as ordens dos diferentes comandos. Estas comportam de preferência missões de interdições **em superficie**, adaptadas elas proprias ao modo de ação particular dos carros: escalão sucessivos neutralizando uma superficie determinada do terreno. Só o obstaculo e a cortadura do terreno podem impôr dispositivos lineares.

As duas ideias que vêm de ser expressas levam-nos a noção de "ninhos de peças" (7)

A fim de facilitar a proteção dos canhões e favorecer o exercicio do comando, este processo torna possivel, em certas condições, a manobra dos fôgos anti-carros. Estando grupadas as peças podem, com efeito, em caso de ataque inimigo localizado ou em caso de destruição de uma delas, vir quer concentrar seus tiros sobre o ponto ameaçado, quer substituir a peça neutralizada. Uma tal manobra supõe sómente a construção preliminar, para cada arma, de varias posições de muda correspondentes, em principio, às missões essenciais das outras peças da unidade.

Já empregado em proveito das armas automaticas da Infantaria ,este processo deve tornar-se um reflexo na defesa anti-carros.

## X) MEIOS CONTRA CARROS EXISTENTES NA DIVISÃO

Tomaremos por base os dados dos quadros de efetivos:

### I — Armamento especializado:

(tipo adotado para instrução)

a)	R. I.	N. <sup>o</sup> de peças
	C. R. E.: 1. <sup>a</sup> Secção de 3 peças de 25 . . . . .	3
	Secção de engenho contra carros dos Btis.	
	(2 peças cada) . . . . .	6
	Total . . . . .	9

(7) "Os ninhos de peças" (pelotão ou secção de 25), são, bem entendido ,ao mesmo tempo suficientemente dispersos para não arriscar a destruição pelo mesmo projétil de Artilharia ou de Aviação, e suficientemente reunidas para permitir o exercicio do comando.

b)	Companhia de engenho da Divisão (2 Secções de 3 peças) . . . . .	6
c)	R. C. D. (2 Secções de 2 peças) . . . . .	4
d)	Artilharia . . . . .	—
	Total . . . . .	

## II — Minas: possibilidades de barragem sobre uma linha

a)	R. I. — 500 metros (3 R. I.) . . . . .	1.500 metros
b)	Cia. Div. de Engenhos . . . . .	1.000 "
c)	R. C. D. . . . .	300 "
d)	Pq. A. D. . . . .	1.500 "

## XI) TEMA (Anexo)

## XII) ORDENS DADAS NOS DIFERENTES ESCALÕES DO COMANDO

1. <sup>a</sup> D. I.	P. C. em . . . . .
E. M.	
3. <sup>a</sup> Secção	
Item da ordem geral de operações N. <sup>o</sup> . . . . .	

### 1.<sup>a</sup> Parte

#### (Defesa contra os engenhos blindados)

I) — A defesa contra os engenhos blindados compreenderá:

1.<sup>º</sup> — **A barragem principal contra carros**, coincidindo com a barragem geral, estabelecida a L. dos morros da Boa-Vista-Carrapato-Cota 50 (pelada)-Cota 60-Monte Alegre e sobre o Arrôio Piraquara.

A defesa contra carros dos pontos de apôio dos P. A. e Linha Principal de Resistencia deverá constituir um todo homogêneo. Essa defesa será particularmente, ativa no desembocar dos corredores existentes entre os morros da Cota 180 e do Monte Alegre onde os obstaculos passivos têm menos valôr.

Sómente os canhões contra carros dos Btis em linha serão, em principio, utilisados nessa barragem.

2.<sup>º</sup> — **Uma segunda barragem** será utilisada nas encostas dos Mos. Nazaré-Ricardo-Col. S. José-M.<sup>o</sup> da Estação, Or-

las W de Deodoro-Col. Acampamento, Cinco Mangueiras-M.<sup>º</sup>  
Cel. Magalhães e E. Aviação.

A Companhia Divisionaria de Engenhos Contra Carros e os meios do R. C. D. cooperarão nesta barragem. Repartirão seus canhões pelas Col. do Acampamento-Cinco Mangueiras e Morro Cel. Magalhães e Escola Ae. Militar.

3.<sup>º</sup> — Entre as duas barragens os R. I. constituirão nos seus sub-setores, com as Companhias regimentais de engenhos, linhas de Secções de canhões para interdizer os movimentos **laterais** dos carros, nas regiões do Morro do Capim e V. Militar.

4.<sup>º</sup> — **A barragem posterior**, constituída pelos meios da Artilharia e das reservas da Divisão, será estabelecida sobre os corredores do Vale do Maranguá, na Estrada Rio-São Paulo e sobre o Arrôio Monguêngue.

As localidades de Honorio Gurgel e Bento Ribeiro devem ser defendidas contra os engenhos blindados, pelos grupos de 75 de Ap. Dir. aos R. I.

5.<sup>º</sup> — **Minas**: Os R.I. empregarão as minas postas á sua disposição, na região da barragem principal e ninhos de canhões 25.

As minas á disposição da Cia. Divisionaria de Engenhos C. C., serão empregadas na instalação de uma barragem de 1.000 ms. no Vale entre M.<sup>º</sup> do Jaques e Vila Militar.

As minas provenientes do Pq. M. B. D. serão repartidas:

3.<sup>º</sup> R. I.: 500 metros de minas para ser empregado com a sua dotação em reforço da barragem principal entre M.<sup>º</sup> do Capão e Cota 180.

1.<sup>º</sup> R. I. — 600 metros de minas para ser empregado com sua dotação em reforço da barragem principal entre M.<sup>º</sup> Engenho Novo e Cota 60 Gemeas.

2.<sup>º</sup> R. I. — 500 metros de minas para ser empregado em reforço da barragem principal entre Cota 60 (N. W. Guaraciaba) e morro Monte Alegre.

6.<sup>º</sup> — **Participação da Engenharia**: 1 Cia. Sap. Min. reforçada por 1 Cia. I. P. encarregar-se-á da construção dos obstaculos no córte do Piraquara e no Arrôio Pavuna, na frente dos 1.<sup>º</sup> e 3.<sup>º</sup> R. I.

7.<sup>º</sup> — **Participação da Artilharia**: — Além dos tiros de detêr, que, em cada sub-setor, serão previstos de maneira a atingir os carros no momento em que estiverem na luta com a barragem geral de Infantaria, o Cmt. da A. D., preverá concentração sobre os carros retardados pelo terreno ou por nossa defesa:

- na região de Guaraciaba, na bifurcação a W. do M. do Jovino;
- durante a transposição do Piraquára e do Pavuna.

Preverá, também, tiros no interior da posição destinados a atacar os carros que encontrarem dificuldade de transposição:

- na via ferrea de Gericinó;
- na Estrada de F. C. Brasil;
- na Estrada Rio-S. Paulo.

**8.<sup>o</sup>** — Todos os estacionamentos dos Serviços e das Unidades de reserveya da D. I., deverão ser completamente barricados e postos ao abrigo de qualquer incursão de engenhos blindados.

O P. C. da Divisão será defendido pelos meios do R.C.D.;

**9.<sup>o</sup>** — O Gen. Cmt. da I./D. será encarregado de assegurar a coesão da defesa contra carros em todo o terreno compreendido entre as 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> barragens (inclusive).

O Gen. Cmt. da A. D. velará pela continuidade da barreira posterior.

Os Gens. Cmts. da I.D. e A.D. mandarão desenhar numa carta de 1/20.000, a representação exata dos campos de minas instalados nas zonas que lhes pertencem.

Essas informações deverão chegar ao P. C. da D. I., 48 horas depois do inicio da ocupação.

Gen. X.  
Cmt. da 1.<sup>a</sup> D. I.

Confére

Cel. Z.

Chefe do E. M.

### XIII) ORDEM DO REGIMENTO DE INFANTARIA 2.<sup>º</sup> R. I. (O R. I. estudado)

O dispositivo do R. I. é o seguinte:

- em 1.<sup>º</sup> escalão: 2 batalhões (I ao Norte) e (II ao Sul);
- em 2.<sup>º</sup> escalão: III Btl., na linha de deter.

#### DEFESA CONTRA CARROS

##### A — Intenção:

Fazer o esforço da defesa ativa:

- na frente da Linha Principal de Resistencia de maneira a manter a Posição ao abrigo dos reconhecimentos dos engenhos blindados;
- no fundo do arrôio que passa a L. dos Morros do Jovino-Dendê-Jaqueira e na região do Posto Veterinario onde o terreno se apresenta favorável à ação dos carros.

Com este fim, economizar os meios de fogo na parte Sul do Sub-Sector, onde o terreno dificulta a ação dos carros devido às elevações existentes.

#### B — Dispositivo e missões particulares.

I) — 1.<sup>º</sup> Batalhão — Empregará a sua Secção de engenhos para bater as encostas N. do Morro do Carrapato e N. da Cota 50 (pelada), de maneira a agir sobre os carros, no momento da transposição do arroio existente.

##### a) Trabalhos a executar:

- Organização da orla W. de Ricardo de Albuquerque.
- Instalação de um campo de mina de 200 ms. cada um entre os morros do Jovino, Dendê e Jaqueira, completando a defesa do quarteirão barrando as estradas que se dirigem para o interior da Posição.

Preparação do arroio que passa a W. de Jovino e Dendê para transformá-lo num obstáculo para os carros.

II) — II Batalhão — Empregará a sua Secção de Engenhos para bater a região do Posto Veterinario-Guaraciaba entre os M.os da Jaqueira e Jaques.

##### a) Trabalhos a executar:

- Instalação de um campo de minas de 00 ms. na região S.W. do Morro do Paiol Pequeno (ponto 26) e outra de 500 ms. para a barragem entre cota 60 (N.W. de Guaraciaba) e Morro Monte Alegre.
- Preparo do riacho que passa a W. de Col. da Palmeira Quebrada, e das cabeceiras do arroio Maranguá para transformá-lo em obstáculo.

**III) — III Batalhão** — A Secção de Engenhos deste Btl. na Cota 46, tem por missão;

- bater o intervalo entre M.<sup>º</sup> do Capim e Col. da Olaria;

- bater na direcção da V. Militar, no vale o arroio Maranguá.

**a) Trabalhos:**

- Preparo das saídas S.L. de Ricardo de Albuquerque;

- um campo de minas de 200 metros na região do Ponto 23 entre M.<sup>º</sup> do Paiol e Estação.

- Preparo do arroio Maranguá na região Sul do M.<sup>º</sup> da Estação.

**IV) — Companhia Regimental de Engenhos:**

Organizará dois ninhos de engenhos sendo um no M.<sup>º</sup> da Estação com a missão de bater os carros que progredirem pelo vale do arroio Maranguá na direcção de Deodoro, batendo na direcção de Col. do Acampamento e outro na Col. da Olaria, batendo os carros que progredirem pelo Vale do Maraguá, na direcção de Vila Militar.

**V — Repartição das minas entre os Batalhões:**

**I Batalhão:** 200 metros de minas para a barragem entre os M.os do Jovino e Dendê e 600 metros para a barragem entre morro do Eng. Novo e Cota 60 (gemea).

**II Batalhão** — 400 metros para empregar na barragem na região S.W. do M.<sup>º</sup> do Paiol Pequeno (ponto 26) e outra de 500 metros para barragem entre cota 60 (N.W. de Guaraciaba) e Morro Monte Alegre.

**III Batalhão** — 200 metros de minas para ser instalado na região do ponto 23, entre Morro do Paiol e Morro da Estação.

. (a) Cel. X.  
Cmt. do 2.<sup>º</sup> R. I.

**XIV) ITENS DAS ORDENS DOS CMTS. DE BTL.**

**I Batalhão:**

**I) — Missão** — Interdizer a transposição do arroio que corre a W. dos Morros do Dendê e Jovino, batendo na direcção das encostas N. do M.<sup>º</sup> do Carrapato e Cota 50 (Pelada) e o desembocar na direcção de Ricardo de Albuquerque;

**II — Meios** — A Secção de Engenhos articulará suas peças na cota 40 (N. L. de Dendê) e no Morro da Invernada de maneira a bater:

- com uma peça o corredor entre Jovino e Dendê, na direção da encosta N. do M.<sup>o</sup> Carrapato;
- com outra peça o corredor entre Dendê e Jaqueira, na direção da encosta N. da Cota 50 pelada.

**III — Trabalhos** — Tornar as Orlas W. de Ricardo de Albuquerque impenetráveis aos carros.

Construir uma barragem entre os Morros do Jovino-Dendê e Jaqueira.

**IV — Mão de obra**

1/2 Pelotão de Sapadores durante uma jornada.

a) Major X  
Cmt. do I Btl.

**II Batalhão:**

**I) — Missão geral** — Bater o corredor entre cota 50 (pelada) e cota 60 (N. L. de Monte Alegre).

**II) — Meios:**

— Uma Secção de Engenhos do Btl.

— Minas para a barragem de 500 metros.

**III) — Mão de obra:**

1/2 Pelotão de sapadores durante uma jornada.

**IV) — Missões particulares:**

Os sapadores do R. I., à disposição do Batalhão, instalarão uma barragem de 500 metros entre Monte Alegre e Cota 60.

Uma barragem de 200 metros no ponto 23 S.W. de M.<sup>o</sup> do Paiol Pequeno.

Prepararão os banhados na zona de ação do Btl., com o fim de detêr a progressão dos carros.

(a) Major I  
Cmt. do II Btl.

**III Batalhão:**

**I) — Missão** — Bater o intervalo entre M.<sup>o</sup> do Capim e Col. Olaria;

— Bater na direção da Vila Militar no vale do Arroio Maranguá, entre Col. da Olaria e M.<sup>o</sup> da Estação.

II) — **Meios** —

Os do Batalhão.

**Minas** — Para um campo de minas de 200 ms. na região de Ponto 23 entre **M.<sup>o</sup> da Estação** e **M.<sup>o</sup> do Paiol**.

III) — **Mão de Obra**.

A do Btl.

Maj. J.

Cmt. do III Btl..

**XV) ORDEM DADA PELO CMT. DA CIA., REGIMENTAL DE ENGENHOS**

1.<sup>a</sup> D. I.

P. C. em Deodoro,

2.<sup>a</sup> D. I.

dia D, às ..... horas.

Carta V. Militar

Escala 1/20.000

**ORDEM A' C. R. ENGENHOS N.<sup>o</sup>.....**

(Para a defesa do S/Setor do 2.<sup>o</sup> R.I.)

I — 1.<sup>a</sup> Secção — Instalar-se-á na Colina de **Olaria** e Cota 40 a S.W. desta Colina e no **M.<sup>o</sup> da Estação**, com suas peças articuladas nesses pontos.

**A) — Missão inicial das peças:**

a) — 1.<sup>a</sup> Peça bater a via ferrea do **Gericinó** na direção S. do Morro do **Paiol Pequeno**.

b) — 2.<sup>a</sup> Peça — bater o vale do **Maranguá** na direção da **Estação da Vila Militar**, o vale de **Maranguá**.

**B) — Prescrições diversas:**

a) — Cada peça organizará posições correspondentes respectivamente à sua missão inicial e, se possível, as missões das duas outras peças da Secção, batendo o flanco da posição de cada peça em sua frente.

b) — Em caso de ataque inimigo localizado ou de perda de um canhão, as outras duas peças da Secção deverão poder rapidamente mudar de missão.

Cada local da peça será protegido por um para dôrso em função da missão precisa que lhe corresponde.

c) — **P. C. do Cmt. da Secção:** Casas da **Olaria**.

d) — **Trabalhos** — O pessoal da Secção iniciará o preparo das suas posições imediatamente, barrando com os meios disponíveis o acesso às mesmas.

**II — Transmissões** — Entre as peças por meio de mensageiros e à vista.

a) Cap. Y.

## XVI) — ORDEM DADA PELO CMT. DA CIA. DIVISORIA DE ENGENHOS

1. <sup>a</sup> D. I.	P. C. em Deodóro,
N. <sup>o</sup> .....	Dia D, ás.....hs.
Carta da Vila Militar	
1/20.000	

ORDEM A' CIA. N.<sup>o</sup>.....

(Para a defesa do Setor da 1.<sup>a</sup> D. I.)

### 1.<sup>a</sup> Parte

I — 1.<sup>a</sup> Secção — Instalar-se-á na **Col. Acampamento-Morro Capistrano**.

**Missão** — Interdizer o corredor entre o casario da **Vila Militar** (quarteis) e o **Morro dos Afonsos**.

II — 2.<sup>a</sup> Secção — Articulada em **Col. Cinco Mangueiras** e **Escola de Aviação**.

**Missão** — Interdizer o corredor entre **Capistrano** e **Cota 180**.

— **Uma peça** — Em **Col. Cinco Mangueiras**, barrando o corredor **V. Militar** e **Morros dos Afonsos**.

— **Duas peças** — Na região de **Escola de Aviação Militar**, bater o corredor entre **Girante** e **Cota 180**.

III — **Minas** — A 1.<sup>a</sup> Secção disporá de 500 metros de minas para uma barragem na região ao N. de **Col. do Acampamento**, e outra entre **Col. Acampamento** e a **Fábrica de Tecidos**.

IV — **Ligações** — **P. C. do Capitão-Col. do Acampamento**.

### P.C. dos Cmts. de Secções:

Cmt. a 1.<sup>a</sup> Secção — **Caixa dágua**.

Cmt. da 2.<sup>a</sup> Secção — **Esc. de Ae. Militar**.

a) Cap. X  
Cmt. da Cia.

## XVII) — NOTA IMPORTANTE

A ordem foi dada pelo Cap. Cmt. da Cia. Divisionaria de Engenhos, em consequencia do paragrafo **“Defesa contra carros” da Ordem Geral de Operações** da Divisão, que lhe fôra destinado.

Graças a esta descentralização inicial, a barragem do grande corredor de penetração situado na região entre **Monte Alegre e Cota 180**, elemento essencial para a defesa contra-carros, pôde ser realizada sem retardo;

— Os Coroneis de Infantaria, momentaneamente desembaraçados desta preocupação poderam concentrar todas suas atividades, sob o ponto de vista defesa anti-carro, na frente e no interior da posição.

E' somente depois de algumas horas de ocupação, quando a ossatura geral da defesa contra-carros estiver instalada, que o General Cmt. da I.D., coordenando os diferentes elementos desta defesa, conforme as prescrições do paragrafo da ordem da Divisão, reorganizará os comandos no sentido da profundidade, facilitando aos Coroneis a sua ação sob todos os elementos que operam em seu Sub-setor.

As Secções da Cia. no corredor ao S. do Setor serão postas á disposição do Cmt. do 3.<sup>o</sup> R. I.

O Capitão Cmt. da Cia. Div. de Eng. e os dois Cmts. de Secção serão tambem póstos sob o Cmdo. do citado R. I.

Cada Secção, embora conservando sua missão propria, encontrar-se-á automaticamente integrada no dispositivo da Infantaria: Pontos de Apoio da Linha de Deter ou Pontos de Apoio especiais, assim como se disse no principio deste trabalho.

## XVIII — ORDEM DO CMT. DA A.D.

### I — Organização geral da barragem posterior.

A barragem posterior será contínua sobre toda a extensão do setor da D. I. Comportará uma parte passiva (localidade) enquadrada por duas frentes ativas:

1.<sup>a</sup> — Entre **Bento Ribeiro e Morro do Silveira** (excl.).

2.<sup>a</sup> — Entre **Col. José Inacio e Honorio Gurgel**, protegida pelo arroio **Monguêngue** e arroio **Mirity**.

3.<sup>a</sup> — Uma diagonal lateral será organizada ao longo da via ferrea E. F. C. B. (linha do Centro).

## II — Missão:

a) — A organização detalhada das partes ativas da baragem incumbirá respectivamente aos seguintes elementos:

— agrupamento de apoio direto ao 1.<sup>º</sup> R. I.: Entre **Costa Barros e Parada Bastos Filho.**

— O Batalhão reserva da D.I. — Entre Morro do **Camboatá e Morro da Agricultura** (inclusive as margens do **Maranguá**).

— O R. C. D. — **Entre o Arroio Maranguá-Deodoro-Morro Cel. Magalhães.**

— Agrupamento de apoio ao 2.<sup>º</sup> R. I. — Entre Parada **Barros Filho** — E. F. C. B. (linha auxiliar) Est. **Honorio Gurgel.**

b) — A diagonal e a frente entre Est. **Honorio Gurgel e Cap. S. Sebastião**, ao longo da via ferrea E. F. C. B. caberá aos elementos do agrupamento de ação de Conjunto, Canhões e minas).

a) Gen. X.  
Cmt. D.I.

## XIX) — OBSERVAÇÕES

1.<sup>a</sup> — Para evitar qualquer erro de apreciação sobre a densidade instantânea do plano de fôgos, transportamos para a carta apenas uma missão para cada arma contra carros: a **missão principal**.

Resta, contudo, explicar que os roteiros dados aos Cmts. de peça, como aqueles que receberam os atiradores das armas automaticas da infantaria:

— comportam obrigatoriamente uma ou duas outras missões eventuais que dessa maneira, em caso de ataque local, podem ser feitas rapidamente concentrações de fôgos sobre os pontos ameaçados.

Essas concentrações possíveis não figuram no plano sobre a carta. Mas apenas nas ordens dadas aos escalões das unidades elementares, (ver ordem Cmt. 2.<sup>º</sup> R. I.), precisando nesses, as missões das peças, que deverão procurar as possibilidades técnicas de cumpri-las.

2.<sup>a</sup> — Na mesma ordem de idéias, nos limitamos, no que se refere aos grupos de 75, figurando peças de ala das baterias, sempre que possível.

Estas, em razão de sua situação, estão aptas a atacar rapidamente os carros em todas as direções perigosas. Mas as outras peças, podem e devem, em caso de aparecimento frontal de carros, participar da defesa imediata e aproximada.

Eis por que a continuidade prática e efetiva da barragem posterior deve ser procurada.

No caso presente foi possível devido ao obstáculo existente e o emprego dos meios batendo os corredores faceis para a progressão dos carros.

Os carros inimigos, não encontrando brechas favoraveis à manobra de retaguarda, são obrigados a atacar de frente.

A Artilharia dispõe então de todas as peças, e não sómente das duas peças das orlas, para os contra-bater. Esta se acha em condições de tomar parte, em condições faceis, contra um grande numero de carros ao mesmo tempo.

3.<sup>a</sup> — O texto das ordens e as indicações trazidas no plano apenas mencionam as disposições que teriam sido realmente tomadas do decorrer dos dois primeiros dias de ocupação. Tal qual, como se a organização estivesse preparada. E' evidente que, se depois deste espaço, o inimigo não atacar, é preciso, sem demora, completar e melhorar esta primeira organização:

- construção de barragens sobre cursos d'água, para criar inundações;
- construção de fóssoes contra carros;
- aumentar e reforçar os campos de minas, etc....

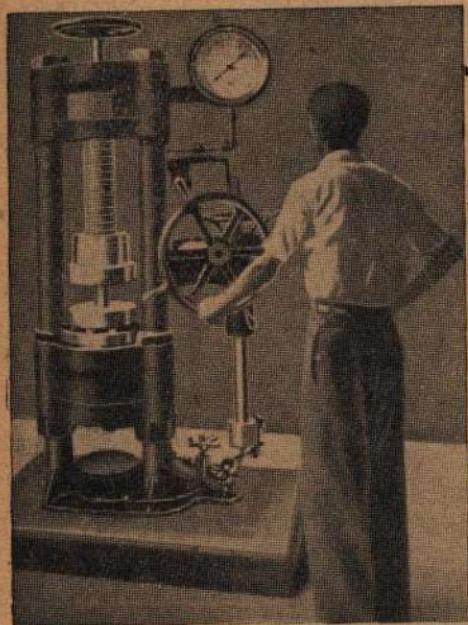
Um ponto, no entanto, merece nossa atenção. Se o conjunto dos trabalhos executados deve ser eficaz contra um ataque de carros inimigos, será igualmente prejudicial a uma intervenção dos nossos carros, em caso de contra ataque necessário.

Por outra, são um perigo os obstáculos importantes voluntariamente colocado entre nós e o inimigo; é preciso evitar que sua presença não revéle claramente ao inimigo, nossa intenção obstinada de defensiva sobre uma parte da frente. A liberdade de ação do adversário arriscaria se encontrar perigosamente aumentada. E' necessário, então, pensar, sem que a capacidade da defesa com isso sofra, preparar através da Posição, corredores de acesso para os carros e artilharia amigas.

Esta nota aplica-se especialmente á questão dos campos minados. Evitar semea-las impensadamente no terreno. A melhor precaução consiste em manter em dia uma carta com os locais dos campos de minas e trabalhos contracarros e que possa a todo o instante ser consultada pelas autoridades interessadas.

No caso de intenção ofensiva, será possível contornar os obstáculos e fazer retirar ou desarmar as minas durante a noite que precede o ataque.

# UNIFORMIDADE



METHODOS descuidados não poderiam manter a uniforme alta qualidade pela qual o cimento "MAUA" tornou-se famoso através de todo o Brasil. Uma ideia do vulto das analyses e controle exacto de laboratorio a que é submetido,

pôde ser obtida pelas photographias acima, que são vistas parciaes do gabinete de pesquisas e analyses na fabrica.

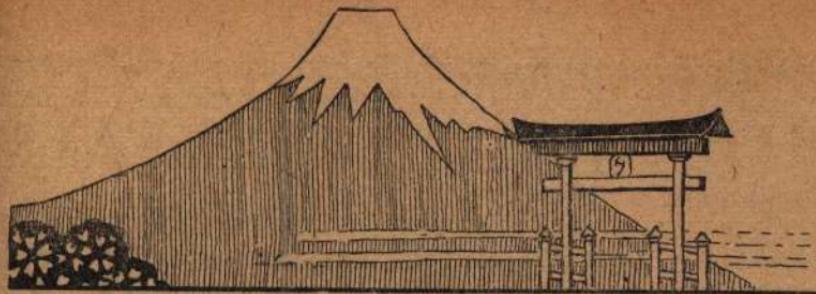
O cimento "MAUA" tornou-se synonimo do mais alto padrão de qualidade e uniformidade.



COMPANHIA NACIONAL  
DE CIMENTO PORTLAND

RIO DE JANEIRO





## Do Japão fechado ao convívio internacional à grande potencia oriental dos nossos dias

ONDE SE FALA DE PORTUGUESES E DE HOLANDESES —  
ABERTURA DOS PORTOS A' MARINHA ESTRANGEIRA  
— FIM DO SHOGUNATO — O IMPERADOR MEIJI E SEU  
EXTRAORDINARIO PROGRAMA RENOVADOR — UM  
POVO TOTALMENTE ALFABETIZADO — DA RESTRI-  
ÇÃO DA NATALIDADE AO FOMENTO DA POPULAÇÃO  
A DENSIDADE DEMOGRAFICA DETERMINANDO A  
EXPANSÃO — A CONQUISTA DA ILHA FORMOSA —  
GUERRA CONTRA A RUSSIA — UM TRIANGULO DE  
FORÇAS DO GRANDE JAPÃO — O ESTABELECIMENTO  
DO ESTADO MANDCHUQUO — O MAJOR LIMA FIGUEI-  
REDO, FIXA PARA A NOSSA REPORTAGEM, ASPECTOS  
DO JAPÃO, NO SEU EXTRAORDINARIO  
ESFORÇO CIVILIZADOR

Rio, dezembro (Bureau Interestadual de Imprensa) — Regressou, ha dias, do Japão, o major Lima Figueiredo, uma das expressões mais vivas da moderna geração militar do Brasil. Escritor, etnólogo, conhecedor minucioso do sertão brasileiro, que já percorreu em todas as direções e em diversas épocas este oficial tem prestado ao seu país numerosos e importantes serviços.

No Oriente, o major Lima Figueiredo permaneceu um ano e seis meses como observador militar junto às forças japonesas em operação na China. Vendo claro e vendo em profundidade, apaixonado pelos estudos sociologicos, s.s. aproveitou sua estada no Japão para estudar minuciosa e detida-

mente, diversos aspectos da civilização desse povo admirável que, quebrando, há menos de um século, o milenar isolamento em que se mantinha, vem dando ao mundo admiráveis provas de inteligência, de capacidade de trabalho, de organização e de dinamismo realizador.

Conversando com o ilustre militar brasileiro em sua residência, tal foi a soma de observações que nos transmitiu sobre a campanha japonesa na China, sobre a economia, a instrução e intercambio nipo-brasileiro que sugerimos a s.s. nos conceder sucessivas entrevistas sobre alguns pontos, para que os brasileiros tenham uma imagem exata do Japão de hoje visto por um observador seguro e desapaixonado.

Hoje, o major Lima Figueiredo discorreu sobre o esforço do Japão nos tempos modernos, por assegurar ao seu povo condições de vida civilizada. Oportunamente, o nosso entrevistado abordará a organização do ensino no Japão.

O Japão, principiou o major Lima Figueiredo, viveu encarcerado, durante séculos e séculos, dentro do seu próprio território, sem nenhuma relação com os demais países. Durante este tempo, somente lograram chegar às ilhas os portugueses e os holandeses. Era mesmo proibido a construção de navios maiores de cem toneladas, afim de que seus filhos não se aventurassem a procurar terras estranhas. Os portugueses, aportando nas costas japonesas, chegaram a implantar a religião católica, que foi, depois, abandonada, em virtude de intransigência de seus sacerdotes. Grande número de padres e de cristãos foram sacrificados em Nagasaki, que era, então, o único porto onde podiam tocar os navios da Holanda e de Portugal. Ainda hoje, se nota a influência que os portugueses exerceram no país, através da língua japonesa, onde encontramos as palavras "vidro", "sabão", "copo" "botão", "abóbora", "catana", além de muitas outras.

Os holandeses, mais habeis, sempre procuraram prevenir os mandarins contra a amizade das nações alienígenas. E lograram as boas graças dos dirigentes japoneses e do povo. A língua holandesa foi estudada com carinho, e, através de livros holandeses, o Japão adiantou muito a sua indústria de construção naval.

No fim do século passado, continuou o nosso entrevistado, algumas potências estrangeiras quizeram obrigar o Japão a entrar, à força, no convívio internacional.

A França, a Inglaterra e os Estados Unidos começaram a tratar seriamente de conseguir esse objetivo. As costas do Japão foram bombardeadas, e em 1855, a esquadra americana do almirante Perry efetuou um desembarque, que teve por

resultado a abertura dos portos japoneses à marinha internacional e o fim do sistema "shogunato".

### SHOGUNATO VERSUS IMPERADOR

— Havia no Japão, esclarece o major Lima Figueiredo, dualidade de governos: o do imperador e o do shogum. Muitas vezes, o shogum anulava a ação do imperador. As autoridades japonesas verificaram a necessidade do fortalecimento do governo do país, afim de que não se tornasse uma colônia estrangeira. Imperava a ordem em todo o país, porém, a civilização material e a instrução deixavam muito a desejar.

Apareceu, então o homem que ia iniciar a grande transformação do Japão. O imperador "Meiji", com feliz clarividência, encetou um trabalho de educação e instrução "à outrance". Hoje, graças a esse esforço extoardinario, o Japão tem cerca de 99 ½ % da sua população alfabetizada. Devemos avaliar este trabalho, lembrando-se que, para ler e escrever, o japonês, é mistér conhacer cerca de tres mil símbolos, no minimo.

Alguns dirigentes japoneses, para facilitar este problema, pensaram em adotar o inglês como língua oficial. O espírito de nacionalismo, que acompanha o povo constituindo, mesmo, o seu traço mais caracteristico, não o permitiu.

### DA RESTRIÇÃO DA NATALIDADE AO FOMENTO DA POPULAÇÃO

Durante o shogunato, havia limitação dos nascimentos, sendo a pratica do aborto largamente empregada no país. O imperador Meiji, reformador seguro, supriu esta pratica e passou a fomentar o aumento da população, que é, hoje, de um milhão por ano.

As pequenas ilhas vulcanicas não puderam suportar o aumento rapido e denso da população e daí surgiu a necessidade de expansão para o continente.

### CONQUISTA DA ILHA FORMOSA

— Assim, por motivos que não vêm ao caso lembrar, em 1895, foi feita a guerra contra a China. Como consequência, o Japão ganhou a Ilha Formosa e o direito de protetorado sobre a Coréa.

A Ilha Formosa era habitada por indigenas que tinham o costume de cortar a cabeça a todos os que ali aportavam e seu primitivo dono foi Caxanga, filho de um chinês com uma japonesa.

A ilha era atraçada, e de aproveitável possuia somente a canfora. Hoje está cortada de estradas de ferro, de norte a sul; transformou-se num verdadeiro jardim. Produz todo o açucar necessário ao Japão, arroz, juta, frutas em abundância, etc..

### GUERRA CONTRA A RUSSIA

O major Lima Figueiredo descreve a Ilha Formosa, que teve ocasião de visitar, e depois, prossegue: — Com tudo isso, ainda estava faltando terras, para o excesso da população japonesa. Quando o povo sofre, quasi sempre a guerra é a terapeutica para os seus males. Em 1903, o Japão viu-se obrigado a guerrear a Russia, considerada potência de primeira grandeza.

Durante este periodo de guerra, apareceram tres homens, que podem ser considerados como o triangulo de formação do grande Japão de hoje. Um civil — o principe Ito; um soldado — o general Nogui; um marinheiro — o almirante Togo.

Ito foi o cérebro que conseguiu engrandecer o país, politica e economicamente. Nogui foi o vencedor de Porto Artur, ato militar que elevou, ante os olhos do branco, aquêle povo de raça amarela. Togo foi o destruidor da esquadra russa na memorável batalha de Tsushima.

Com o resultado dessa guerra, melhoraram as condições de vida do país. O Japão adquiriu a província de Liang-Tung, onde está a cidade de Dairen e teve o direito de explorar a estrada de ferro do sul da Mandchuria, podendo manter uma força, encarregada de garantir a segurança da linha, contra os bandos que cruzavam aquele território em todos os sentidos, edições melhoradas e com mais recursos do bando de Lampeão.

### CONQUISTA DA MANDCHURIA

Pôde-se considerar a vitória que o Japão obteve sobre a Russia como o ponto inicial da conquista da Mandchuria, continuou o major Lima Figueiredo.

A Coréia foi incorporada ao Japão em 1910 e seu rei, ca-

ionesa, passou a fazer parte da sua casa, hoje, em Tokio e exerce as funções de coronel inspetor do ensino do Colegio Militar.

A Coréia é pobre em matérias primas. A sua população apreciava muito pouco o trabalho e, durante os invernos, cortava, sem dó nem piedade a floresta que cobria o seu território. Tem-se, hoje, da Coréia a impressão de uma terra estéril, quando se vê as suas colinas e montanhas completamente despidas de vegetação. O governo japonês está encetando, agora, uma intensa campanha para a arborização do país.

A Mandchuria era uma região completamente diferente da China, já pela sua língua, já pela sua escrita, já pelos seus costumes. Único ponto de contacto entre a China e a Mandchuria, era a conquista mandchu, sobre o Império Celeste. Como havia sido feita pelos mongóis, os mandchús invadiram a China e a governaram durante muito tempo. Isto é bom lembrar para que fique bem claro que mandchú e chinês são dois povos bem diferentes. A China, em certa época, construiu a celebre muralha para evitar que mandchús e mongois a invadissem.

Em 1931, governava a Mandchuria o general Chang-tsu-Liang, ainda jovem, que acabara de herdar de seu pai o direito de governar a região. Surgiu o conflito entre a tropa que tomava conta da estrada de ferro do sul da Mandchuria e a guarnição de Mukden, motivada por uma explosão levada a efeito na estrada de ferro acima citada.

O resultado deste fato foi uma ação militar rápida e decisiva contra o governo da região e a implantação de um Estado novo, com o nome de Mandchukuo, o qual está sendo governado pelo imperador Pu-hi, último imperador chinês da dinastia mandchu, que em 1911, foi destronado em consequência da proclamação da República.

### O QUE É O ESTADO MANDCHUQUO

O Japão, hoje, considera o Estado Mandchukuo como um filho que é preciso proteger e ajudar. O Mandchukuo tem habitantes de seis raças: mandchús, coreanos, russos, chineses, mongóis e japoneses. De todos esses, os mais adeantados são os japoneses e é justo que alguns lugares de direção do país sejam por eles ocupados. O Japão, com a formação do novo Estado, criou uma tanponagem entre a Coréia e a Sibéria e adquiriu um bom campo para obter matérias primas. Pode também enviar para lá seus emigrantes. Em troca de tantas vantagens, ele deu ao povo mandchú um ambiente de paz e

de ordem. Tanto o negociante como o cidadão que tinham balhar descansados, porque o banditismo ali aportavam e extinto. Das duzentas moedas existentes no país, existe, atualmente, uma única com o lastro ouro, coisa que foi julgada impossível pela Comissão Lython, enviada pela Liga das Nações, para informá-la acerca do conflito mandchú. O Mandchuquo possue, hoje, um bom exército, com boa aparelhagem técnica e ótimos oficiais, formados na escola do Japão.

## GUERRA CONTRA A CHINA

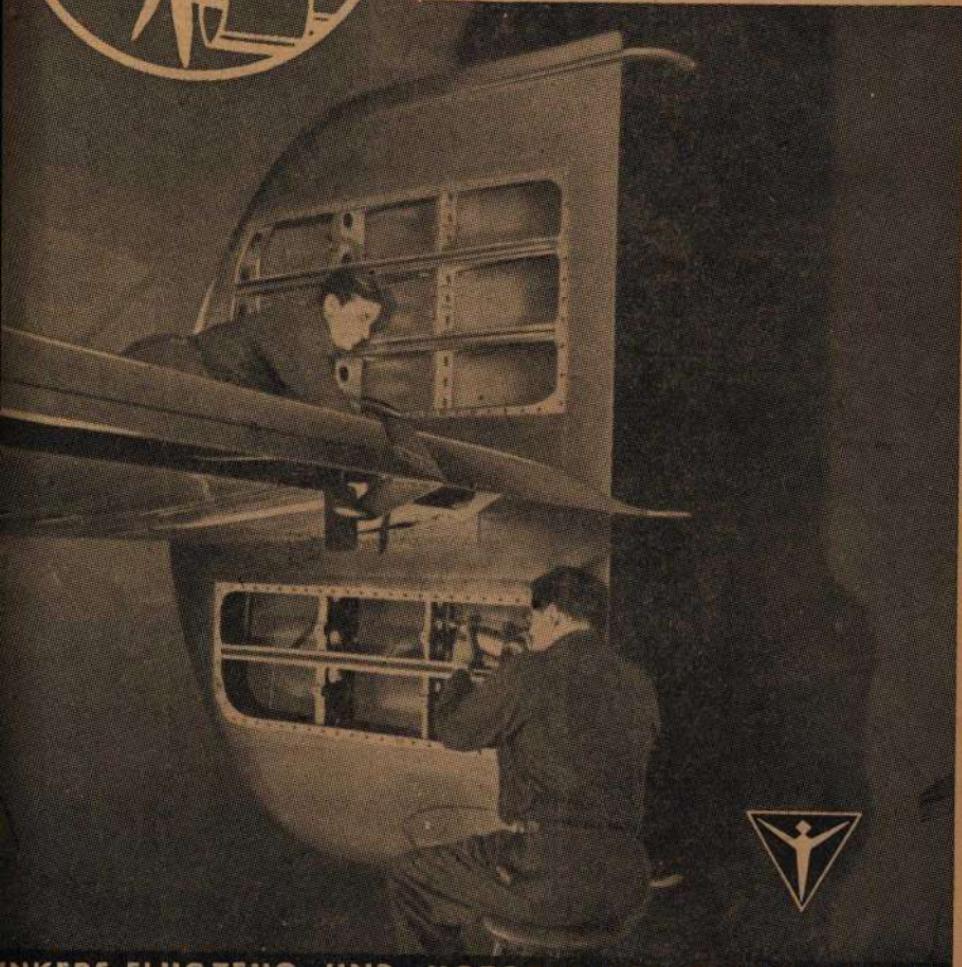
Do conflito da Madchuria, surgiu o atual estado belico entre a China e o Japão. Este país tinha o direito de manter tropas na China, em consequencia da guerra contra o "boxers" e, um dia, quando fazia exercicio noturno, nas proximidades da ponte de Marco Polo, foi a força niponica atacada, de inopino e, como resultado disso, o Japão enviou tropas para a China do Norte, e, mais tarde para a do Centro e do Sul. Todos os portos chineses, todas as principais cidades, os melhores trechos dos rios navegaveis, quasi toda a rede ferroviaria, o correio e o telegrafo da zona mais adeantada se encontram nas mãos dos soldados japoneses. Apesar de tudo, a China continua a resistir heroicamente. O Japão aumentou seu efetivo de 18 divisões de infantaria para 53 divisões. E' humanamente impossível o Imperio Japonês conquistar a China toda. Os soldados japoneses avançam e, logo em seguida, os chineses, sem luta, voltam a ocupar as cidades que ficam na retaguarda, funcionando do mesmo modo que as aguas do mar logo após a passagem do navio.

O chinês não é fraco como parece. E' preciso ter em mente que ele luta contra um dos exércitos mais bem organizados do mundo, servido por oficiais com o espirito dos samurais, isto é, de gente que dá a vida, espontanea e valentemente, desde que esteja em jogo a honra e a felicidade do seu povo. E o major Lima Figueirêdo conclui: O conflito chinês terá que ser resolvido, não pela força das armas e sim pelo trabalho inteligente dos diplomatas dos dois países em luta e das outras potências que têm interesse no extremo oriente.

# SEGREDO de nosso SUCESSO

é o trabalho cooperativo de responsabilidade commum.

Si no torno ou na prancha, cada um se esforça em applicar as experiencias obtidas, afim de fixar ainda mais a fama que gozam os nossos AVIÕES E MOTORES



**INKERS FLUGZEUG- UND -MOTORENWERKE A.-G. DESSAU**

Representante no Brasil: **H. LANGE & CIA. LTDA.**  
**Rio de Janeiro — Rua do Mexico, 90, 6.<sup>o</sup> andar**  
**Endereço Telegr. AGALA — Telephone: 22-7427**

# Egisto Collini & Filho, Ltda.

## INDUSTRIALIS

Fornecedores da Fábrica de Viaturas do Exército, em Curitiba—Fabricantes de Caldeirões Térmicos, Carretas e caixas para munições—Caldeirões grandes para campanha.

Sináis de tráfego automaticos e manuais "PRIMER"—Semeadeira manual para cereais.

Peneiras de aço para máquinas de café, arroz, etc.

Enxugador Metálico "XUGA"

Accessórios para máquinas agrícolas em geral — Escovas de «pita» para máquinas de café.

Peneiras especiais de aço para brunidor de arroz — Chapas perfuradas para todos os fins.

Transmissões, polias, mancais de rolamentos, etc.

Especialistas em serviços estampados, trafilados e tudo que pertence ao ramo de mecânica e eletricidade.

Rua dos Estudantes, 519 - Telephone: 2-4556 - São Paulo

Medalha de Ouro Torino, 1911 — Grande Premio Rio de Janeiro, 1922  
Grande Premio Rosario de Santa Fé, 1926

Endereço Teleg.: - "FRANBA"

Códigos :

Ribeiro - A. B. C. 5th - A. Z.

**SOCIEDADE**

Capital Rs.

AGENCIAS:

Rio de Janeiro, Minas Geraes,  
Paraná, Rio Grande do Sul,  
Bahia, Pernambuco e Pará.

Carneiras, pelícias, mesticós, vaquetas, bezerros, chromo, buffalo, porco, solas, raspas, verniz, etc.



PHONES 5 { 2174  
{ 2175  
{ 2176

**ANONYMA**

10.000.000\$000

SÃO PAULO

Caixa Postal, 2 ]

AV. Água Branca, 2.000

## Fernando Hackradt & Cia.

São Paulo  
Rua Lib. Badaró, 314  
Caixa Postal 948  
Tel.: 3-3176

Rio de Janeiro  
Rua São Pedro, 45  
Caixa Postal 1633  
Tel.: 23-2940

ADUBOS CHIMICOS E ORGANICOS

A CASA MAIS ANTIGA NO RAMO

# **SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL**

A DEFESA NACIONAL tendo em vista facilitar a aquisição de livros, não só militares como a de qualquer outros, á venda nas livrarias do Rio de Janeiro, introduziu na sua biblioteca o serviço de **ENTREGAS DE ENCOMENDAS CONTRA REEMBOLSO.**

Para isso os livros solicitados e em qualquer quantidade serão remetidos ao destinatario sendo a respectiva entrega feita mediante pagamento da importancia á agencia postal da localidade.

O porte, registro e as despesas relativas do SERVIÇO POSTAL DE ENCOMENDAS CONTRA REEMBOLSO correm por conta da Biblioteca sendo incluidos no preço do livro.

A toda encomenda acompanhará a respectiva fatura.

Para facilidade do serviço os pedidos devem ser feitos na ficha para esse fim destinada.

BIBLIOTECA

# P E D I D O

Á Biblioteca de A Defesa Nacional

Caixa Postal 1602 - Rio de Janeiro

Em \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

Pelo SERVIÇO POSTAL DE REEMBOLSO queiram

enviar-me os seguintes livros:

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Corte e mande Pelo Correio

# Aços Roechling Buderus do Brasil Limitada

## Rio de Janeiro

Rua General Camara n. 316  
Tel: 23-5732 - 23-0001  
Caixa Postal, 1717

## São Paulo

Rua Augusto de Queiroz n. 71/103  
Tel: 4-4144  
Caixa Postal, 3928

## Porto Alegre

Avenida Julio de Castilhos, 265  
(Esquina da Praça Vis. R. Branco)  
Caixa Postal, 563 . Tel: 5059  
Endereço Telegraphico "OECHLING"

## Tornos Revolvers e mechanicos Binoculos, Microscopios FIOS DE LÃ PARA TECELAGEM

### Ando & CIA. Ltda.

#### Representações

Rua Boa Vista, 15 4.<sup>o</sup> andar  
Phone 2-7388 — Caixa Postal 2880  
End. Tel. ANDO — SÃO PAULO

AGENTES NO RIO  
K. SAWAMURA

Rua General Camara. 104 Sobr.  
Phone 43-0484 — Caixa Postal 1004

## FREZAS

Todos os typos  
e tamanhos



ALARGADORES  
COSSINETES  
MACHOS

**ALM & HEINRITZ**  
SÃO PAULO

ARTIGOS NACIONAIS QUE SUBSTITUEM EM QUALIDADE OS EXTRANGEIROS

## CORNETA LTDA.

FÁBRICA DE CUTELARIA

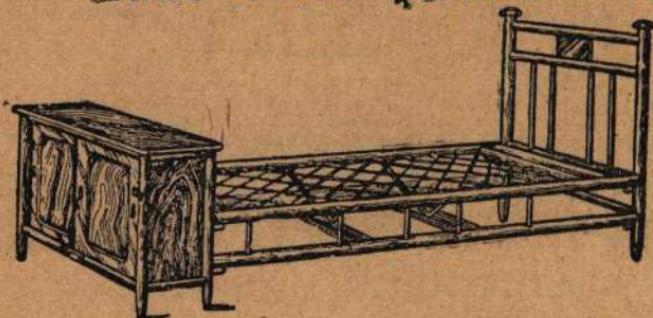
Canivetes, Facas, Foices para sapadores, Facões, e.c.

RUA TURIASSÚ, 306

End. Tel. "Corneta" - Teleph. 5-5099 - Caixa Postal 1963  
SÃO PAULO

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES !

PARA o SEU QUARTEL ...



OU SUA RESIDÊNCIA ...



## CAMA PATENTE

LEGITIMA SÓ COM A *faixa azul!*

L. LISCIO & CIA.



CAMA PATENTE

S. Paulo	—	Rua Rodolfo Miranda, 76 — P. Alegre	Rua dos Andradas, 1025
Rio	—	Rua do Cortume, 38 — S. Christovam	—
Bahia	—	Rua do Chile, 19	— Pelotas — Rua 15 de Novembro, 38
Recife	—	Rua da Imperatriz, 368	— Fortaleza — Rua Floriano Peixoto, 794

# Brazcot Limitada

Exportadores de algodão, Benefício em Alvares Machado,  
E. F. S., Birigui, N. B. Marília  
C. P. José Theodoro. E. F. S.  
S. João B. Vista, C. M. Cambará  
(Est. Paraná)



END. TEL. "BRAZCOT"

Rua Boa Vista, 116 - S.104  
SÃO PAULO

2-6800  
FONES 2-6804  
2-7050

CAIXA POSTAL, 3603

End. Tel. «Superfine»

Caixa Postal «e» (Minúsculo)

## Algodoreira do Sul Ltda. (Southern Cotton Ltd.)

Escriptorio :

Lad. Dr. Falcão Filho, 56-12° and.

Edificio Cde. Matarazzo

Phones : 2-4101 a 2-4103 e 2-7660

Armazens:

Av. Pres. Wilson, 133-141

Phone 3-0271

Desvio Jafet-Ypiranga

São Paulo

— Brasil

# Banco do Estado de São Paulo

(O BANCO OFICIAL DO GOVERNO DO ESTADO)

COMPARAÇÕES DE ALGUMAS CONTAS DE BALANCETE DIA  
30-9-1927 E 31-12-1939

Contas	30-9-1927	31-12-1939
Depositos em C Corrente .	33.651:857\$209	503.421:949\$530
Depositos a Prazo Fixo .	248.563:731\$140	554.638:097\$700
Titulos em Cobrança . . .	17.261:441\$840	69.970:411\$050
Titulos Descontados . . .	52.308:726\$565	340.420:405\$885
Valores Caucionados . . .	93.412:613\$700	404.630:442\$795
Reservas. . . . .	8.857:561\$566	166.707:160\$313

Faz toda e qualquer operação bancaria  
TAXAS PARA CONTAS DE DEPOSITO

C/C. Movimento. . . . .	Juros ..	2 %
C/C. Limitadas. . . . .	" ..	3 %
Prazo Fixo — 3 meses . . . . .	" ..	3 1/2 %
Prazo Fixo — 6 meses . . . . .	" ..	4 %

(A prazos maiores — juros a combinar)

## AGENCIAS:

Araçatuba — Avaré — Baurú — Brás (Capital) — Caçapava —  
Campinas — Campo Grande (Est. de Mato Grosso) — Catanduva —  
Franca — Limeira — Marilia — Mirassol — Novo Horizonte —  
Santo Anastacio — Santos.

# OROXO-ESMERIL

SÃO PAULO

Rua Carlos Vicari, 340

Caixa Postal, 740 — Telephone: 5-0288

Telegrams: "OROXO"

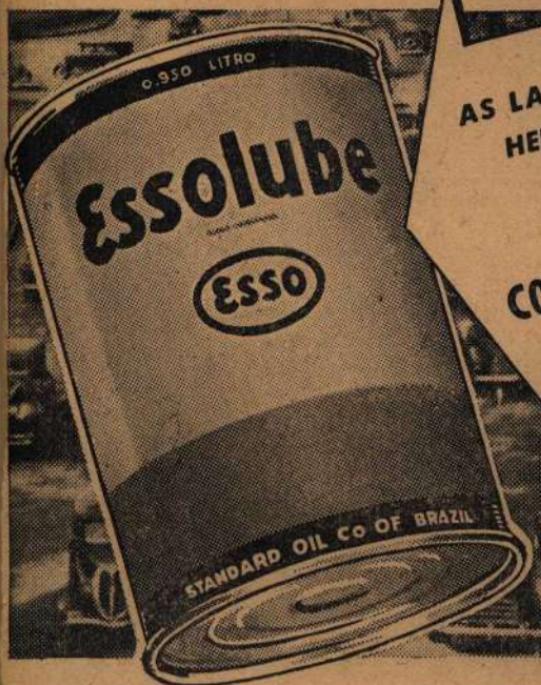
# DISCOS E PEDRAS

de Esmeril, Electro-Corindon e Carbo Silicon

Marcas Itacorund e Itabicorund e  
Carborox em todas as formas e tamanhos

OROXO SIGNIFICA QUALIDADE

# O lubrificante INSUPERAVEL



AS LATAS FECHADAS  
HERMETICAMENTE  
GARANTEM  
PUREZA E  
CONTEÚDO EXACTO!

DEFENDA O  
SEU DINHEIRO



1. Verifique a marca; veja se a lata é realmente de Essolube.



2. Verifique a lata; certifique-se de que é fechada em sua presença.



3. Verifique o conteúdo; observe se óleo é esvaziado em seu carro, até a última gota.

Seja qual for o modelo  
de seu automóvel, ou  
o tipo do seu motor,  
Essolube o manterá em  
excellentes condições de  
funcionamento... pro-  
longará sua vida... eco-  
nomizará em concertos.  
Porque Essolube reúne,  
em grau superior, todas  
as propriedades essenciais

para uma lubrificação per-  
feita. Essolube é, positiva-  
mente, o melhor lubrificante  
que se vende no paiz.

Para protecção do  
motor do seu carro, use  
Essolube e... para sua  
protecção, exija Essolube  
em latas hermeticamente  
fechadas, que garantem  
pureza e conteúdo exacto.

## Essolube

O ÓLEO  
DE MAIOR  
DURAÇÃO

Abasteça-se onde vir o oval

STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

Jantares Dansantes  
todas as noites

Os melhores nu-  
mers de Paris,  
Londres e New  
York!

O mais moderno  
systema de refri-  
geração em todos  
os salões.

Casino da



Redação e Administração:  
**QUARTEL GENERAL DO EXÉRCITO**

Rio de Janeiro — Telefone: 43-0563

## **EXPEDIENTE**

Diariamente das 14 às 18 horas  
O Gerente é encontrado todas as 2.as e 3.as feiras das  
15 às 17 horas.

## **BIBLIOTECA**

**ENDAS DE LIVROS** — Na séde da Sociedade — Diariamente, das 9 às 12 hs. e das 14 às 15 hs.. No Quartel General — (antiga séde) — Diariamente, das 14 às 17 horas; aos sábados das 13 às 15 horas.

**LIVROS EM CONSIGNAÇÃO** — Os Snsr. consignatarios poderão receber os saldos dos meses anteriores, diariamente na séde da Revista durante o expediente da Biblioteca.

**ENCOMENDA DE LIVROS** — A Biblioteca de "A Defesa Nacional" se encarrega da aquisição de livros nacionais e estrangeiros que não existem em depósito em sua séde, mediante encomenda dos Srs. Oficiais.

## **SECÇÃO DE INFORMAÇÕES**

"A Defesa Nacional" mantém uma secção de informações destinada atender aos Snsr. Socios e Assinantes que servem fóra da guarnição do Rio-de-Janeiro.

a) — Fornecer-lhes todas as informações solicitadas sobre interesses pessoais ou militares.

b) — Fazer, mediante encomenda, a aquisição de objetos na praça do Rio-de-Janeiro.

## **SECÇÃO DE PUBLICIDADE**

Diariamente — das 9 às 12 horas e das 14 às 16 horas.

## **CORRESPONDENCIA**

Toda a correspondência relativa à Gerência deve ser remetida para a Caixa Postal 1.602, Rio. As colaborações deverão ser endereçadas ao Major Lima Figueirêdo, Gabinete do Ministro da Guerra, Quartel General, Rio de Janeiro.

## **P R E Ç O S**

ficiais e sub-tenentes . . . . .	{	ano . . . . .	30\$000
		semestre . . . . .	15\$000
argentos . . . . .	{	ano . . . . .	25\$000
		semestre . . . . .	14\$000

Os assinantes avulsos caso desejem que a revista siga registrada devem pagar mais 2\$400 por semestre.

Os oficiais que desejarem ser socios de "A Defesa Nacional", deverão pagar uma joia de 50\$000 de uma só vez ou em diferentes recastações durante um ano comercial.

## **Colaboraram neste número:**

**Dr. Gustavo Barroso**

**Ten. Cel. T. A. Araripe**

**Ten. Cel. Lima Figueirêdo**

**Comt. Carpentier**

**Major Nilo Guerreiro**

**Cap. A. Castro Nascimento**

**1º Ten. Peregrino**

